



THALITA SIQUEIRA DO VALLE BARBOSA

**SOBREPOSIÇÃO DE FALA EM DIÁLOGOS:
UM ESTUDO FONÉTICO-ACÚSTICO**

CAMPINAS,
2013



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

THALITA SIQUEIRA DO VALLE BARBOSA

**SOBREPOSIÇÃO DE FALA EM DIÁLOGOS:
UM ESTUDO FONÉTICO-ACÚSTICO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Linguística.**

Orientador: Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa

**CAMPINAS,
2013**

iii

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

V242s Valle Barbosa, Thalita Siqueira do, 1988-
Sobreposição de fala em diálogos : um estudo fonético-acústico / Thalita Siqueira do Valle Barbosa. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Plínio Almeida Barbosa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise da Conversação. 2. Fonética Acústica. 3. Língua portuguesa - Brasil.
I. Barbosa, Plínio Almeida, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Overlapping speech in dialogues : an acoustic-phonetic study

Palavras-chave em inglês:

Conversation Analysis

Acoustic Phonetic

Portuguese language - Brazil

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Plínio Almeida Barbosa [Orientador]

Maria Bernadete Marques Abaurre

Luciana Lucente

Data de defesa: 12-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Plínio Almeida Barbosa

Maria Bernadete Marques Abaurre

Luciana Lucente



Maria Filomena Spatti Sândalo

Pablo Arantes

IEL/UNICAMP
2013

Abstract

Works such as Schegloff (1998), French e Local (1983), Jefferson (1984), Wells and MacFarlane (1998) have searched acoustic correlates such as duration, pitch and intonation, along with syntactic and semantic analysis of natural speech, evidences that can describe a pattern of acoustic cues and strategies that speakers use during dialogic interaction. Such studies based on data recorded spontaneously or semi-spontaneous claim that these parameters constitute the formation and recognition of possible conclusions turns in conversations, which generates in some cases overlapping speech.

The present work has as main objective to describe a phonetic-acoustic analysis of overlapping speech in Brazilian Portuguese dialogues recorded during a semi-spontaneous dialogue between two participants. The study was composed by a recorded corpus of three semi-spontaneous speech dialogues with six native speakers of Brazilian Portuguese, from the recordings was evaluated (1) the number of overlapping speech in dialogue, (2) the number of turn changes, (3) who initiated the overlap and the duration of these overlaps in each dialogue, (4) the duration of silence between turns of dialogue participants and (5) each overlapping speech was analyzed from the fundamental frequency. The data analysis of the acoustic signal was performed using the speech analysis program Praat (<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>).

After the data analysis was concluded that the majority of the overlap does not have a single parameter that can explain the monitoring of the progress turn trying to project a next turn. Because there is a variation of prosodic parameters during the different kinds of overlapping speech. However, it was possible to evaluate some overlapping patterns, and a differentiation of types of overlay made by speakers of English and Portuguese.

Resumo:

Trabalhos como os de Schegloff (1998), French e Local (1983), Jefferson (1984) e Wells e MacFarlane (1998) têm buscado em correlatos acústicos como duração, frequência fundamental e entoação, juntamente a análises sintáticas e semânticas de falas naturais, evidências que consigam descrever um padrão de pistas acústicas e estratégias que os falantes utilizam durante a interação dialógica. Tais trabalhos, com base em dados gravados de maneira espontânea ou semi-espontânea, afirmam que estes parâmetros configuram no reconhecimento de possíveis conclusões de turno em conversações, o que acaba por gerar em alguns casos sobreposições de fala.

O presente trabalho teve como objetivo principal traçar uma análise fonético-acústica acerca do entendimento destas sobreposições de fala no Português Brasileiro durante diálogos gravados de maneira semi-espontânea entre dois participantes. O estudo se deu através da gravação de um corpus composto por três diálogos de falas semi-espontâneas com seis sujeitos falantes nativos do Português Brasileiro. A partir das gravações foram avaliados (1) o número de sobreposições de fala por diálogo, (2) o número de trocas de turno, (3) quem iniciou a sobreposição e a duração destas sobreposições em cada diálogo, (4) a duração do silêncio entre os turnos dos participantes do diálogo e (5) cada sobreposição foi analisada a partir da frequência fundamental. A análise do sinal acústico dos dados foi realizada por meio do programa de análise de fala Praat (<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>).

Após a análise de dados concluiu-se que a maior parte das sobreposições não apresenta um parâmetro único que consiga explicar a monitoração do curso do turno em progresso de um participante do diálogo buscando projetar uma realização de um próximo turno, pois existe uma variação de parâmetros prosódicos durante os diferentes tipos de sobreposição. No entanto, foi possível avaliar alguns padrões de sobreposição, além de propor uma diferenciação dos tipos de sobreposição feitas por falante do inglês e do português.

Sumário

Lista de Ilustrações.....	xvii
Lista de Tabelas.....	xix
Lista de Siglas.....	xxi
1 INTRODUÇÃO TEÓRICA.....	1
1.1 ANÁLISE DE DADOS EM CONVERSÇÕES ESPONTÂNEAS.....	2
1.2 ESTUDOS SOBRE A PROSÓDIA E A ORGANIZAÇÃO DE FALA.....	6
1.2.1 FORD E THOMPSON (1996) E OS TRABALHOS DE SCHEGLOFF.....	6
1.2.2 WELLS E MACFARLANE (1998)	10
2 ESTUDO-PILOTO.....	25
2.1 PROGRAMA PARA ANÁLISE ACÚSTICA E NOTAÇÃO PARA A DEMARCAÇÃO DOS TRECHOS	28
2.2 ALGUNS DADOS E EXEMPLOS DE ANÁLISE DO ESTUDO-PILOTO.....	30
3 NOVO EXPERIMENTO.....	39
3.1. OBJETIVOS.....	39
3.2. CORPUS.....	40
4 ANÁLISES.....	47
4.1 DURAÇÃO TOTAL DE CADA SOBREPOSIÇÃO.....	47
4.2 RESULTADOS DO SCRIPT 'CONVERSATION ANALYSIS'.....	50
4.3 ESPECTROGRAMAS.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107

Aos meus pais, Elice e Deolindo,
e ao meu irmão, Thiago,
pelo amor e pela ajuda
em todas as horas.

Agradecimentos

Aos meus pais, Elice e Deolindo, por sempre me darem a melhor formação e pelo amor. Ao meu irmão e melhor amigo, Thiago, obrigado por sempre acreditar em mim.

Ao Prof. Dr. Plínio de Almeida Barbosa, orientador presente e dedicado, um exemplo de pessoa íntegra. Agradeço por toda a dedicação e paciência durante todos estes anos.

Ao Grupo de Estudos de Prosódia da Fala, pelo convívio e pelas conversas sobre fonética e sobre a vida. Em especial à Profa. Dra. Luciana Lucente por fazer parte da minha banca e por ser uma grande amiga nas horas vagas.

Aos professores com quem tive contato durante estes anos de Unicamp e que com certeza ajudaram muito em minha formação.

Aos melhores amigos que eu poderia ter conhecido, vocês fizeram da minha vida acadêmica um momento muito especial, feliz e sem limites.

Aos sujeitos Na, Ni, B, G, C e H obrigada, queridos, por cederem seu tempo e suas vozes para que esse trabalho pudesse acontecer.

À Prof. Dra. Sandra Madureira por participar da banca qualificação e me dar ótimos conselhos e avisos.

À Prof. Dra. Bernadete Abaurre por aceitar fazer parte da banca examinadora e por ter sido uma das professoras que me fez gostar um pouco mais da Linguística.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio financeiro para a realização desta dissertação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	15
Figura 2.....	16
Figura 3.....	17
Figura 4.....	17
Figura 5.....	18
Figura 6.....	19
Figura 7.....	19
Figura 8.....	20
Figura 9.....	22
Figura 10.....	23
Figura 11.....	24
Figura 12.....	28
Figura 13.....	31
Figura 14.....	32
Figura 15.....	32
Figura 16.....	53
Figura 17.....	55
Figura 18.....	57
Figura 19.....	59
Figura 20.....	60
Figura 21.....	62
Figura 22.....	63
Figura 23.....	65
Figura 24.....	66
Figura 25.....	68
Figura 26.....	69
Figura 27.....	71
Figura 28.....	73
Figura 29.....	74

Figura 30.....	75
Figura 31.....	77
Figura 32.....	78
Figura 33.....	80
Figura 34.....	81
Figura 35.....	83
Figura 36.....	85
Figura 37.....	87
Figura 38.....	88
Figura 39.....	90
Figura 40.....	92
Figura 41.....	94
Figura 42.....	95
Figura 43.....	97
Figura 44.....	98
Figura 45.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	3
Tabela 2.....	5
Tabela 3.....	34
Tabela 4.....	35
Tabela 5.....	35
Tabela 6.....	36
Tabela 7.....	42
Tabela 8.....	47
Tabela 9.....	48
Tabela 10.....	49
Tabela 11.....	50
Tabela 12.....	51
Tabela 13.....	51
Tabela 14.....	52

LISTA DE SIGLAS

TRP: Transition Relevance Place
LTR: Lugar de Transição Relevante
Fo: Frequência Fundamental
UTE: Unidade de turno estrutural
Spk: Speaker (falante)
O: Overlap (Sobreposição)
S: Silêncio
TS: Turn Share (Tempo de Partilha)
L: Duração
AT: Active Time (Tempo Ativo)
TO: Overlap time (Tempo de Sobreposição)
TSil: Tempo de Silêncio

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA

Segundo a literatura que envolve a Análise da Conversação, que trata do estudo da interação verbal e não verbal em situações cotidianas e procura descrever a forma de interações formais e informais, a conversação seria o gênero básico da interação humana, sendo um produto organizado e com possibilidade de ser estudado (Levinson, 1983, p. 284). Segundo Marcuschi (1986:06-07) esta organização se deve a:

um reflexo de um processo subjacente desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros.

Ainda segundo Marcuschi (1986) é justamente pelo caráter dialógico da linguagem que buscamos entender estas interações e sua organização. Neste trabalho adotamos como definição de conversação a interação composta por pelo menos dois falantes e tendo pelo menos uma troca de turno.

Na literatura sobre conversação há um pressuposto de que a conversação é feita em turnos não superpostos: enquanto uma pessoa fala a outra ficaria em silêncio esperando por sua vez. Assim, Levinson (1983) define a fala conversacional como “um tipo de fala em que dois, ou mais participantes, livremente se alternam na fala”. Teríamos um senso de ritmo conversacional alternante, mas não é isso que é visto nas análises recentes, como no trabalho de Campbell (2007), no qual, a partir de “um amplo número de conversas por telefone em que pessoas eram pagas ‘apenas para falar’ uma com a outra” conseguiu abrir caminho para uma nova visão para a Análise da Conversação ao demonstrar que, ao contrário do que havia sido postulado, a fala

conversacional não é feita como questão e resposta ou tópico e comentário, havendo um padrão muito mais complexo de fala simultânea em que os participantes tentam dominar a interação. Portanto, é frequente não haver silêncios entre um turno e outro, ou seja, os participantes normalmente não esperam em silêncio enquanto o outro está num momento de fala. Na verdade, alguma reação do interlocutor se dá assim que o tópico é dominado pelo mesmo, no momento em que normalmente ocorrem as falas simultâneas. Há uma constante troca de turnos de falas ('speech') e gestos.

Portanto, é possível afirmar que, nas conversações, é muito comum haver turnos durante os quais interagem mais de um falante, por mais brevemente que isso aconteça, pois não há nenhuma ordem pré-definida dos turnos.

Um modelo muito importante e respeitado de tomada de turno é o de Sacks *et al.* (1974), que diz que as falas simultâneas são descritas como 'comuns, mas breves'. Seriam elas breves por se posicionarem essencialmente em finais de turno, ou em torno dos chamados lugares relevantes para transição (*Transition Relevance Place*), que seria o lugar no seu discurso em que o falante em voga pode terminar o seu turno. De acordo com este modelo, as sobreposições (*overlaps*) seriam um resultado de uma 'auto-escolha' e de uma projeção do fim do turno, ou seja, a 'auto-escolha' ocorre quando o falante atual não escolhe o próximo participante, o que abre duas possibilidades: (1) a de que um dos demais participantes faça a escolha de intervir no diálogo no momento que deseje, indicando por meio de gestos, ou (2) um dos demais participantes continue o diálogo exatamente no ponto em que aconteceria a conclusão do turno do outro falante, ou seja, a projeção deste fim de turno. Em trabalho mais recente, Schegloff (2000) trata de sobreposições de turnos competitivos, que ocorrem em momentos em que os participantes qualificam a sobreposição na fala como problemática e com necessidade de resolução.

1.1 ANÁLISE DE DADOS EM CONVERSÇÕES ESPONTÂNEAS

Em seu trabalho Bosch et al (2004) procuram se diferenciar da maior parte dos estudos com conversações espontâneas que são baseadas em pequenas amostras de diálogos bastante formais, o que segundo eles deixa o trabalho sem uma base empírica e descritiva, características estas que eles procuram ter com o uso de um *corpus* maior.

O trabalho destes pesquisadores busca retratar como um grande *corpus* com anotações básicas pode ser utilizado para estudar os fenômenos de tempo em diálogos – em especial a duração média das pausas entre os turnos de um diálogo entre falantes num telefonema, além das diferenças entre diálogos pelo telefone e face a face.

É importante ressaltar que no trabalho em questão as pausas são trabalhadas tanto dentro de um turno, ou seja, as pausas acontecem dentro de um enunciado, como entre os turnos, o que significa que ocorrem entre dois enunciados que fazem parte do mesmo turno. No entanto vale lembrar que turnos de diferentes falantes não precisam necessariamente ser separados por uma pausa silenciosa. Pois é bastante usual acontecerem sobreposições de turno (Sellen, 1995), e estas sobreposições podem ocorrer sem que os falantes sejam indelicados interrompendo um ao outro e competindo abertamente para manter ou tomar o turno. Pelo contrário, a maior parte das pessoas se cala na ausência de *backchannels* de apoio aos interlocutores, que podem se sobrepor totalmente a sua fala, ou ainda servem para preencher o que seriam suas pausas silenciosas. (e.g. Schegloff, 1982; Caspers, 2001). Deixaremos mais claro esta característica durante a análise de dados.

A partir disso, como *corpus* de sua primeira análise Bosch et al (2004) utilizaram 93 diálogos pelo telefone, em torno de 15 horas de fala extraídos de um *corpus* maior chamado de CGN (*Corpus Gesproken Nederlands*) um *corpus* de fala da língua holandesa. Seus primeiros dados aparecem numa tabela (apresentada abaixo) mostrando as médias, medianas e desvios-padrão de três tipos de pausas: 1) pausas ocorrendo na fala durante o mesmo turno; 2) pausas precedendo uma continuação de turno pelo mesmo falante e 3) pausas precedendo a mudança de turno de falante para o outro:

Tabela 1

Pausa	Número	Média	Mediana	Desvio-padrão
Mesmo turno	810	0,30 s	0,28 s	0,21 s
Continuação	1860	0,52 s	0,45 s	0,38 s
Mudança de Turno	6790	0,38 s	0,33 s	0,31 s

A partir desta tabela os autores observaram que as pausas em uma continuação de turno, ou seja o falante corrente fez uma pausa e continuou seu turno, aparecem significativamente mais longas que as pausas feitas em um turno e em mudanças de turno, concordando com trabalhos recentes na área (Jefferson, 1989; Campione e Verones, 2002).

Bosch et al, examinaram a média de duração das pausas entre turnos para os dois falantes, em todos os 93 telefonemas – as pausas foram atribuídas ao falante após a pausa. A partir da distribuição num gráfico mostrando a média de duração das pausas entre os turnos dos dois falantes, obtiveram uma correlação neste conjunto de dados de 0,47 (significativamente diferente de zero; Fisher's $z > 3$, $p < 0,001$), que significa que o padrão observado é significativamente diferente do padrão que poderia se obter por distribuições ao acaso de falante para falante em pares. Isto mostra que esta diferença não ocorreu apenas pela atribuição dos falantes nesses pares, mas que ela permanece quando os falantes nestes pares são trocados, o que ainda sugere o que eles chamam de uma forma de 'acomodação' em relação às durações das pausas entre os turnos, que podem ser interpretados no contexto de mais resultados gerais nos diálogos.

Já para as durações de pausas entre falas num mesmo turno obtiveram que suas durações são bem menores, sugerindo que a 'acomodação' entre falantes se limita principalmente ao fenômeno de tomada de turno, i.e., o aspecto de *timing* é o mais relacionado a essa colaboração entre falantes. Segundo os autores, a partir do caráter geral do diálogo pode se obter diferenças nas extensões das pausas, sendo que numa conversa sobre uma experiência boa compartilhada por ambos os falantes as pausas sejam mais curtas, do que em uma discussão sobre um problema difícil. Eles ainda colocam que seus dados podem ser influenciados pela definição de pausa escolhida, pois não há uma definição que todos concordem sobre como detectá-la e fazer sua marcação em um *corpus*. Nesta pesquisa eles utilizaram para análise a segmentação da palavra como ponto de partida, deixando a interpretação de pausa curta para o procedimento de etiquetagem. É certo que no CGN as pausas curtas têm uma proporção substancial, por volta de 14 % de todas as pausas são mais curtas que 150 ms, um limite baixo. Porém, eles garantem que, por causa da segmentação manual deste material, em nenhum dos intervalos de silêncio curto foi confundido pausa com

intervalo de oclusão. Bosch et al, ainda afirmam que uma pausa de 150 ms precedida de qualquer contorno prosódico pode ser muito mais evidente do que uma pausa longa na ausência de sinais de fronteiras prosódicas.

Para o estudo das sobreposições de fala, os autores, a fim de evitar uma ambiguidade quanto a definição de sobreposição – mais especificamente a quem deveria ser atribuída a sobreposição –, estudaram a proporção de sobreposições comparada ao total do número de mudanças de turno, em vez das estatísticas de duração da sobreposição. Suas conclusões – utilizando dois testes estatísticos diferentes – incidem sobre a influência de gêneros, em 10 telefonemas entre homens mostraram uma maior proporção de sobreposições comparada aos 36 telefonemas entre mulheres (a diferença é significativa no nível de 5 %: $t=1,69$, $df=44$, one-tailed; Wilcoxon $Q=119$, $n_a=10$, $n_b=36$).

Por fim, este trabalho comparou as interações face a face com as ao telefone no *corpus* CGN. As diferenças encontradas foram que (1) as conversas eram mais amigáveis ao telefone, enquanto a maior parte das interações face a face era sobre jogos ou tarefas que estavam realizando; (2) ao comparar 29 interações face a face (301 min) e 32 telefonemas (306 min), as interações face a face possuem uma proporção baixa de sobreposições, há uma diminuição de 52 % nos telefonemas para 44 % nas interações face a face.

Tabela 2

Caso	Telefone	Telefone (%)	Face a Face	Face a Face (%)
Sobreposição	2697	52	1589	44
Pausa na mudança de falante	2491	48	2040	56
Total	5188	100	3629	100

O aspecto de interação durante o diálogo é uma característica que chama a atenção, pois gestos durante a interação fazem com que esta possa se modificar. Este

aspecto é interessante para o nosso trabalho, principalmente por buscarmos respostas quanto aos mecanismos dialógicos dos participantes para resolver a situação de sobreposição.

1.2 ESTUDOS SOBRE A PROSÓDIA E A ORGANIZAÇÃO DE FALA

1.2.1 FORD E THOMPSON (1996)

Ford e Thompson (1996) notaram sistematicamente algumas evidências sobre as formas em que a prosódia se configura na formação e no reconhecimento de possíveis conclusões de turno em conversações. Neste trabalho eles trabalham com a comparação de seus dados aos do pesquisador Schegloff (1998), tomando por base esta comparação, Schegloff (1998) afirma que “Se a sintaxe pode ser usada para escolher uma série de fala como sendo estruturalmente uma possível finalização de turno (dada sua posição sequencial na trajetória do turno), a entoação pode colaborar com essa escolha – ou não.” (Ibidem, p. 237). E: “Claro que colaborar não é escolher/selecionar; certas propriedades da pragmática e propriedades organizacionais do discurso poderão também ter que ser cumpridas a fim de a fala ser possível de ser completada. De fato, a alternativa para “colaborar” é mais forte que simplesmente “não colaborar”. A entoação não final pode bloquear o reconhecimento de finalização por parte do interlocutor (e do analista) quanto ao status de algumas falas em curso como sintaticamente possíveis de completar, até mesmo quando a própria sintaxe suporta esse status.” (Ibidem, p. 238)

Em sua própria contribuição, Schegloff (1996a, pp. 84-90) assinala outro comportamento da entoação na organização de turno e tomada de turno. Parece que a entoação entra não somente na constituição e determinação da realização do turno, mas também em sua projeção. Por exemplo, de todas as possíveis finalizações de turno sintaticamente eleitas que uma unidade constitutiva de turno em progresso possa vir a ter, um falante pode regularmente projetar uma finalização pelo pico de *fo* (em nota, ele diz que não é somente pelo pico do *fo*, mas também por outras características, incluindo as prosódicas, que podem caracterizar a transição de espaço seguindo a

marcação de seu começo, se tiver. Os gestos e a prosódia podem interferir na inferência de onde pode ocorrer a finalização do turno, segundo Schegloff, 1984). A sinalização entoacional significando um final de turno, além de indicar a finalização do turno, é parte da função prosódica.

Considerando o trecho de conversa por telefone entre duas jovens mulheres de Nova Iorque, gravado no final dos anos 60, apreende-se que:

(1) “pode-se notar que os destinatários parecem saber que o pico de *Fo* pode projetar finalizações de turno consideradas iminentes ao recomençar seu próximo turno logo após finalizá-lo, em antecipação àquela finalização”;

(2) “uma projeção do pico de *Fo* de uma próxima conclusão projetada é diretamente seguida de um começo de um novo turno – tão diretamente que nos dois primeiros casos acontecem em momentos de sobreposição final com as sílabas restantes ao final de turno”;

(3) “o som é momentaneamente interrompido depois de um pico de *Fo* e depois de um início de sobreposição para colocar em evidência uma justaposição de interesse”;

(4) “picos de *Fo* podem projetar finalizações iminentes, e podem ser entendidas e representadas por seus destinatários. Observe-se que os destinatários podem evidenciar seu entendimento de que um pico de *Fo* pode projetar, ou seja, antecipar uma finalização de turno ao começar o próximo turno logo após o pico.”

(5) “deve-se observar que, nos casos em que a unidade de turno estrutural continuará após uma finalização sintaticamente possível, ou em que o turno é feito para continuar após o possível fim de uma unidade de turno estrutural (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974; Schegloff, 1982. 1996a), pode não haver um pico de *Fo* onde esperado. Em um dos exemplos que ele apresenta em seu trabalho foi possível perceber que nenhuma das unidades de finalizações vistas foi pensada como um turno de finalização”;

(6) “Alguns picos de *Fo*, que ocorrem antes da realização do turno e de habilitar a transferência do turno podem ser vistos por alguns analistas como tendo sido produzidos pela referência sintática ou por considerações semânticas, ou de modo a enfatizar ou intensificar alguns elementos da fala, e não para referir-se a organização

de turno. É preciso considerar a possibilidade de que a semântica e a sintaxe do enunciado podem ser dispostas de tal forma na concepção do turno, que os picos de *Fo* que esses níveis podem exigir ou convidar serão compatíveis com o uso daqueles picos de *Fo* que projetam/antecipam a próxima possibilidade de finalização como a finalização designada”

(7) “No entanto, se um pico de *Fo* foi usado para enfatizar ou intensificar um trecho de sua fala, mas o outro participante do diálogo pode compreender que as propriedades sintáticas e localização dessa ênfase pode estar projetando uma finalização iminente. Com isso os falantes podem ao iniciar uma *rush-trough*¹ (Schegloff, 1982), ou outra pré-tentativa de iniciar uma nova unidade de turno, para bloquear o próximo turno do outro participante do diálogo, isto pode ser identificado como uma ocasião passível de análise.”

Segundo Schegloff, alguns desses picos de *Fo* podem ter uma herança estrutural e consequências de distribuição de turno, e por sua direção não totalmente determinada pela “intenção” de seus falantes, herdar o que se pode restringir pela própria conduta do falante seguinte. Isto é parte do que ele chama de relacionar a prosódia da organização de turno e a organização da tomada de turno.

As discussões expostas acima, segundo Schegloff, podem nos mostrar uma primeira caracterização do pico de *Fo* como servindo para projetar uma possível finalização iminente, visto que há “(a) uma recorrência observável da prática dos falantes, (b) a aparente compreensão de que alguns picos de *Fo* juntamente com o que os interlocutores querem dizer podem se manifestar por uma ação de resposta fundamentada em sua compreensão, (c) uma orientação dos falantes para a possibilidade de que os interlocutores podem entender sua fala e agir de acordo com esta fala, orientados pelo que o falante fundamentou (por exemplo, quando ocorre um bloqueio de fala antecipado para que o próximo falante inicie seu turno). Nestes casos os falantes o fazem e são compreendidos por terem feito isto e conseguem entender que foram compreendidos pelos interlocutores por terem feito isto.”

1. Numa “*rush-through*” um falante que se aproxima de uma possível realização de turno acelera o andamento da fala, não desacelera, fala através do silêncio momentâneo que intervém entre o fim do turno e o começo do próximo, e lança uma próxima unidade de construção de turno, muitas vezes parando um pouco nesta nova unidade no ponto de “máximo controle gramatical”, por exemplo, depois de uma preposição, mas antes do resto de seu enunciado.

É interessante deixar claro que os picos de Fo são usados desta maneira pelos falantes, mas que não se excluem outras possibilidades de uso deste recurso, inclusive de outros recursos prosódicos como a “desaceleração”, por exemplo.

Neste trabalho também foi ressaltado que quando a interação ocorre sem o apelo visual, como no caso dos dados gravados de conversas por telefone, os recursos de voz podem assumir um papel ainda maior na interação (Schegloff, 1968, 1979, 1986).

Em suas conclusões o autor explica que para o entendimento da fala em interação, a prosódia não nos dá uma solução para todas as perguntas. A prosódia apenas dá um suporte para as diversas formas pelas quais os seres humanos organizam suas interações. “Os participantes de uma interação dialógica exploram a prosódia da fala a fim de contribuir para revelar um plano preparado para aquela fala, ou ainda trazer essa própria preparação. Portanto, para compreender a prosódia é preciso entendê-la dentro de um ‘contexto’.” (Schegloff, 1998)

Nestes contextos, Schegloff afirma que aqueles que são constituídos pelo discurso falado são os mais relevantes para a análise prosódica. Mais diretamente estes contextos podem ser:

- 1 A organização do turno e da unidade construtora de turno, talvez até através da “unidade entoacional” ou “unidade tonal” que muitos pesquisadores vêm trabalhando para desenvolver como recurso analítico;
- 2 A organização de sequências através das quais as trajetórias de ação e postura são realizadas;
- 3 A organização de oportunidades de fala em interação como unidades diretas da fala.
- 4 Entre o que foi apresentado acima, algumas das discussões e hipóteses podem ser confirmadas ou negadas na análise deste trabalho a partir dos dados acústicos das gravações utilizadas, são elas:

Um pico de Fo pode projetar uma possível finalização de turno na finalização gramatical seguinte da unidade sendo produzida nesse momento;

- 1 Evidências desse comportamento podem ser encontradas mesmo com apenas uma instância de pico de Fo.
 - a O pico de Fo é seguido de uma finalização de turno;

- b O pico de Fo é seguido de uma finalização gramatical que começa em outro turno, quer ou não o falante de posse do turno tenha parado de falar; isto é, os destinatários ouvem o pico como uma projeção da finalização;
- c Onde o pico de Fo não é seguido pelo falante chegando à finalização, a fala continuada é marcada por mudanças (fala rápida, fala mais intensa, etc.) orientadas para a possibilidade de que o interlocutor possa tentar começar a falar na próxima finalização;
- d Tais observações mostram que o pico de Fo pode ser entendido como orientado para projetar uma finalização iminente;

(2) Algumas práticas prosódicas ganham significado especialmente pela forma como elas se relacionam com as de outros interlocutores. Valores prosódicos calibrados com o do interlocutor – conformando-se com ou resistindo ao do outro – podem constituir uma ‘arena’ na qual os papéis dos falantes podem ser incorporados, confirmados, ajustados, trabalhados juntos, e assim por diante, tanto em direção um ao outro como em direção a um alvo de orientação mútua. A “negociação de nível de Fo” é apenas um exemplo de como a interação é realizada quase exclusivamente pela prosódia. Estas análises de turno das questões interacionais vêm sendo trabalhadas através de recursos prosódicos.

Ainda é interessante ressaltar que, ao final de seu trabalho, Schegloff (1998) diz que a incorporação da prosódia com a análise das faces durante a fala em interação é um grande desafio que deve ser avaliado a partir de uma instrumentação mecânica, eletrônica ou digitalizada das propriedades acústicas do sinal de fala. Este é um grande interesse do pesquisador para novos projetos dentro dessa área.

1.2.2 WELLS E MACFARLANE (1998)

No trabalho de Wells e MacFarlane (1998), as pesquisadoras destacam alguns pontos propostos nos trabalhos da área sobre as sobreposições de fala, apontando algumas hipóteses como podemos ver a seguir.

Sacks, Schegloff, e Jefferson (1974) investigaram como os participantes negociam para minimizar a quantidade de intervalos de silêncio e sobreposições de fala enquanto alternam seus turnos, e concluíram que a troca de turno deve ser feita por um sistema de gerenciamento em que os falantes atribuem unidades de turno estruturais (UTES)² de duração variável que termina nos chamados LTR³s – locais de transição relevantes. Cada LTR pode ser previsto pelo ouvinte para permitir uma transição suave entre falantes, com isso as pausas e sobreposições são minimizadas.

Jefferson (1983, 1987) demonstrou que as sobreposições de fala não são caracterizadas nem pelo falante corrente nem pelos outros participantes do diálogo como tendo caráter de turno competitivo. Isto implica que os mecanismos de projeção de turno permitem que a sobreposição de fala ocorra sem grandes implicações interacionais. Wells e Macfarlane se perguntaram como algumas instâncias de sobreposição são ouvidas e caracterizadas por seus participantes como um turno competitivo, enquanto outras não são. Para as pesquisadoras a resposta deve se encontrar nas propriedades da “fala de entrada” (incoming talk), a hipótese delas é a de que ao menos dois tipos de sobreposição de fala podem ser estabelecidos pelo próximo falante que são compreendidos como turno competitivo e não-competitivo. Para tanto Wells e Macfarlane consideraram dois atributos – características linguísticas e particularidades fonéticas – e localização – que é precisamente onde alguns destes dois tipos de turno ocorrem durante a sobreposição de fala.

Para trabalhar com a hipótese apresentada acima os pesquisadores utilizaram tanto os trabalhos citados anteriormente, como o trabalho de Jefferson (1983) em que ela categoriza os principais tipos e localizações das falas sobrepostas, incluindo a sobreposição próxima ao LTR que são classificadas de transitória, de progressão e de reconhecimento. O início transitório, segundo Jefferson, descreve a maioria dos inícios de sobreposição, e ocorrem em torno do LTR, que é definido por ela como uma região de possível realização sintática no turno do falante corrente. Ainda segundo Jefferson (1987) e também Couper-Kuhlen (1993), o início dessas sobreposições se daria antes do LTR. Já o onset de progressão ocorre quando o falante corrente alcança um

2 . Originalmente chamado de Turn Construction Units, ou TCUs.

3 . Originalmente chamado de Transition Relevant Place, ou TRP.

“impedimento” (uma quebra na fluência) e hesita com algo como “umm” ou “er”, ou ainda quando repete uma palavra, como por exemplo “Eu- Eu- Eu-“ e o novo falante toma esta oportunidade para começar seu turno. Já na sobreposição por reconhecimento, o interlocutor toma o turno para si quando ele/ela sente que entendeu o ponto principal do que o falante corrente está dizendo, isto é, quando a fala do falante corrente atinge um ponto de adequação semântica.

Nos casos em que o próximo falante toma o turno num ponto que obviamente não é um LTR, Levinson (1983) chama de “interrupção por violação”. Neste tipo de sobreposição nenhum dos falantes tende a largar o turno, ou um deles salienta sua fala diminuindo seu ritmo, e/ou alongando suas vogais, a fim de ganhar o turno, assim os dois têm consciência de que a sobreposição era competitiva. Sobre essas interrupções Schegloff (1987) diz: “... ‘interruption’ is then reserved (roughly) for starts by a second speaker while another is speaking and is not near possible completion.”

Já French e Local (1983) examinaram as interrupções usando uma abordagem analítica da conversação distinguindo interrupções tomando-as como turnos competitivos ou não. Eles argumentam contra o ponto de vista de que estando num lugar que não seja uma LTR, no início do turno, isso caracterizaria o início da fala como um turno competitivo, para tanto usam como evidências casos em que o início de uma sobreposição de fala não competitiva é posicionado em um lugar que não é LTR. E ainda afirmam que o que faz um turno ser ouvido como competitivo é o seu design fonético: especificamente, a combinação de elementos prosódicos como um F_0 mais elevado (h) e o aumento da intensidade (f), caracterizado pelo símbolo <h+f>. Eles definem <h+f> segundo trechos de fala dessa forma:

- 1 ... o trecho de fala é mais agudo e com maior frequência fundamental (F_0) do que a norma do falante ao começar seu turno no ponto em que o outro falante havia completado o próprio turno;
- 2 ... ambos são mais intensos e mais agudos do que qualquer trecho de fala que começa de modo não marcado para tal;
- 3 ... é mais agudo, mas não necessariamente mais intenso em termos absolutos, pois é relativo ao discurso contido no turno corrente. (French e Local, 1983, p.23).

Apresentam ainda quatro tipos de evidência de que os participantes produzem e orientam para <h+f> como indicando uma interrupção no turno competitivo:

- (a) O próximo falante utiliza <h+f> somente no ponto em que termina o turno corrente.
- (b) Um <h+f> por vir faz com que o turno corrente possa ser alterado prosodicamente de uma forma ou de outra:
 - (i) aumentando a intensidade e diminuindo a cadência. O turno atinge o LTR. Isto indica o retorno da competição.
 - (ii) “abaixamento”, ou seja, uma diminuição da intensidade. O turno não atinge o LTR.
- (c) Uma entrada que tem diminuição de Fo e intensidade faz com que aquele que está sustentando o turno suspenda o turno quase que imediatamente. E é seguido por um recomeço atrasado do falante original do turno depois que aquele que o interrompeu tenha terminado. Assim, o falante original trata a entrada como não competitiva. A entrada geralmente tem uma duração bem curta e é caracterizada como um aparte ou “uma observação sarcástica”.
- (d) O falante corrente hesita e outro participante tenta tomar o turno. Se a entrada não se dá num LTR, então o falante original imediatamente recomeça a falar usando <f>, mas não o <h>, até que o turno é resgatado. Assim, o falante original propositalmente não usa <h+f>, que pode ser ouvido como competição pelo turno; apenas produz uma continuação do turno “como sendo legítimo dele”. (French e Local, 1983, p.33)

Frente a esse posicionamento, Wells e Macfarlane fizeram um estudo que tenta responder à seguinte questão: Como a entrada de turnos competitivos se diferencia dos não competitivos nos turnos com sobreposição de fala, em termos de localização e design?

Neste estudo os pesquisadores levantaram as seguintes hipóteses sobre a entrada de um turno ser ouvida como sendo competitiva ou não, ambas devem ser (a) relativamente altas em Fo e em volume e (b) localizadas em qualquer

lugar que não seja o LTR. O esperado era que os casos de onset interjacentes pudessem ser ouvidos pelos participantes como turno competitivo, desde que também sejam <h+f>. Reciprocamente, eles predisseram que os casos de início transitório podem não ser orientados como turno competitivo, qualquer que seja sua característica prosódica.

Nas análises utilizaram um *corpus* de áudio gravado de uma conversação, que eles denominam “natural”, entre três adultos e que tem duração de aproximadamente uma hora. Tendo dois participantes principais, que são duas mulheres – mãe e filha, e um homem – o pai – que raramente fala. Os três são ingleses nativos. O *corpus* é informal, todos os participantes estão na casa dos pais, e M – a mãe – e J – a filha – estão desembulhando presentes de Natal.

A análise é baseada em aproximadamente dez minutos desta gravação, totalizando 170 turnos distintos de fala identificados pelos pesquisadores.

Wells e Macfarlane tentaram ilustrar os diferentes tipos de sobreposição de fala identificados tanto por Jefferson (1983), quanto por French e Local (ibidem):

Inícios transitórios (subtipos):

De acordo com Jefferson (1983), a LTR se refere não somente ao ponto de finalização de turno, mas preferencialmente ao lugar em torno deste ponto, o “espaço de transição”. Assim, o onset pode começar logo após, ou exatamente, ou ainda antes do ponto de completude sintática. Jefferson se refere a eles como *Unmarked-Next-Position Onset* ou Onset de Próxima Posição Não Marcada, *Latched Onset* ou Onset Sem Pausa e *Terminal Onset* ou Onset de Finalização – os três subtipos de início transitório.

- **Onset de Próxima Posição Não Marcada:**

É o lugar onde a transição de turno normalmente ocorre, sendo que o falante continua falando até o LTR, e então para. Um interlocutor começa a falar depois do LTR, seguido de uma pausa de até 0,2 segundos. Neste tipo de início de sobreposição de fala, o falante original retoma a fala ao decidir tomar o próximo

turno, dando origem ao que Jefferson chama de *Byproduct Overlap* ou Sobreposição de Subproduto. Ilustrados por eles neste trecho 1:

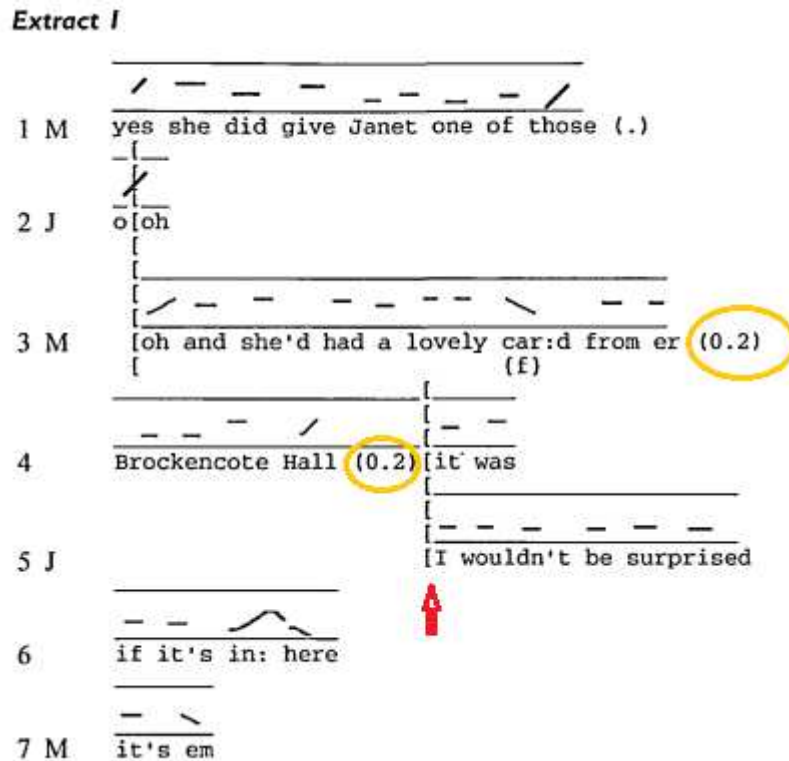


Figura 1. Wells e MacFarlane, 1998.

Aqui os pesquisadores mostram onde está marcado com uma seta o início simultâneo de fala de M e J, após uma pausa de 0,2 segundos (pausas circuladas), em que M desiste do turno, e não há indícios acústicos de que seja um turno competitivo.

- **Onset Sem Pausa:**

É onde não há pausa, nem mesmo um silêncio, entre o fim da fala do falante corrente e o início do turno do próximo falante. Se o falante original continua falando, acontecerá uma sobreposição de fala, pois as duas partes

começaram a falar simultaneamente no próximo turno, outro exemplo do que Jefferson chama de “by-product overlap”.

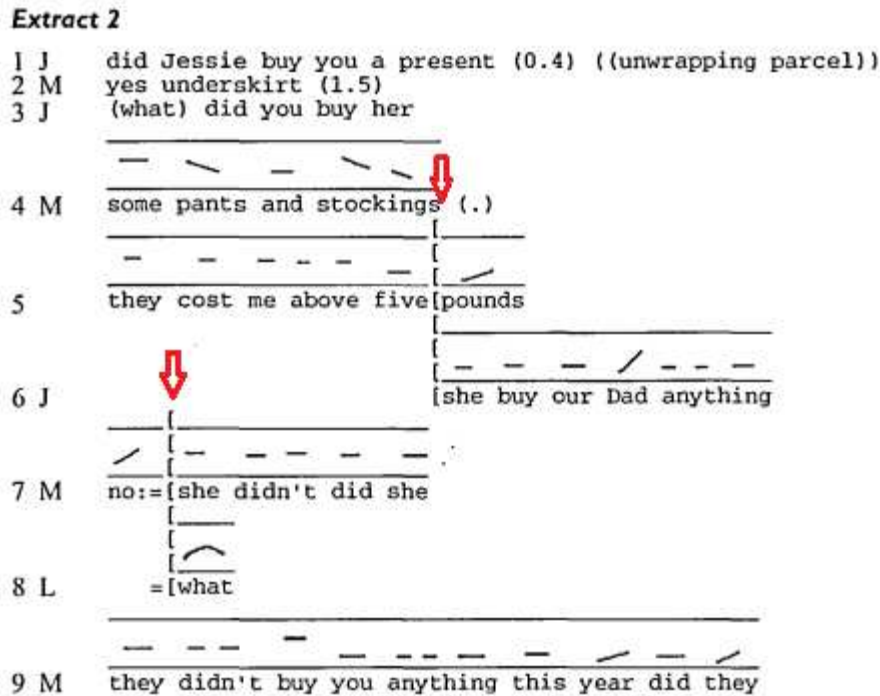


Figura 2. Wells e MacFarlane, 1998.

No trecho 2 temos duas sobreposições de fala. Primeiro há uma projeção de LTR depois de M dizer “no” na linha 7, o que representa uma resposta mínima, mas suficiente para a questão de J na linha 6. No entanto, enquanto L, o pai, vê uma oportunidade de turno na linha 8, M adiciona elementos ao seu turno na linha 7, criando uma sobreposição de fala como subproduto (Jefferson, 1983). Para os pesquisadores não há diferença alguma entre onset sem pausa e um subproduto.

- **Onset de finalização:**

Sobreposições em que o próximo falante sobrepõe-se ao segmento acústico final do falante corrente. Não há mudança alguma nos parâmetros prosódicos o que indica que o turno não é tratado como competitivo pelos

falantes em questão. Pelo fato de começar seu turno logo antes dos últimos segmentos sonoros do falante corrente, pode significar uma antecipação ao LTR do falante corrente com base na semântica. Como no trecho 3:

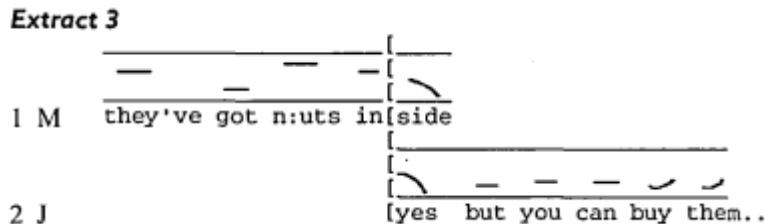


Figura 3. Wells e MacFarlane, 1998.

Neste trecho, é suficiente saber que os chocolates em discussão têm nozes dentro, logo em “in”, não é preciso terminar o “side”, pois o morfema não adiciona praticamente nada de significado para o turno.

Assim como no trecho 4 em que o dêitico “that” na linha 1 pode ser previsto do contexto situacional do diálogo, quando há realização da fricativa dental vozeada no início e também uma queda no fo:

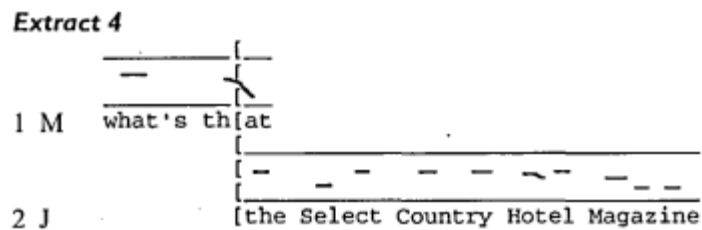


Figura 4. Wells e MacFarlane, 1998.

Pode-se perceber que há uma previsão fonológica também. Dentro desta perspectiva, os autores resumiram as evidências como: onde uma entrada de um provável próximo falante, mesmo na sobreposição de fala, ocorre mais cedo do que a última sílaba acentuada do turno do falante corrente, esta entrada não é tratada como competitiva pelos participantes do diálogo.

- **Onset Interposto:**

A ocorrência deste tipo de sobreposição se dá no curso do turno do falante corrente. Jefferson analisa como tendo dois tipos principais, o *Progressional Onset* ou Onset de Progressão (trecho 8) e o *Recognitional Onset* ou Onset de Reconhecimento. No primeiro caso, ao invés de antecipar o LTR e vir fracionado, o próximo falante intervém quando já tem o suficiente sobre o ponto principal do que o falante corrente está dizendo, isso se dá quando a fala do falante corrente atingiu o ponto de adequação semântica. Jefferson identificou dois tipos de Onset de Reconhecimento: o Onset de Alvo Pontual (*Item-target*) (trechos 5, 6 e 7), quando uma única palavra ou item é sobreposto e o Onset de Projeção Indutiva (*thrust-projective*) (trecho 9 e 10), quando o próximo falante ganha um impulso pela fala do falante corrente. Nesse caso, o novo falante pode sobrepor uma frase inteira (ou mais) do falante original do turno.

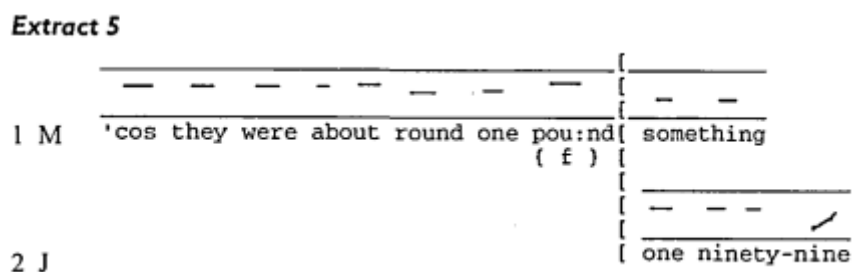


Figura 5. Wells e MacFarlane, 1998.

Na linha 2, J começa seu turno após “one pound” (linha 1). Da perspectiva de J, este parece o item mais importante semanticamente no turno de M já que é o que J realiza com saliência acústica na linha 2. A palavra final “something” de M, que é sobreposta, não adiciona nada ao significado da fala. Entoacionalmente, a sobreposição de J segue o ponto máximo de proeminência prosódica no turno, na palavra “pound”. Esta proeminência transmitida principalmente pelos parâmetros de *fo*, intensidade e duração, são referidos pelos pesquisadores como o acento principal. Na linha 2, J não apresenta características prosódicas de turno competitivo, como descrito por French e Local (1983). Isto sugeriu que

ela previu que M estava para alcançar o LTR. Esse exemplo é semelhante aos dos casos de Onset de Finalização.

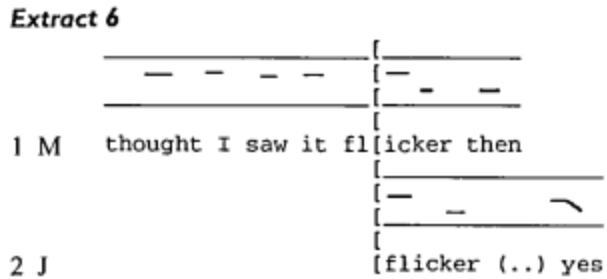


Figura 6. Wells e MacFarlane, 1998.

No trecho 6 parece que a palavra com o principal acento silábico é prevista por J, que profere a mesma palavra na linha 2. Ela foi ajudada nessa previsão pela luz que realmente piscou (o que não é mostrado na transcrição). O onset da entrada de J é localizado após os primeiros segmentos fonéticos da sílaba acentuada “flick-“ terem sido proferidos, mas antes de serem completados.

Já no trecho 7, a palavra sobreposta na linha 5 é prevista mesmo antes dos sons iniciais.

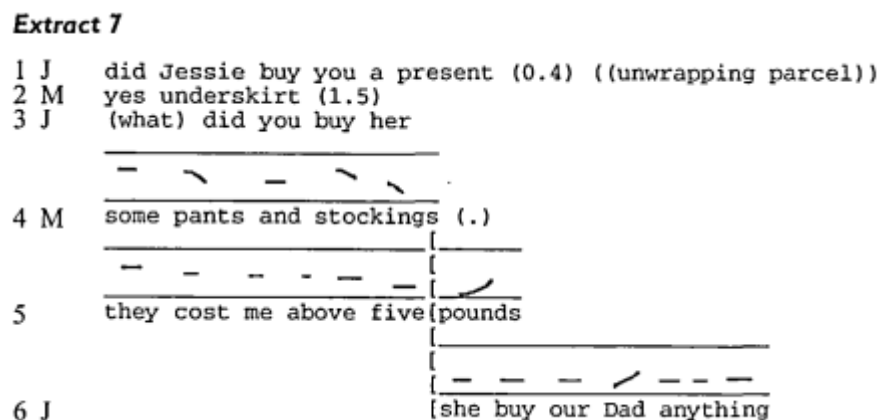


Figura 7. Wells e MacFarlane, 1998.

“Pounds” pode ser projetado por J do contexto de “cost” e “five”, já que estavam falando sobre calças e meias – portanto, nem “five pence”, nem “five hundred pounds” podem ser aplicados aqui. O onset da sobreposição na linha 6

vem antes do que os dos trechos 5 e 6, coincide com o começo da sílaba na linha 5 que carrega o maior acento.

Wells e Macfarlane dizem a partir dos dados acima que a categoria Onset de Reconhecimento do tipo Alvo Pontual e o Onset de Finalização apesar de opostos, possuem similaridade em termos de localização, já que o onset da sobreposição de fala está em algum momento perto do fim do turno do falante corrente. E possuem similaridade também em suas consequências interacionais, uma vez que o onset da sobreposição de fala não é tratado por nenhum dos participantes como turno competitivo. A diferença se encontra no quão antecipadamente está posicionada na fala do falante corrente, e quão perto se encontra da última sílaba acentuada.

Extract 8

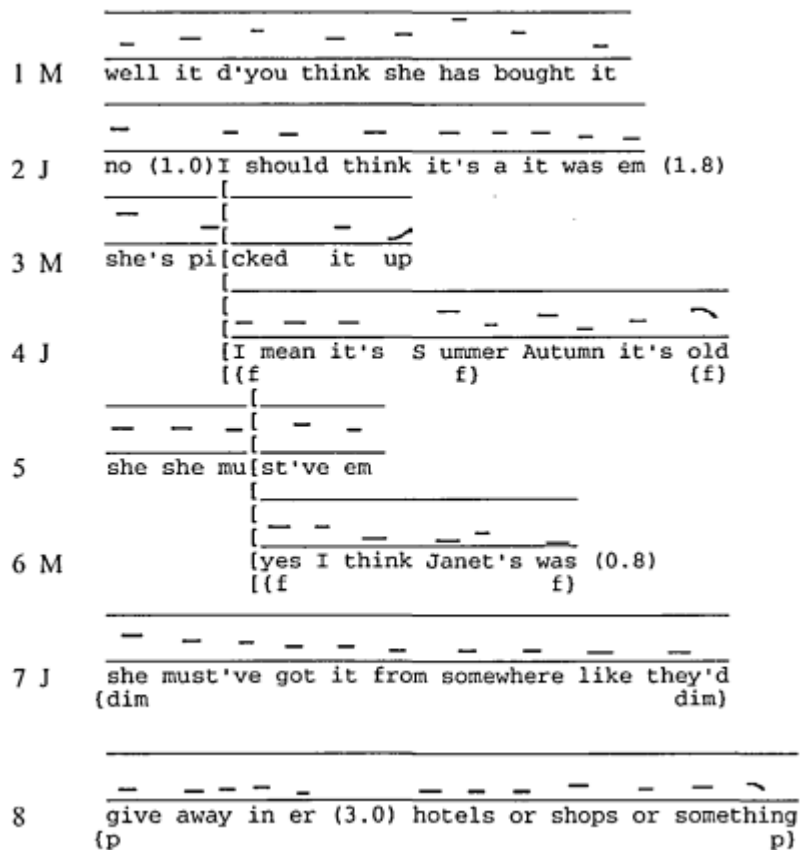


Figura 8. Wells e MacFarlane, 1998.

No trecho 8, temos um exemplo de Onset de Progressão – em que o falante corrente se torna momentaneamente sem fluência, e o próximo participante tira vantagem disso para começar seu turno. Jefferson (1983) tratou de dois tipos de não fluência (a) hesitações que ocorrem quando o falante corrente faz uma pausa, talvez por encontrar dificuldade em encontrar uma palavra; (b) hesitações que ocorrem quando o falante corrente repete algum segmento ou até palavras inteiras, talvez por esquecer a palavra ou por ter que dizer algo que ele não quer, por exemplo, por causa de algum constrangimento. Já Local e French (1983) descrevem as hesitações como já foi dito. Segundo eles, quando isso acontece, o falante corrente recomeça falando usando intensidade, mas não Fo elevado, até que o turno retorne para ele, apenas continuando seu turno, o que pode ser exemplificado no trecho acima. J hesita na linha 2, depois de “it was”. M começa a falar na linha 3 depois de um silêncio. J retoma quase que imediatamente na linha 4, usando uma intensidade até a palavra “Summer”, até que M desiste. No entanto, o Fo de J não fica mais alto. Jefferson (1983) apresenta uma matriz de dados demonstrando que a posição seguida de um silêncio de hesitação deste tipo é um legítimo lugar de transição de turno (LTR).

In [these] fragments, turn-occupant hesitates at a noncompletion place in his or her turn at which point another participant comes-in. In each case the original turn-occupant either immediately or almost immediately recommences speaking and does so in such a way that renders his or her speech more audible than that of the other speaker. Crucially this greater audibility is not achieved by the production of the speech with both increased pitch height and increased loudness but by an increase in loudness alone until the turn is regained (French & Local, 1983, p.31).

Há ainda neste trecho 8 uma repetição na linha 5 “she she”. Os pesquisadores concluíram, assim, que as intervenções podem acontecer em torno de não fluências (seja hesitação ou gaguejo) e não são necessariamente feitos como turnos competitivos da mesma forma que para outros casos de sobreposição de fala que ocorrem mais cedo no turno corrente, que são os Onsets de Projeção Indutiva, como o encontrado no trecho 9, que ocorrem quando o falante corrente não projeta um LTR claramente e um próximo falante começa um novo turno.

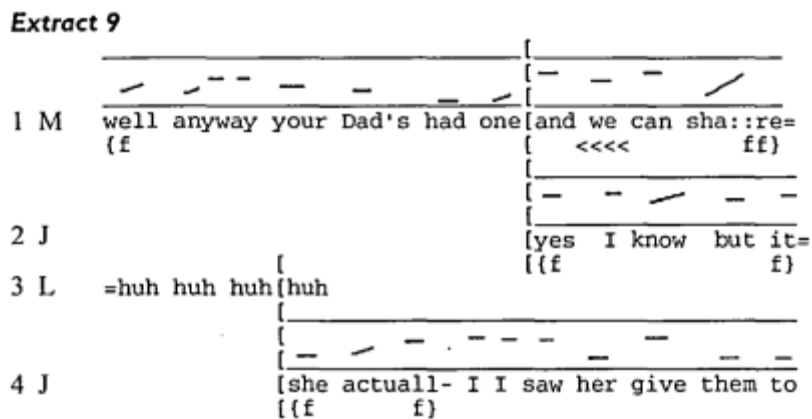


Figura 9. Wells e MacFarlane, 1998.

J utiliza uma intensidade mais alta e um fo mais elevado, não apenas para enfatizar algo para seu próprio benefício, mas mostra claramente que J deseja falar antes de M terminar seu turno, pois J quer contradizer M. M na linha 1 trata J como um turno competitivo, quando aumenta a altura por volta de “we”.

Extract 10

1 J you can buy them in England those Bacis you know
 2 M they're something like those Ferruchos aren't they
 3 J Ferrero Rocho
 4 M o:h [whatever they'm called
 5 J [Rocher Ferr(hh)och(hh)o huh huh
 6 M Ferruchos huh huh
 7 J umm=
 8 M =oh well I mean [I (• +)
 9 J [no they're not (.)
 [f f)
 10 they're no[?:]t really
 (dim dim)

Figura 10. Wells e MacFarlane, 1998.

No trecho 10, J e L discutem sobre uma marca de chocolates. Na linha 9, J realiza o trecho com intensidade baixa e Fo elevado, “no they’re not”, e M desiste na linha 10. Mas nenhum deles ocorre no LTR, porém, são assinalados como turno competitivo por ambas.

- **Onset Ponto Cego:**

Wells e Macfarlane consideram esse tipo uma sobreposição de fala que ocorre em partes depois do começo do turno de um falante. Jefferson chamou de Onset Ponto Cego quando o próximo falante começa sua entrada uma fração de tempo depois do começo da fala do falante corrente, seguindo um LTR e uma pausa (Jefferson, 1987, pp. 165-7).

Extract 11

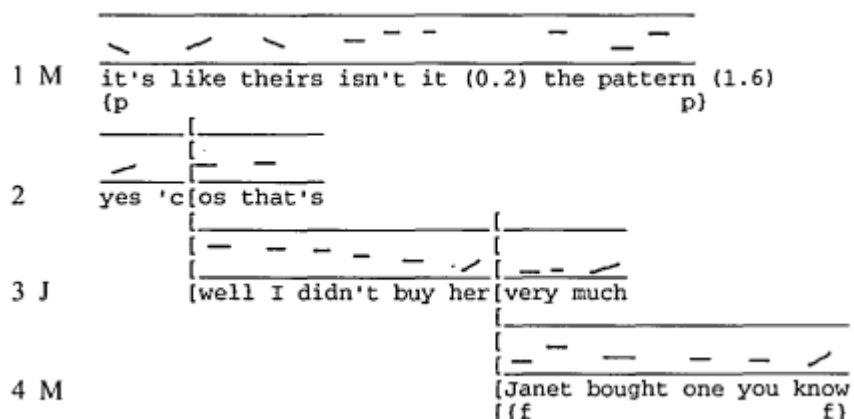


Figura 11. Wells e MacFarlane, 1998.

Neste trecho, M, na linha 1, ao dizer “pattern”, projeta um LTR, que é seguido de uma pausa, depois que M retoma com “yes ‘cos that’s”, J também começa na linha 3, depois do “yes” de M que representa uma batida rítmica do novo turno de M. J está assim num “ponto cego” no que diz respeito ao novo turno de M. J não utiliza <h+f> em sua entrada na linha 3, o que sugere que ela não está assinalando um lugar para um comportamento de turno competitivo, e que ela realmente está num “ponto cego”.

A partir destes trechos selecionados e discussões geradas os autores apontam que Jefferson (1983) concluiu que em qualquer ponto de uma fala continua é possível haver uma sobreposição de fala. No entanto entradas do tipo “Onset de Reconhecimento” e “Onset de Progressão” ocorrem para representar um *turn-incursion* ou turno de invasão (p.28). Já French e Local (1983) concluíram que o lugar de entrada não tem ligação direta tanto com o turno competitivo quanto o seu oposto. Eles ainda argumentaram que <h+f> é o que determina quais intervenções são ouvidas como turnos competitivos ou não. Acabaram por excluir aquelas entradas que ocorrem nos LTRs.

Wells e Macfarlane encontraram que o início de uma intervenção que é assinalada como um turno competitivo é rotineiramente localizado antes do último acento principal do turno em curso, que se dá antes do ponto máximo de proeminência prosódica.

2. ESTUDO-PILOTO

Num trabalho piloto, realizado durante a Iniciação Científica fomentada pela FAPESP, percebemos que algumas das sobreposições de fala podem ocorrer sem que haja nenhuma intenção de tomada de turno. Ainda há momentos em que o falante que se sobrepõe procura apenas incentivar o falante corrente a continuar, como acontece nos chamados *backchannels*.

Neste trabalho piloto utilizamos como *corpus* gravações de diálogos do programa “Diálogos Impertinentes” produzido pela TV PUC, com apoio do jornal Folha de S. Paulo e Sesc São Paulo, e exibido pelo SESCTV, que foram retirados de um projeto desenvolvido no LIAAC (Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que estão disponibilizados no site <http://www.pucsp.br/liaac/dialogos.html>, e que fazem parte de um projeto do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre a Fala, que tem como coordenadora do grupo e do projeto a Prof^a. Dra. Sandra Madureira. O *corpus* de análise foi composto por cinco diálogos no total, tendo como títulos os temas principais dos diálogos, sendo: ‘A Moda’, ‘A Arte’, ‘A Felicidade’, ‘A Sabedoria’ e ‘A Alimentação’.

Para a segmentação dos diálogos foi utilizado também o Praat em que criou-se uma camada por participante do diálogo correspondendo a dois entrevistadores e dois entrevistados: *EnADOR1*, *EnADOR2*, *EnDO1*, *EnDO2*, (ou seja, Entrevistador 1 e 2, e Entrevistado 1 e 2) além de uma quinta camada para indicar sobreposições e silêncios: O/S. Nessa última camada foi indicado o número de cada participante quando este tem o turno, na ordem de cima para baixo das camadas: ‘spk.X’. Além disso marcou-se a sobreposição, com ‘O’ e o silêncio com um espaço em branco. A intenção foi mostrar onde se localizavam as falas de cada um dos participantes durante a conversação, e mostrar onde estão as falas simultâneas. Tudo isso foi feito manualmente, num total de aproximadamente 295 minutos de diálogos.

Nesse trabalho piloto apenas analisamos as falas simultâneas e não os *backchannels*, que são caracterizados na literatura como mensagens verbais e não-verbais emitidas por um interlocutor no papel de ouvinte na conversação com o intuito de informar que está seguindo a fala do outro. Essas mensagens verbais consistem de,

por exemplo, 'uh-huh', 'mm-hm', e 'sim', enquanto que as mensagens não-verbais são caracterizadas por sorrisos ou um balançar de cabeça. Na literatura, por expressar que o ouvinte está compreendendo, ou aceitando ou não a conversa, essas mensagens receberam diversos nomes como 'signals of attention' (Fries, 1952), 'accompaniment signals' (Kendon, 1967), 'listeners responses' (Dittman and Llewellyn, 1968) e '*backchannel*' (Yngve, 1970). Essas mensagens são muito utilizadas em trabalhos dentro da Linguística que envolvam pesquisa no campo de língua e cultura, o que não é o nosso caso. Por não terem a finalidade de interromper o interlocutor, excluímos este tipo de exemplo dos nossos dados.

Também não utilizamos a verificação dos gestos durante os diálogos, primeiro por não conseguirmos as gravações em vídeo do *corpus* em questão e também por não se encaixar na questão principal do trabalho de Iniciação Científica que é análise prosódica – também não houve a utilização deste tipo de dado nesta dissertação. Apesar de não utilizarmos os gestos ou sinais como forma de notação neste trabalho, vale ressaltar que há uma literatura surgindo sobre este tipo de elemento na Análise da Conversação. Este tipo de pesquisa está sendo feita no MIT (Massachusetts Institute of Technology) pelo pesquisador Pentland e seu grupo de pesquisa Human Dynamics Group.

Em seu trabalho, Pentland (2011) trata do sistema de sinais (como os de aviso, interesse, dominância, etc) usado para coordenar as atividades em interações. O pesquisador afirma que estes sinais são uma evolução daqueles utilizados por nossos ancestrais, e que a fala seria uma elaboração dessa comunicação e que acabou ficando como uma estrutura funcional em interações entre os homens modernos.

Em especial ele sinaliza sobre a ideia de haver *Honest Signals* ou Sinais Sinceros que são um tipo especial de sinal que não apenas fornecem pistas de interação dignas de confiança, mas que são uma forma de oferecer um gatilho, de acordo com o sinal utilizado, que seja mais vantajoso a quem o está enviando. Pois estes sinais (ou gestos) são caracterizados por criar uma coesão entre um grupo de pessoas, ou seja, servem para estimular a empatia e a confiança através destes sinais. Isto acontece, por exemplo, nos sinais utilizados para manter um time de algum esporte mais unido. De modo que seriam utilizados como estratégias sociais.

Como conclusão de algumas pesquisas envolvendo *corpus* espontâneo obteve-se que a estrutura semântica de fala é observada em um grupo de interação como paralela à estrutura de sinais. A evidência disso é que para funções de um grupo social, funções informacionais e padrões de tomada de turno, a estrutura observada no comportamento de sinalização segue um paralelo com a estrutura observada nas análises de falas e seus contextos. Parece que este comportamento de ampla sinalização social inconsciente seria um canal de comunicação para-semântica, análogo aos marcadores sintáticos para-linguísticos.

Assim, a partir da exclusão dos *backchannels* e gestos, e a fim de criarmos um sistema de notação para os diálogos utilizados, os trechos analisados foram separados em segmentos discursivos de acordo com o procedimento dado no trabalho de Grosz e Sidner (1986) por permitirem uma tematização do diálogo associada a uma separação em três níveis principais, que as autoras dividem em: Estrutura Linguística, Estrutura Intencional e o Estado de Atenção. Foi escolhido transcrever de maneira ortográfica, pois esta pesquisa não tem como objetivo analisar os aspectos não prosódicos dos diálogos selecionados.

Na Estrutura Linguística, os autores buscam mostrar os segmentos do discurso, no qual as falas são naturalmente agregadas. A partir disto, nomeiam os participantes do discurso de *initiating conversational participant (ICP)* e *other conversational participant(s) (OCP)*, sendo que o ICP inicia a primeira fala do segmento, mas o OCP é qualquer falante de falas posteriores.

Na Estrutura Intencional as pesquisadoras destacaram a intenção inferida do discurso como um todo, fundamental para o discurso, e se referiram à mesma como *discourse purpose (DP)*, que seria a razão do discurso. Para cada um dos DP's, podemos também especificar intenções menores em trechos particulares chamadas de *discourse segment purpose (DSP)*, que especifica como o segmento contribui para completar o DP geral.

As autoras também identificaram duas relações estruturais que têm um papel importante na estrutura no discurso: *dominance* e *satisfaction-precedence*. A *dominance* seria a relação que estabelece uma ordem hierárquica de um DSP em relação ao outro,

definindo uma hierarquia de dominância. Já *satisfaction-precedence* é a relação que estabelece que o DSP1 precisa ser satisfeito antes do DSP2, por exemplo.

O essencial para a estrutura do discurso é que as intenções sustentam certos tipos de relações estruturais de um para outro. Dentro de um tema maior de discussão podem surgir outros menores.

No nosso caso nos utilizamos destas duas primeiras concepções para nomear cada parte do diálogo e assim facilitar a catalogação dos trechos.

2.1. PROGRAMA PARA ANÁLISE ACÚSTICA E NOTAÇÃO PARA A DEMARCAÇÃO DOS TRECHOS

Como programa para realizar as medidas empregamos o software Praat (Boersma e Weenink, 2011), obtido gratuitamente do site <http://www.praat.org>. Com ele é possível fazer as marcações dos trechos de sobreposições de falas, e observar o número de sobreposições. Também é possível analisar através do Praat se há pistas acústicas que podem caracterizar a natureza da interação, como indicado na Figura 1.

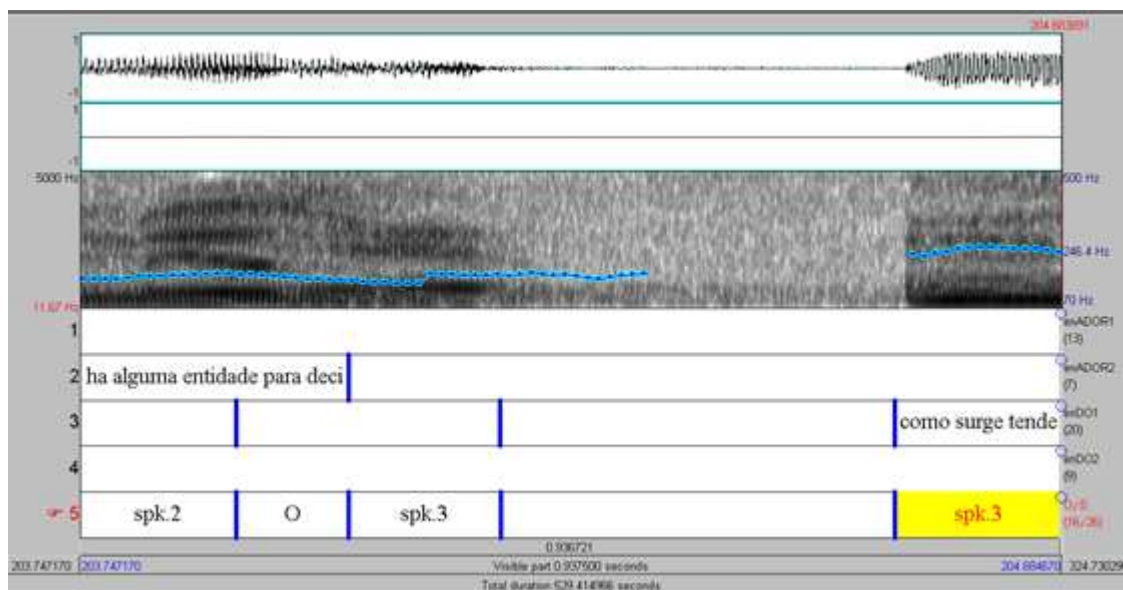


Figura 12, Espectrograma do diálogo “A Moda” parte 2.

Na Figura 1 é possível perceber o método utilizado para a marcação de cada diálogo. A partir do software “Praat” separou-se o diálogo em quatro camadas:

- 1) A primeira camada é denominada de 'spk. 1' e tem as marcações do primeiro participante do diálogo;
- 2) A segunda camada é denominada de 'spk. 2', onde foram marcados todas as falas do segundo participante do diálogo;
- 3) A terceira camada, denominada 'O/S' (overlap e silence, ou seja, sobreposição e silêncio), é formada pelas marcações dos momentos de sobreposição de fala de algum dos participantes do diálogo e quando não há nenhuma marcação é porque houve um período de silêncio de mais de 0,2 segundos;

Após a marcação de todos os diálogos gravados foram feitas as medições de cada trecho sobreposto encontrado. As primeiras medidas feitas depois da marcação das camadas foram: (a) cada trecho sobreposto foi colocado em uma tabela contendo em qual parte do diálogo foi feita, quem a iniciou e quanto tempo durou esta sobreposição; (b) cada sobreposição foi analisada a partir do parâmetro acústico F_0 (frequência fundamental).

A partir das gravações feitas, os trechos que apontaram sobreposição de fala e silêncio durante sua marcação no Praat foram medidos e analisados. Uma das medições feitas se deu a partir de uma nova noção abordada por Kousidis, Dorrán, McDonnell e Coyle (2009) que propuseram uma nova representação dos eventos em um diálogo que ignora completamente a noção convencional de 'turno' e a substitui por uma medida chamada *Turn Share* (TS), o tempo de partilha. Esta medida considera os dois estados de um falante em um diálogo: ativo (falando) ou passivo (silêncio) e é definida a partir do tempo em que um falante está ativo (AT), expresso por (1).

$$AT_i = La_i/L \quad (1)$$

em que La_i é a duração total da fala ativa do sujeito i e L o total da fala dos dois sujeitos no diálogo.

Assim, pode-se definir o tempo de partilha (TS) por (2):

$$TS1=AT1/(AT1+AT2), TS2=AT2/(AT1+AT2) \quad (2)$$

Sendo que TS_i e AT_i são respectivamente o tempo de partilha (*turn share*) e o tempo ativo do falante i . De (2), é possível impor que $TS1+TS2 = 1$.

Além dos tempos de partilha e de falante ativo, os autores também propuseram a marcação de TO (*overlap time*), o tempo de sobreposição, que é a porcentagem do tempo de sobreposição sobre a duração da conversa L , expresso por (3), sendo um indicador da extensão relativa da sobreposição.

$$TO = L_{\text{overlap}}/L \quad (3)$$

E por último é marcado o TSIL (tempo de silêncio), o total de silêncio – marcado previamente em uma das camadas do Praat – é dividido pela duração total da conversa.

Interessante relatar que tais marcações serão feitas através do script *ConversationAnalysis*, criado por Barbosa (2011), que ao ser rodado no Praat juntamente às marcações feitas nos diálogos permite obter esses dados de maneira automática.

2.2. ALGUNS DADOS E EXEMPLOS DE ANÁLISE DO ESTUDO-PILOTO

A partir deste sistema de notação e análise foram notadas algumas caracterizações dos falantes através de seus modos de fala.

Encontram-se situações em que há intenção de tomada de turno. No estudo piloto, nossos dados - ressalta-se que diferentemente do trabalho desenvolvido, o estudo-piloto havia apenas um sinal de fala para todos os participantes - demonstraram dois grandes recursos empregados pelo interlocutor para obter o turno. A primeira é elevar a frequência fundamental a fim de que o outro pare de falar e o deixe tomar o turno, nem que seja momentaneamente, portanto sendo considerado um turno competitivo com <h+f>, ou o chamado “Terminal Onset”, por Wells e MacFarlane

(1998), em que não existe uma pausa entre a fala do falante corrente e o início do turno do próximo falante, mas sim uma sobreposição. Como no exemplo abaixo:

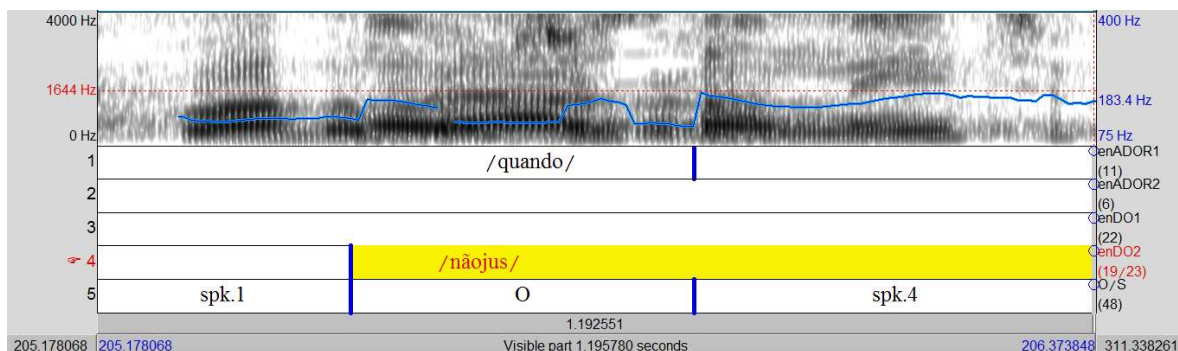


Figura 13. Espectrograma do diálogo “A Moda” Parte 3.

Transcrição:

Entrevistador1: Mas o Dario foi enfático na negação

Entrevistador1: Ele disse não” [quando]

Entrevistado2: [nãojus]tamente pelo que foi dito antes

Neste caso o Entrevistador 1 mal acaba de terminar sua fala e o Entrevistador 2 sobrepõe sua fala com uma resposta. É interessante notar que este tipo de comportamento é comum, em que alguns falantes tomam o turno e se sobrepõem à fala do outro por já compreenderem antes mesmo de seu interlocutor terminar seu turno.

O segundo recurso é o de o falante que irá sobrepor manter-se na mesma frequência fundamental que o falante que está com o turno e ir se sobrepondo de maneira gradual. Como nos dois casos que se seguem:

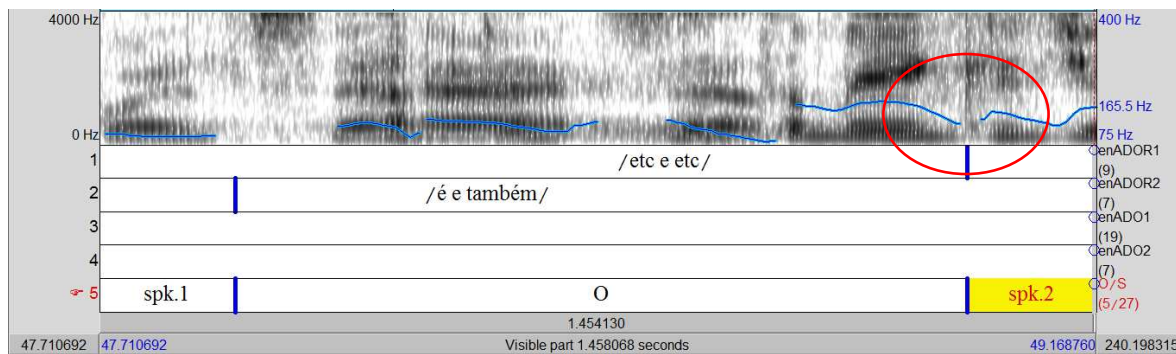


Figura 14. Espectrograma do diálogo “A Alimentação” Parte 7.

Transcrição:

Entrevistador1: tem alguns restaurantes que disfarça-se quase tudo com creme de leite, molho branco, [etc e etc]

Entrevistador2: [é e também] critico muito churrascaria rodízio que é muito anti-gastronomia

Neste exemplo podemos notar que na região circulada em vermelho as curvas de F0 do falante 1 (entrevistador 1), que é o corrente, e do falante 2 (entrevistador 2), que se sobrepõe ao falante corrente, parecem continuar uma a outra durante o momento de sobreposição de fala, como se a frequência fundamental (fo) dos dois fosse a mesma. Isso significa que eles tentam manter a mesma frequência para se fazerem compreender, mesmo tomando o turno do outro.

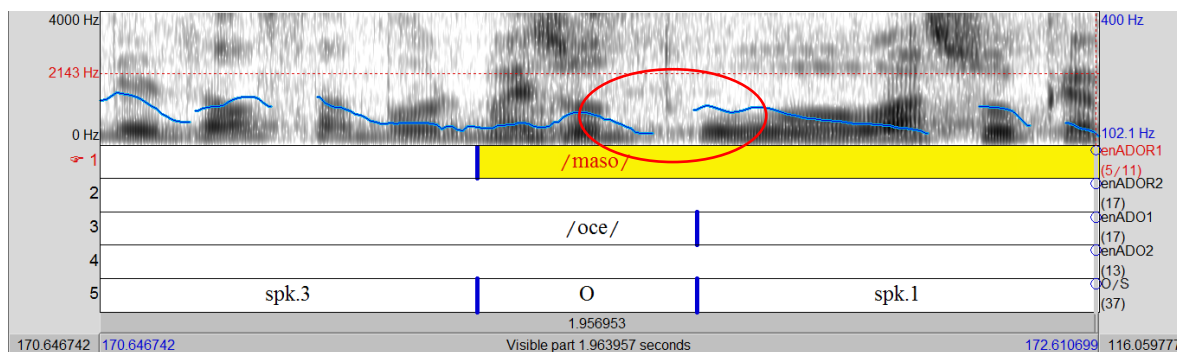


Figura 15. Espectrograma do diálogo “A Alimentação” Parte 8.

Transcrição:

Entrevistador1: porque as papilas são muito mais sensíveis ao sabor do d[oce]

Entrevistado1: [mas o] o:::

açúcar é um bom alimento?

Este também é um bom exemplo onde não há uma variação grande do Fo. Mostrando que isso pode ser um caminho comum entre os falantes como forma de tomar o turno do outro sem grandes alterações no Fo. O que significou que o Entrevistador1 percebeu que o Entrevistado1 iria acabar seu turno, antes mesmo dele terminar, e se colocou para continuar o diálogo.

Novamente para ilustrar o que foi feito neste estudo piloto seguem os resultados obtidos no diálogo “A Sabedoria” pelo script que foi utilizado neste trabalho. Como será possível perceber o diálogo em questão está dividido em dez partes, não houve um critério pré-estabelecido para as divisões de todos os diálogos selecionados no estudo piloto, os diálogos obtidos já estavam separados em partes de cinco minutos cada. Portanto, todas as análises são separadas por partes dos diálogos.

Os resultados abaixo dizem respeito:

(1) a primeira tabela relaciona o tempo ativo (AT) de cada falante e em cada parte do diálogo:

	<i>AT1</i>	<i>AT2</i>	<i>AT3</i>	<i>AT4</i>
Parte 1	0,57	0	0,31	0,11
Parte 2	0,11	0,67	0	0,23
Parte 3	0	0,14	0,39	0,48
Parte 4	0,009	0,17	0,25	0,58
Parte 5	0,02	0,29	0,28	0,39
Parte 6	0,03	0,02	0,21	0,78
Parte 7	0,03	0,11	0,66	0,21
Parte 8	0,02	0,02	0,47	0,5
Parte 9	0,06	0,07	0,26	0,62
Parte 10	0,05	0,07	0,46	0,43

Tabela 3. Tempo Ativo de cada falante no diálogo “A Sabedoria”

(2) A segunda tabela contém o resultado do Tempo de Partilha (Turn Share) de cada falante em cada parte:

	<i>TS1</i>	<i>TS2</i>	<i>TS3</i>	<i>TS4</i>
Parte 1	0,57	0	0,31	0,11
Parte 2	0,11	0,66	0	0,23
Parte 3	0	0,14	0,39	0,47
Parte 4	0,009	0,16	0,25	0,58
Parte 5	0,02	0,3	0,29	0,4
Parte 6	0,03	0,02	0,21	0,75
Parte 7	0,02	0,11	0,66	0,21
Parte 8	0,02	0,02	0,47	0,5
Parte 9	0,06	0,07	0,26	0,61
Parte 10	0,05	0,07	0,46	0,42

Tabela 4. Tempo de Partilha de cada falante no diálogo “A Sabedoria”

(3) E por fim a terceira tabela mostra tanto o tempo de sobreposição final de cada parte, quanto o tempo de silêncio de cada uma das partes:

	<i>TO</i>	<i>TSIL</i>
Parte 1	0	0,02
Parte 2	0	0
Parte 3	0,03	0,004
Parte 4	0,003	0
Parte 5	0,02	0
Parte 6	0,04	0,003
Parte 7	0,006	0
Parte 8	0,02	0,007
Parte 9	0,02	0,02
Parte 10	0,01	0,01

Tabela 5. Tempo de Sobreposição e Silêncio de cada falante no diálogo “A Sabedoria”

Através destes dados podemos perceber que as taxas de maior sobreposição ocorrem nas partes 3, 4 e 6, e coincidentemente o falante 4 apresenta o maior tempo ativo, e que a partir da comparação com seu *turn Share* é um pouco menor, significando que está tendo o seu turno ‘tomado’, ou seja, outro falante sobrepõe-se a sua fala. É muito importante reparar que nem sempre o tempo ativo é igual ao *turn share*, isto apenas reafirma que os falantes não falam em turno, que “normalmente é definido como parte da fala que pertence ao falante e dura até o outro falante dar a vez” Kousidis et al (2009, p. 2165), mas as vezes ‘atropelam’ a fala uns dos outros. Interessante notar que o tempo de sobreposição é um bom indicador de tempo de atividade.

Além destes resultados, também observamos o número de sobreposições, as durações e qual falante sobrepôs e foi sobreposto durante o diálogo. A seguir segue o exemplo do diálogo “A Sabedoria”:

Diálogo	Etiqueta	Duração	Tomada de turno
A Sabedoria 3	spk.2/O/spk.4	1387	
A Sabedoria 3	spk.2/O/spk.4	2831	
A Sabedoria 3	spk.4/O/spk.2	1827	x
A Sabedoria 3	spk.2/O/spk.4	1002	
A Sabedoria 3	spk.2/O/spk.4	1765	
A Sabedoria 3	spk.3/O/spk.4	538	
A Sabedoria 3	spk.3/O/spk.4	1077	
A Sabedoria 4	spk.2/O/spk.4	943	x
A Sabedoria 5	spk.2/O/spk.4	705	
A Sabedoria 5	spk.3/O/spk.1	176	
A Sabedoria 5	spk.1/O/spk.3	302	x
A Sabedoria 5	spk.3/O/spk.4	962	x
A Sabedoria 5	spk.3/O/spk.4	740	
A Sabedoria 5	spk.2/O/spk.2	2549	x
A Sabedoria 5	spk.2/O/spk.4	800	x
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	1437	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	3234	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	539	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	327	

A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	572	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	801	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	490	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	377	
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	1540	x
A Sabedoria 6	spk.3/O/spk.4	2667	
A Sabedoria 7	spk.3/O/spk.4	918	x
A Sabedoria 7	spk.2/O/spk.4	451	x
A Sabedoria 8	spk.1/O/spk.3	1613	x
A Sabedoria 8	spk.3/O/spk.4	1358	x
A Sabedoria 8	spk.1/O/spk.4	570	x
A Sabedoria 9	spk.3/O/spk.2	724	
A Sabedoria 9	spk.3/O/spk.2	376	
A Sabedoria 9	spk.1/O/spk.4	571	x
A Sabedoria 9	spk.4/O/spk.1	1237	x
A Sabedoria 10	spk.4/O/spk.2	1772	
			Total: 32

Tabela 6. Duração de Sobreposição no diálogo “A Sabedoria”

A partir desta tabela, temos que dentre o total de sobreposições neste diálogo, temos uma porcentagem de 40% de sobreposições com tomada de turno. Além de que, o maior número de falas simultâneas com tomada de turno é feita pelos falantes 1 e 3.

Com as análises feitas concluímos que o intervalo de tempo antes da fala simultânea pode ser considerado um indicador de quem irá se sobrepor e o valor da sobreposição de fala de cada falante é definido como o número de ocorrências de falas simultâneas na organização do diálogo e pelo número de segmentos de falas do falante corrente. Por exemplo, se é um intervalo do falante 1, então a sobreposição é atribuída ao falante 2, o que permite uma possível automatização na atribuição dos trechos de fala analisados e podemos quantificar quanto das falas do falante 1 foram simultâneas às do falante 2. Essencialmente, isto descreve quantas vezes o falante começa falando antes do interlocutor terminar.

3. NOVO EXPERIMENTO

3.1. OBJETIVOS

Neste trabalho procuramos analisar quais os recursos prosódicos utilizados para marcar as sobreposições e se esses recursos se diferenciam ou não de alguma forma do que vimos anteriormente, como com as pistas acústicas e as estratégias de sobreposição à fala do outro.

Uma das hipóteses, surgida através dos trabalhos de Schegloff (1998), French e Local (1983), Wells e MacFarlane (1998) apresentados anteriormente, seria a de que o acento final silábico de um turno de fala seria identificado como associado exclusivamente pelo final do turno, ocorrendo tanto durante ou logo antes do ponto de adequação sintática do enunciado. A questão que se apresenta é a de que estes pontos de adequação sintática podem ocorrer antes no turno, não sendo orientados pela projeção do Lugar Relevante de Transição (LTR), como por exemplo acontece no *Corpus* de inglês americano de Ford e Thompson (1996, p.144).

Outra hipótese levantada é de que há variação de acentos prosódicos, já que o conteúdo informacional e a adequação sintática não definem sozinhos ou de maneira total o principal acento final do turno, e que talvez os aspectos fonéticos possam permitir que os participantes do diálogo consigam identificar este acento.

Portanto, (1) todo turno completo tem um acento final principal, (2) esta sílaba acentuada se distingue das outras não acentuadas e das sílabas acentuadas presentes em lugares não considerados LTR, (3) a sílaba acentuada é em algum aspecto fonético mais proeminente que as demais e (4) poderia haver mais de um marcador de proeminência fonética, e mais de um tipo de principal acento final.

Também se tomou como hipótese a ser analisada neste trabalho, se houver casos nos diálogos em questão, do fato abordado por Ford e Thompson (1996) de que o interlocutor pode evidenciar seu entendimento de que um pico de Fo possa antecipar uma finalização de turno ao começar o próximo turno logo após esse pico.

Vale ressaltar que as análises levaram em conta as classificações feitas por Jefferson (1989) e também por Wells e MacFarlane (1998) apresentadas anteriormente.

Verificar-se-á ainda se existem (a) um início transitório que ocorre em torno do LTR, com uma possível realização sintática, (b) Onset de Progressão que ocorre quando há uma hesitação ou repetição durante o turno e o novo falante toma esta oportunidade para iniciar seu turno, e (c) se há um Onset de Reconhecimento, ou seja, se o interlocutor toma o turno quando sente que entendeu do que se tratava o ponto principal da fala (atingiu o ponto de adequação semântica).

Além desses fatores devemos levar em conta se as sobreposições ocorrem de maneira competitiva ou não, ou seja, se as sobreposições ocorreriam apenas com o objetivo de uma tomada de turno.

Portanto, a partir deste novo *corpus* buscou-se manter uma análise de cunho prosódico para o entendimento das sobreposições de fala no Português Brasileiro.

3.2. CORPUS

Utilizou-se como *corpus* deste trabalho a gravação de três diálogos de falas semi-espontâneas com 6 informantes brasileiros nativos, sendo 4 paulistas, 1 goiano e 1 mineiro, com ensino superior, todos na faixa etária entre 24 e 32 anos. Diferentemente do estudo piloto em que foram utilizadas gravações de um programa de TV com foco no debate de um tema já gravado em um só canal e sem o controle de intervenções de sons fora os da voz dos participantes dos diálogos.

O *corpus* foi gravado em uma sala silenciosa utilizando-se dois microfones unidirecionais Shure, um no modelo 8900 lyrics e outro no modelo sm58 beta, ambos com resposta de frequência de 50 a 15 kHz, para não haver grandes diferenças nas gravações. Os informantes foram dispostos face a face, em lados opostos de uma mesa com uma distância de cerca de 1 m entre eles, com os microfones localizados a cerca de 50 cm de distância da boca. Os microfones foram instalados em pedestais para manter o microfone de frente ao sujeito.

As gravações foram feitas com os microfones ligados a uma placa de som da marca M-Box, interconectada com o software Pro Tools, programa que grava da placa de som para o Praat, com uma resolução de áudio 24-bit, 96 kHz. Cada um dos microfones nos forneceu uma entrada diferente para que no momento de análise fosse

possível separar cada um dos sujeitos gravados em canais distintos. Apesar disso, em três dos diálogos houve a captação de sinal do outro falante, pois os microfones utilizados eram muito sensíveis.

A pesquisadora se manteve na sala durante toda a gravação, mas não interrompeu ou teve qualquer participação durante a gravação. Os participantes do diálogo já se conheciam⁴, sendo assim familiares um ao outro em cada situação dialógica. O assunto da gravação foi selecionado previamente juntamente aos participantes dos diálogos, sendo de conhecimento de ambos. Somente se cuidou para que o tema selecionado fosse de interesse comum, pois o interesse maior é que houvesse sobreposições de fala entre os participantes.

Como a pesquisadora convidou os sujeitos a participarem da gravação e com um tema pré-selecionado, não podemos dizer que a fala seja totalmente espontânea, por isso a nomenclatura de fala semi-espontânea, pois a gravação não foi totalmente livre. Mesmo assim, os participantes falaram o que quiseram sobre o tema escolhido e a pesquisadora não teve nenhuma influência direta durante a gravação. Este *corpus* é caracterizado como sendo de fala semi-espontânea, pois de acordo com Barbosa (2012):

“A fala semi-espontânea é exemplo de fala de laboratório, eliciada para o estudo prosódico. Como se deduz do exposto, o que diferencia os vários tipos de fala de laboratório, é o grau de intervenção do experimentador, que, sendo cada vez menor, aproxima a fala de laboratório da fala espontânea para o gênero discursivo ou enunciativo específico. Fala espontânea é a situação em que não há intervenção do experimentador. Assim, o termo “espontânea”, usado restritivamente para uma conversa, perde um pouco o sentido, pois a fala espontânea pode se dar em diversos gêneros enunciativos ou discursivos. Por isso, na descrição de todo

4

¹ Esta medida foi escolhida para manter uma dinâmica de diálogo o mais espontânea possível, para que não houvesse constrangimento no momento da gravação por não se conhecerem e se sentirem desconfortáveis, um com a presença do outro. Também conheciam a pesquisadora, por isso não houve desconforto quanto à presença dela durante a gravação.

corpus é preciso informar o nível de controle do experimentador sobre a eliciação.”

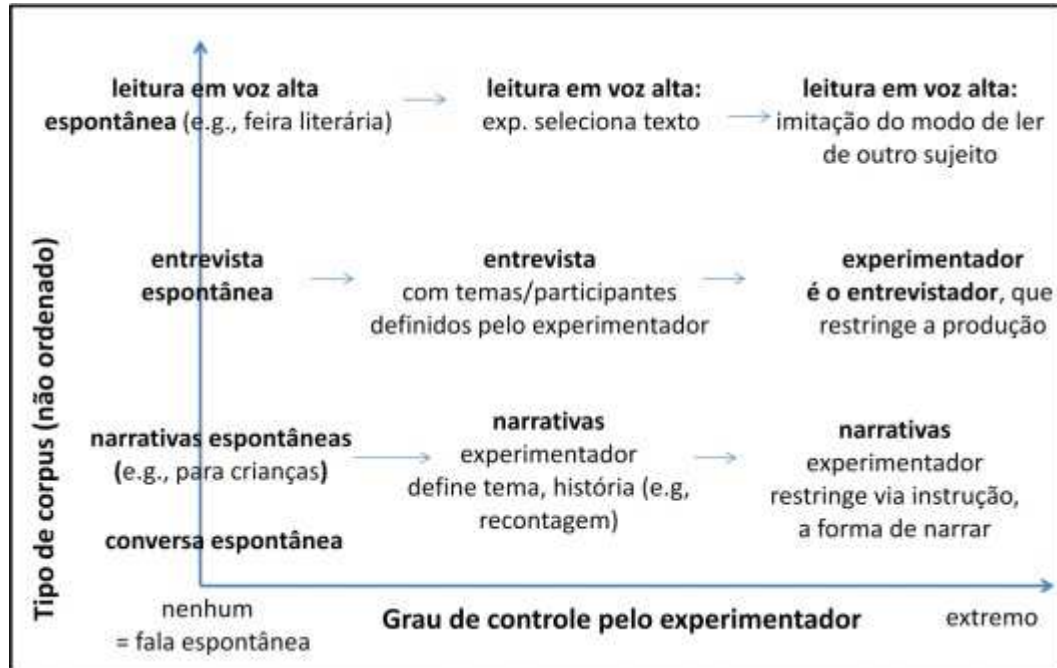


Tabela 7. Barbosa, Revista de Estudos da Linguagem (UFMG), 2012.

Por essa proposta, nosso *corpus* se caracteriza como semi-espontâneo, tendo sido eliciado por um método que possibilitasse a obtenção de dados que gerassem mais superposições de fala, pois é o que procuramos analisar.

Já para o momento de transcrição dos dados utilizados para exemplificar as análises foi utilizado o padrão de transcrição de Marcuschi (1989). É utilizado como princípios e sinais para transcrição o seguinte padrão:

a) Falas simultâneas: [[

Quando dois falante iniciam ao mesmo tempo um turno, usam-se colchetes duplos no início do trecho simultâneo:

Ex: “...

B: mas eu não tive nem remorso né’

A: [mas o que foi que houve”

J: meu irmão também fez uma dessas’

B: depois ele voltou e tudo bem”

b) Sobreposição de vozes: [

Quando a concomitância de falas não se dá desde o início do turno, mas a partir de um certo ponto, marca-se, no local, com um colchete simples abrindo:

Ex: “...

E: o desequilíbrio ecológico pode a

QUALQUER MOMENTO: (+) acabar com

a civilização [natural

T: mas não pode ser/ o

mundo tá se preocupando com isso E./ (+)

o mundo tá evitando /.../”

c) Sobreposições Localizadas: []

Quando a sobreposição ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno, usa-se um colchete abrindo e outro fechando:

Ex: “...

M: A. é o seguinte [eu queria era::

A: im”

d) Pausas e silêncios: são indicados entre parênteses, em pausas pequenas sugere-se usar um sinal de + para cada 0,5 segundo (+), e em pausas mais longas e cronometradas, indica-se o tempo, exemplo: (1,8)

conseguirmos visualizar o diálogo como um todo e se ele possuía um número razoável de sobreposições que poderiam ser analisadas e por fim se poderia ser incluso no *corpus*, e num segundo momento pode servir como base para uma análise de quão frequentes são as sobreposições nas falas espontâneas. Foi feita também uma análise melódica da troca de turno, para verificarmos quais são os fatores que influenciam a interrupção no momento da sobreposição da fala, esta análise é feita a partir do programa Praat que nos fornece o F_0 e a duração de cada uma destas sobreposições.

4 ANÁLISES

Foi feita uma análise inicial da duração total de cada sobreposição de cada um dos diálogos gravados, seguida da análise dos resultados obtidos pelo script *Conversation Analysis*, e por fim uma análise das hipóteses levantadas a partir dos espectrogramas de cada sobreposição, bem como da marcação do Fo de cada falante e da transcrição do trecho em que ocorreu a sobreposição.

4.1 DURAÇÃO TOTAL DE CADA SOBREPOSIÇÃO

Num primeiro momento iremos analisar a duração total de cada sobreposição de fala de cada um dos diálogos selecionados. Este parâmetro acústico nos mostrou que a média de duração das sobreposições analisadas nos três diálogos foi de 1,09s o que indica que esta é uma característica de duração breve durante o diálogo o que pode significar que os falantes não veem necessidade de estenderem este tipo de situação, e também pode indicar que a maior parte das sobreposições não foi de cunho competitivo – retomaremos esta análise nas transcrições dos diálogos.

Identificação	Sobreposição feita por	Duração Total
C e H parte 1 Sobreposição 1	H	1,42s
C e H parte 1 Sobreposição 2	C	0,07s
C e H parte 1 Sobreposição 3	H	0,28s
C e H parte 1 Sobreposição 4	H	0,38s
C e H parte 1 Sobreposição 5	C	0,48s
C e H parte 1 Sobreposição 6	C	1,56s
C e H parte 1 Sobreposição 7	C	0,15s
C e H parte 1 Sobreposição 8	C	0,89s
C e H parte 1 Sobreposição 9	C	1,25s
C e H parte 1 Sobreposição 10	H	0,96s
C e H parte 1 Sobreposição 11	C	1,09

C e H parte 1 Sobreposição 12	H	0,20s
C e H parte 1 Sobreposição 13	C	1,19s
C e H parte 1 Sobreposição 14	C	1,26s
C e H parte 1 Sobreposição 15	C	1,14s

Tabela 8. Duração das sobreposições no diálogo entre C e H.

Neste primeiro dado vemos as durações de cada sobreposição, assim como quem as cometeu durante o diálogo entre um falante do sexo masculino denominado H e uma falante do sexo feminino, denominada C, ambos naturais do estado de São Paulo. A partir destes dados podemos concluir que a falante C cometeu um maior número de sobreposições sobre o falante H, e a maior sobreposição cometida durante o diálogo foi feita por C.

Identificação	Sobreposição feita por	Duração Total
Ni e Na parte 1	Ni	0,44s
Ni e Na parte 1	Ni	0,54s
Ni e Na parte 1	Ni	0,18s
Ni e Na parte 1	Ni	1,39s
Ni e Na parte 1	Ni	0,67s
Ni e Na parte 2	Ni	0,8s
Ni e Na parte 2	Ni	1,06s
Ni e Na parte 2	Ni	1,89s
Ni e Na parte 2	Na	1,13s
Ni e Na parte 2	Na	0,66s
Ni e Na parte 2	Na	0,66s
Ni e Na parte 2	Ni	1,20s
Ni e Na parte 2	Ni	0,17s
Ni e Na parte 2	Ni	0,65s

Tabela 9. Duração das sobreposições no diálogo entre Ni e Na.

Na tabela acima temos a marcação de duração das sobreposições do diálogo entre falantes do sexo feminino, sendo Na natural do interior do Estado de São Paulo e Ni do Estado de Goiás – mas que reside no Estado de São Paulo. Concluimos que

neste segundo diálogo a maior parte das sobreposições é cometida pela falante Ni, e que a maior sobreposição se dá em S03P02 (Sobreposição 3 Parte2) com duração de 1,89s também feita por Ni. No entanto, deve-se ressaltar que a falante Na aproveitava-se das pausas durante a fala de Ni para roubar o turno, e então para que Ni pudesse continuar o que estava dizendo acabava por cometer uma sobreposição, e em outras ocorrências de duração menor percebemos que as falantes apenas repetiam alguma palavra do turno da outra ou diziam alguma pequena palavra para sinalizar que estavam entendendo.

Identificação	Sobreposição	Duração Total
B e G parte 1 Sobreposição	B	1,32s
B e G parte 1 Sobreposição	B	0,49s
B e G parte 1 Sobreposição	G	0,97s
B e G parte 1 Sobreposição	B	0,73s
B e G parte 1 Sobreposição	B	1,54s
B e G parte 1 Sobreposição	B	0,49s
B e G parte 1 Sobreposição	G	0,82s
B e G parte 1 Sobreposição	B	1,70s
B e G parte 1 Sobreposição	G	1,65s
B e G parte 1 Sobreposição	B	0,80s
B e G parte 1 Sobreposição	G	2,39s

Tabela 10. Duração das sobreposições no diálogo entre B e G.

Nesta última tabela indicamos a duração das sobreposições de fala no diálogo entre dois falantes do sexo masculino denominados B e G, ambos naturais do Estado de Minas Gerais, mas que residem no interior do Estado de São Paulo. A partir dos dados é possível apreender que o falante B possui um número maior de incidências de sobreposição de fala sobre o falante G, no entanto o falante G possui uma das sobreposições de maior duração durante o diálogo em questão. Interessante destacar que durante a marcação destas sobreposições G apresentou uma grande quantidade de *backchannels* durante a fala de B.

4.2 RESULTADOS DO SCRIPT 'CONVERSATION ANALYSIS'

A partir das marcações no Praat foi possível através do Script criado por Barbosa (2011) saber o tempo ativo (ATn) de cada um dos falantes n durante o diálogo, além do tempo compartilhado (TSn) por cada um deles em relação ao tempo total do diálogo, e também os tempos de sobreposição (TO) e de silêncio (TSIL) do diálogo como um todo (Kousidis et al, 2009).

Diálogo C e H parte 1

AT1	AT2
71%	33%
TS1	TS2
68%	32%
TO	TSIL
6%	2%

Tabela 11.

Sendo 1 o sujeito H e 2 a sujeito C, percebe-se a partir destes dados que o falante H tem uma maior quantidade de tempo ativo (AT) e tempo compartilhado (TS) durante o diálogo. O que indica que ele possui a maior parte dos turnos durante o diálogo, o que pode significar que é por isso que ele sofreu a maior quantidade de tomadas de turno por C. Já a relação entre o tempo de silêncio efetivo e o tempo de sobreposição, significando a atividade entre os falantes no diálogo, vemos uma relação de 2% e 6% em todo o diálogo, indicando que os falantes na gravação selecionada não ficam sem se falar durante muito tempo, mantendo assim seu diálogo durante toda a gravação.

Diálogo Na e Ni parte 1

AT1	AT2
45%	54%
TS1	TS2
45%	55%
TO	TSIL
0%	4%

Diálogo Na e Ni parte 2

AT1	AT2
68%	37%
TS1	TS2
64%	36%
TO	TSIL
6%	1%

Tabelas 12 e 13

Sendo 1 a sujeito Na e 2 a sujeito Ni, percebe-se que na parte 1 a falante Ni tem uma maior quantidade de tempo ativo durante o diálogo e tempo compartilhado em relação ao tempo total do diálogo, no entanto não havendo uma diferença tão significativa como aconteceu no diálogo anterior, esta porcentagem de AT indica que ela possui a maior parte dos turnos durante o diálogo, e um maior tempo de fala compartilhada, provavelmente por cometer o maior número de sobreposições, como visto na tabela indicando a duração de cada sobreposição. Enquanto na parte 2 Na possui uma quantidade bem maior de tempo ativo e de tempo compartilhado, observando que nesta parte do diálogo Na sofreu mais tomadas de turno que Ni.

A relação entre o tempo de silêncio efetivo e o tempo de sobreposição na parte 1, indicou uma relação de 4% e 0% em todo o diálogo e na parte 2 de 1% e 6%, indicando um tempo de silêncio relativamente alto, perto dos outros diálogos, e que houve uma relativa taxa de sobreposição de fala durante o diálogo, mas como sempre

não muito alta, na primeira parte sendo provavelmente próxima de zero, principalmente por haver apenas 4 sobreposições.

Os dados podem revelar que talvez o que determina esses valores obtidos não seja as características individuais de cada falante, mas sim o rumo que toma o próprio diálogo.

Diálogo B e G
parte 1

AT1	AT2
66%	40%
TS1	TS2
62%	38%
TO	TSIL
7%	0,7%

Tabela 14

Os resultados obtidos a partir do script nos levam a concluir que o falante B possuiu um maior tempo de fala durante o diálogo, além de que o tempo de sobreposição durante o diálogo foi o mais alto dos três diálogos vistos neste trabalho. Também é interessante notar como o tempo de silêncio é pouco, o que indica que os falantes não fizeram muitas pausas durante o diálogo.

4.3 ESPECTROGRAMAS

Esta terceira análise dos dados visou compreender cada uma das hipóteses levantadas a partir da bibliografia e do trabalho piloto.

Cada exemplo será composto por uma figura com o espectrograma de cada falante, pela marcação de Fo do falante 1 (H, Na e B) em preto e do falante 2 (C, Ni e G) em vermelho e a marcação das camadas indicando o que ocorreu no trecho. Além da figura foi feita uma transcrição da fala dos participantes durante a sobreposição.

a) Onset de Progressão:

Exemplo 1:

Diálogo entre C e H

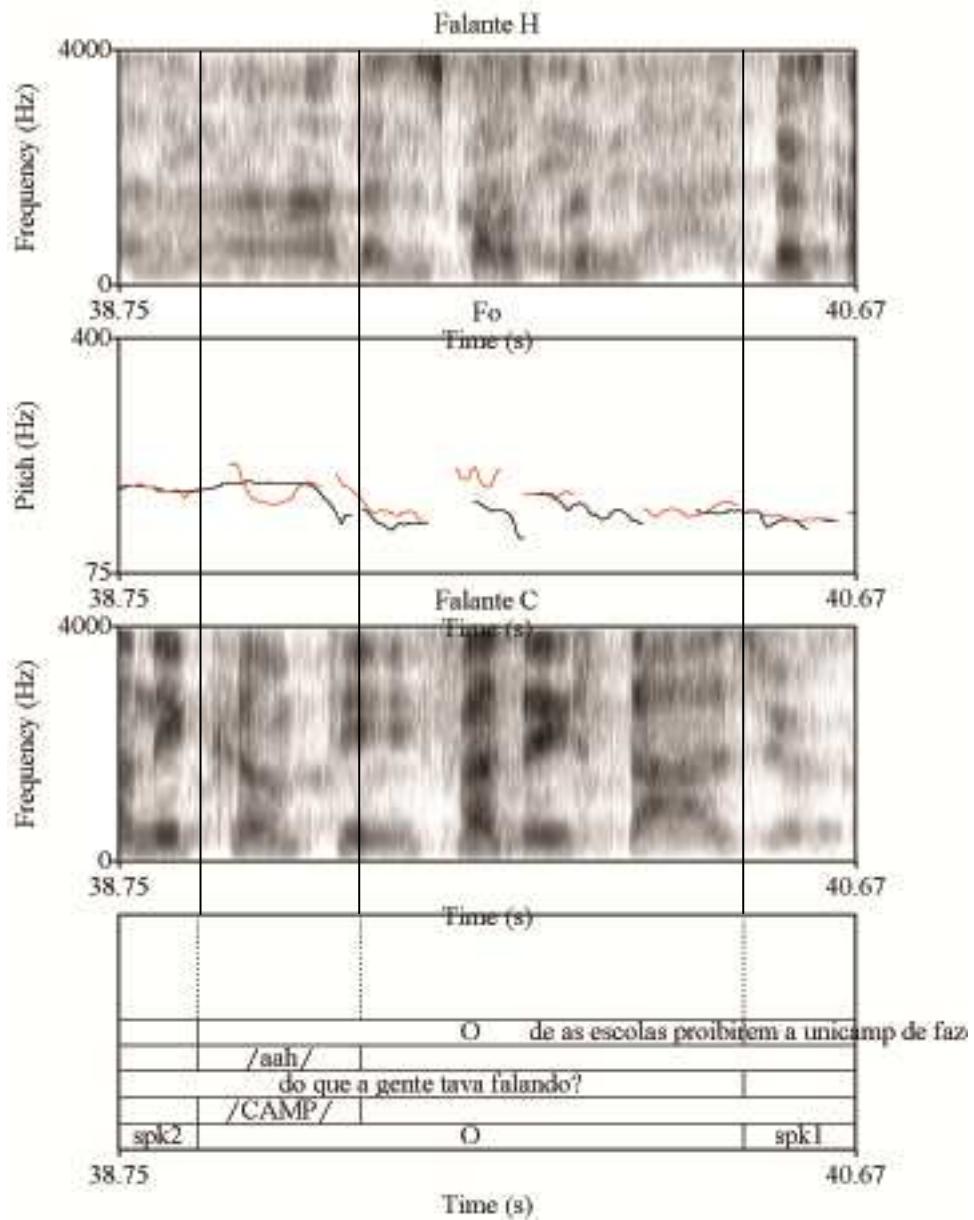


Figura 16. Na marcação de F₀ em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição:

C: De as escolas proibirem da UNI[CAMP fazer estágio]

H: [aah das escolas proibin::] proibindo

Esta primeira sobreposição se dá logo no início do diálogo quando os falantes começam a lembrar do que estavam discutindo mais cedo. É possível perceber que o interlocutor H a partir da carga semântica do começo da fala do falante C, já sabe do que se trata e por isso sobrepõe durante o curso desta fala a fim de mostrar a C que já sabe do que se trata. Dentro dos tipos de tomadas de turno analisadas este parece se encaixar no chamado Onset de Progressão, em que o falante intervém quando já sabe sobre o que o outro está dizendo, interessante notar que há uma queda no Fo da falante C durante a sobreposição o que pode indicar que o turno não era competitivo. Também percebe-se que há um segundo pico de Fo ao final da sobreposição o que não conseguimos identificar como sendo um LTR.

**Exemplo 2:
Diálogo entre C e H:**

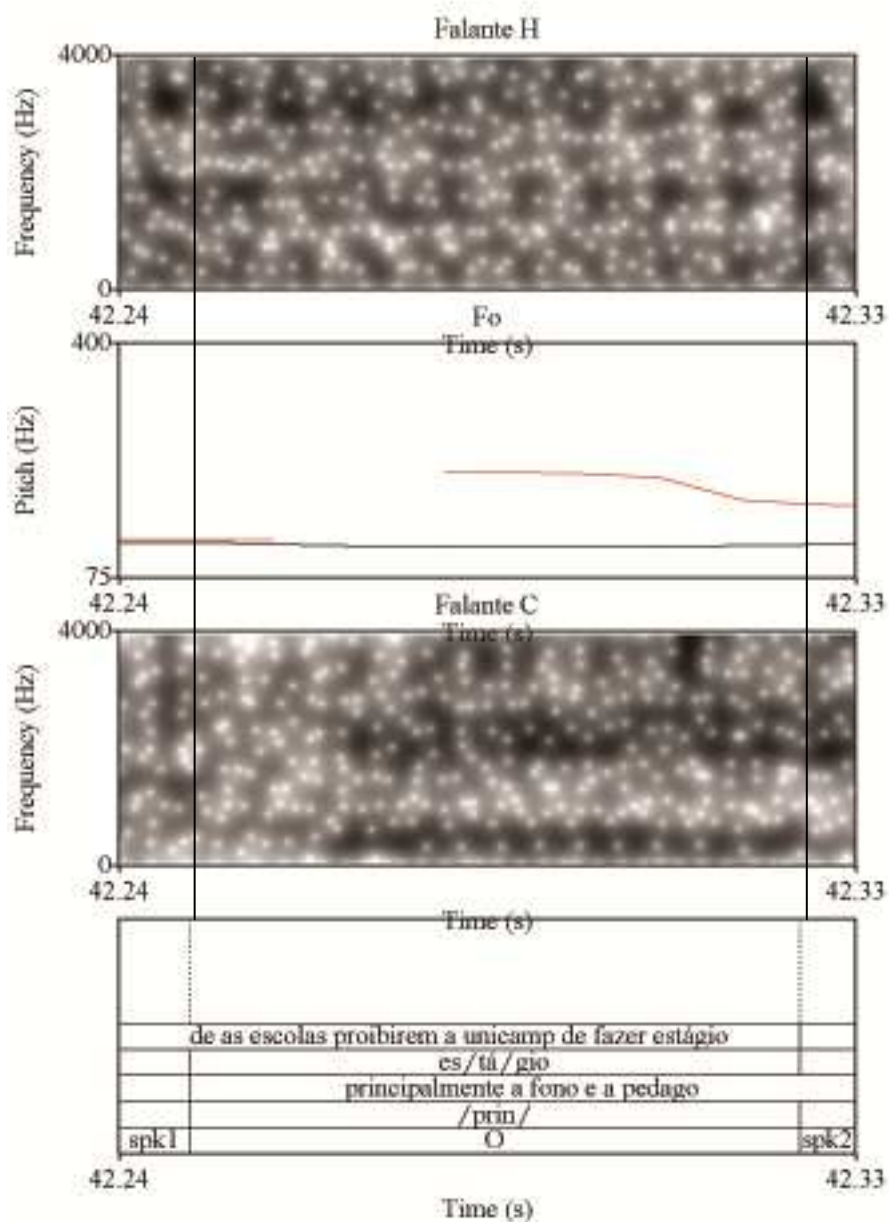


Figura 17. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição:

H: de as escolas proibirem a unicamp de fazer es[tágio, né]

C: [principalmente] a fono e a pedago

(0,6)

H: ah, mas é complicado mesmo.

Neste trecho é possível observar que a sobreposição não é dada como competitiva, a falante C apenas adiciona uma informação que acha relevante para nomear exatamente de quem eles estão falando. Dentre os tipos de sobreposição analisados este parece se encaixar no Onset de Progressão primeiro por ser feito quando a falante C compreende que H chegou ao ponto de adequação semântica. Interessante notar que mesmo não sendo uma tomada de turno competitiva o falante C se utiliza de um aumento de Fo, apenas para sinalizar sua entrada no turno do falante corrente e não como uma antecipação do LTR. Além disso, percebemos que o início da sobreposição do falante H se dá numa tônica e do falante C em uma sílaba de acento secundário o que pode significar que este tipo de ocorrência seria um dos parâmetros para se identificar este tipo de Onset de Progressão.

Exemplo 3: Diálogo entre G e B

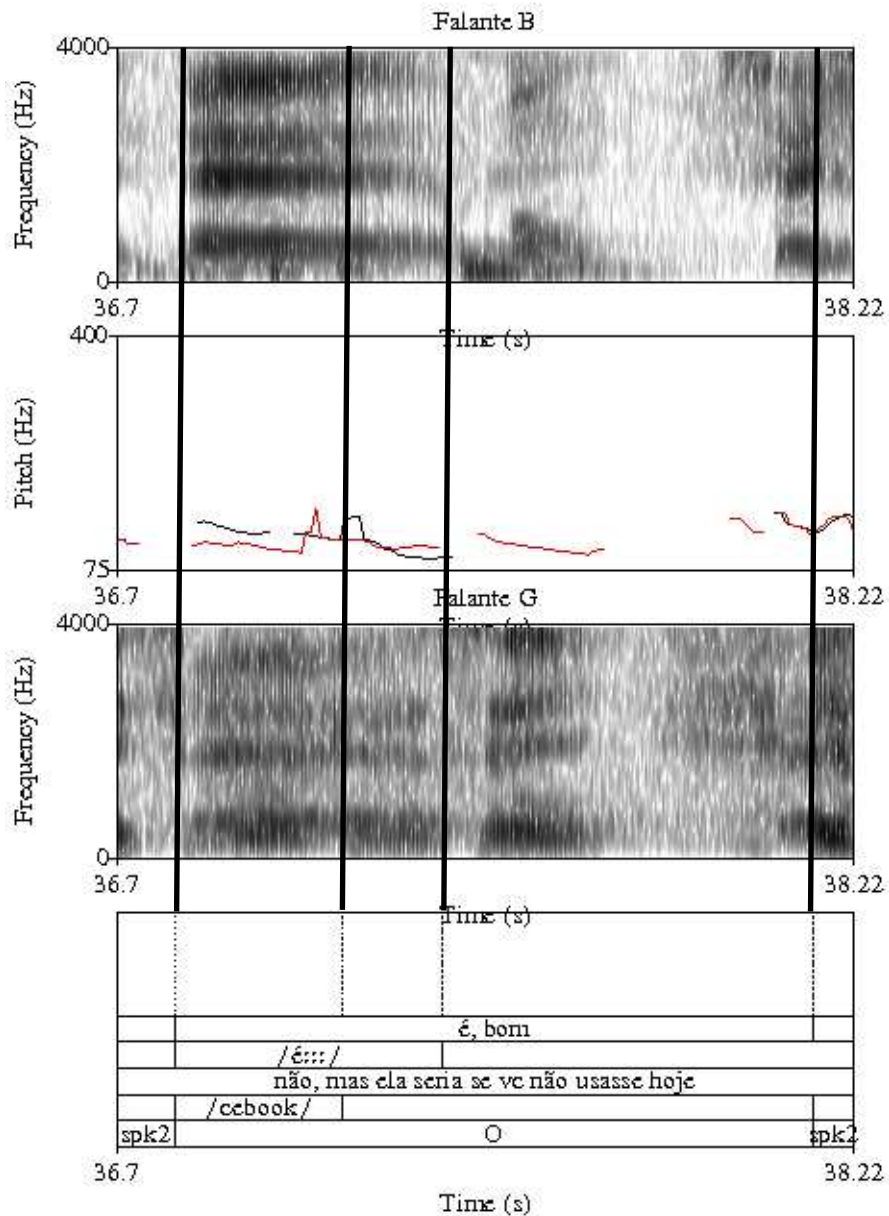


Figura 18. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição:

G: Não, mas ela seria se você não usasse o fa[cebook]. O que eu quero dizer é esse nível de interdependência.

B: [é::: bom se é]

Percebemos claramente através da figura que o único aumento de Fo do falante B se dá de maneira sutil e provavelmente é ocasionado pelo alongamento da vogal. Percebemos ainda que não houve uma tentativa de tomada de turno, não se caracterizando como um turno competitivo. E pelas características semânticas percebemos que o intuito da sobreposição da fala de B com N é apenas como a de um *backchannel*. Pode-se dizer que esta sobreposição se assemelha a um Onset de Progressão.

Exemplo 4: Diálogo entre G e B

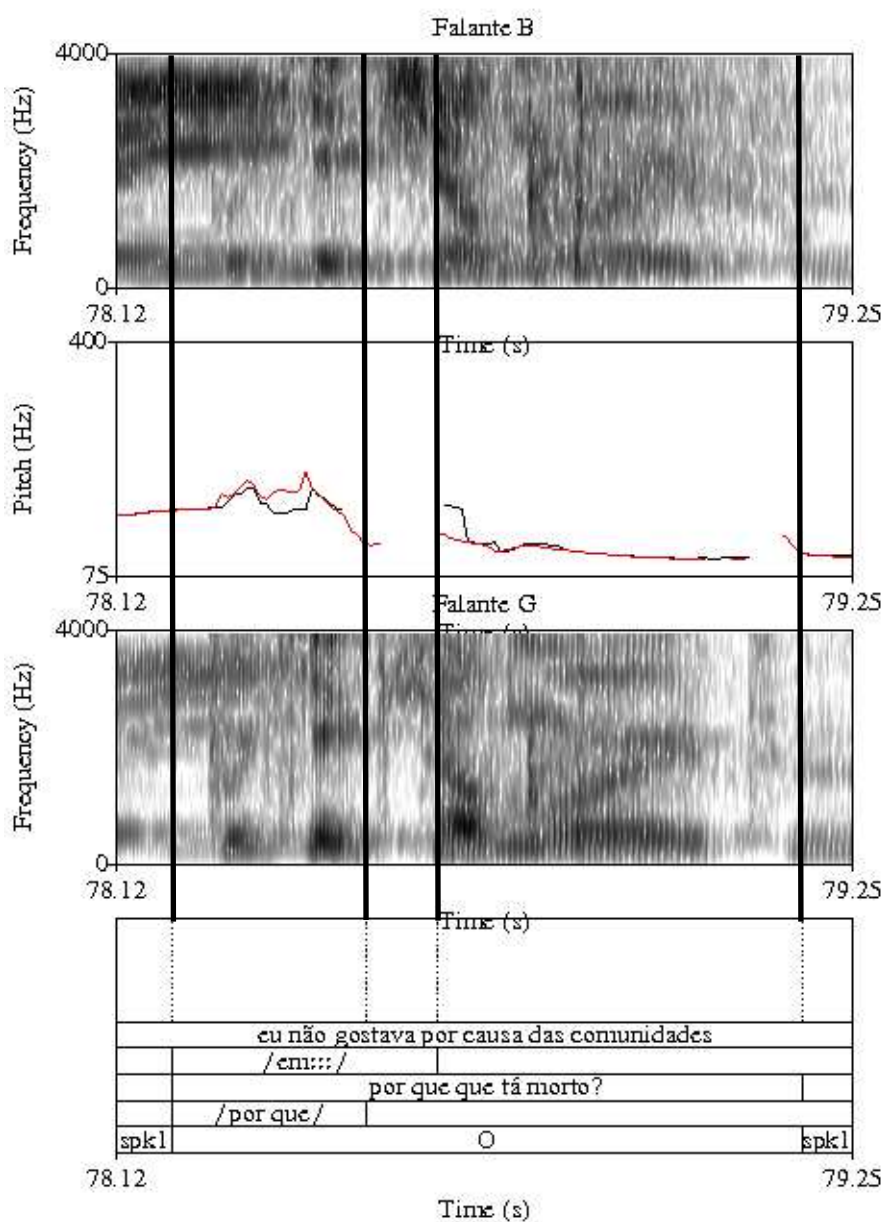


Figura 19. Na marcação de F_0 em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

B: Tá morto, mas tamb[ém::: tá] olha eu não gostava do orkut

G: [por que que tá morto?]

Neste trecho percebemos através do F_0 que o falante G aproveita-se do alongamento da fala de B para iniciar um novo tópico na conversa, isto se dá na

elevação do Fo de G. Percebemos que não se trata de um turno competitivo, tanto que após a pergunta de G o falante B retoma o turno.

Exemplo 5: Diálogo entre G e B

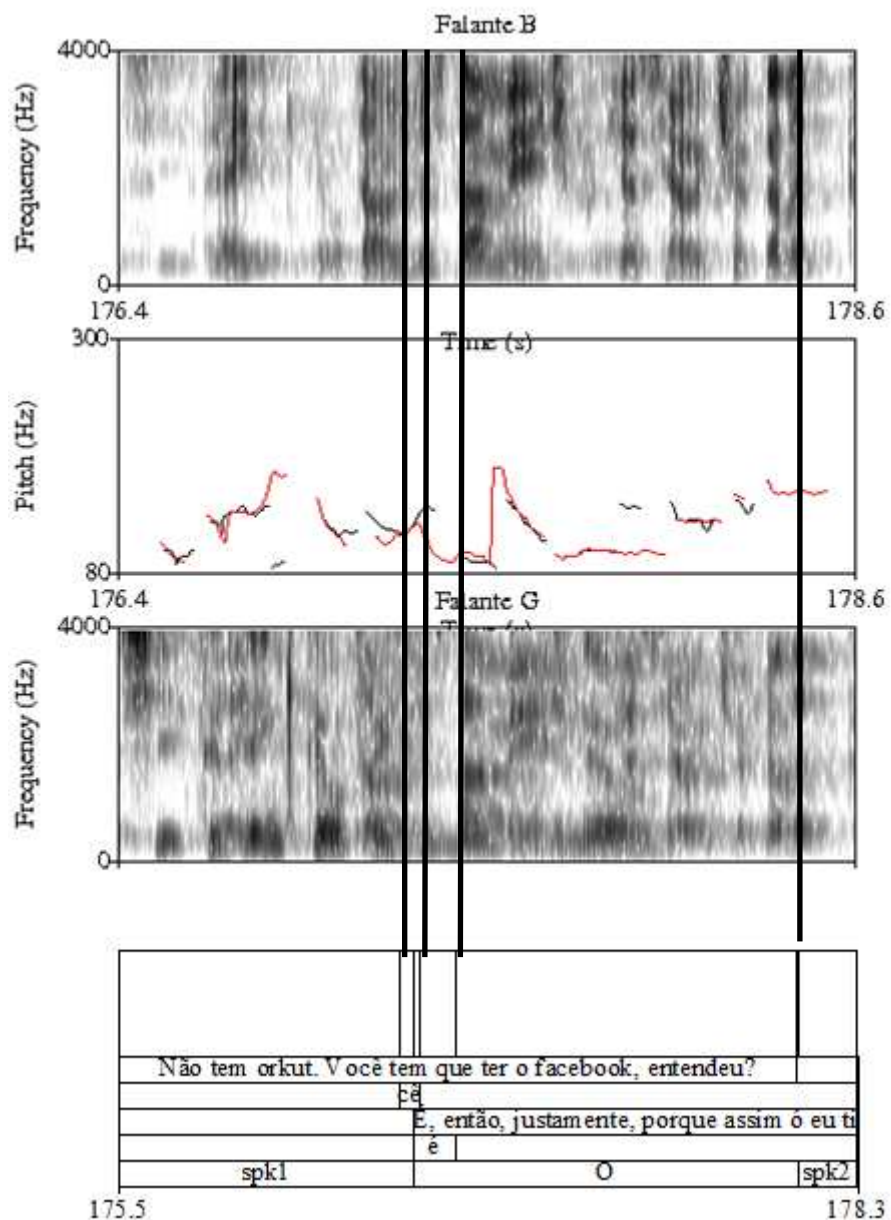


Figura 20. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

G: Não tem orkut. Vo[cê tem que ter o facebook, entendeu?]

B: [É, então, justamente, porque assim ó eu ti]nha cadastrado no facebook mais ou menos na mesma época.

Este exemplo é um dos mais interessantes, pois o falante B reconhece o tópico principal sobre o que o falante G está dizendo iniciando assim o seu turno e acaba fazendo uma sobreposição de frase inteira. Ao longo da sobreposição é possível notar que houve uma mudança no Fo produzindo picos de Fo na fala dos dois falantes, talvez este possa ser caracterizado como um turno competitivo, sendo que o falante G acaba cedendo para o falante B o turno em questão.

Exemplo 6: Diálogo entre Na e Ni

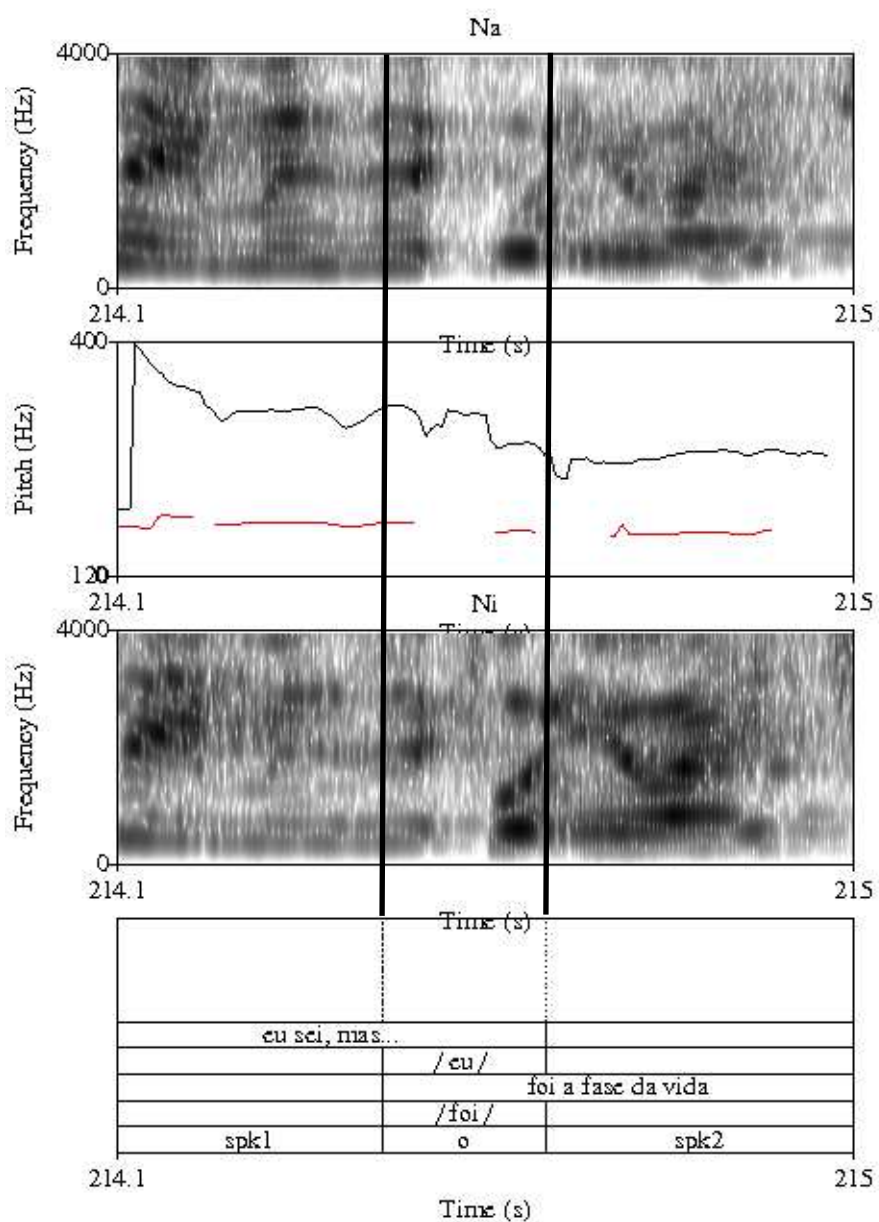


Figura 21. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Ni: Mas não era porque a gente deixou de se gostar, entende? (1,2)

Ni: Ou porque a gente perdeu o contato

Na: Não, eu sei', mas" [eu]

Ni: [foi], eu acho que o que foi, foi isso, foi a fase da vida

A partir do áudio é possível depreender que a falante Ni mantém altura baixa na voz, e que ao perceber que Ni atingiu seu ponto de adequação semântica, aproveita o momento para sobrepor o turno aumentando o volume de voz, no entanto copiando a curva melódica de Ni - percebe-se que o Fo das duas falantes se mantém ao longo da sobreposição. E Ni ao perceber repete várias vezes a palavra 'foi' e 'que' para manter o turno. Portanto, demonstrando ser um turno competitivo do tipo Onset de Progressão.

Exemplo 7: Diálogo entre Na e Ni

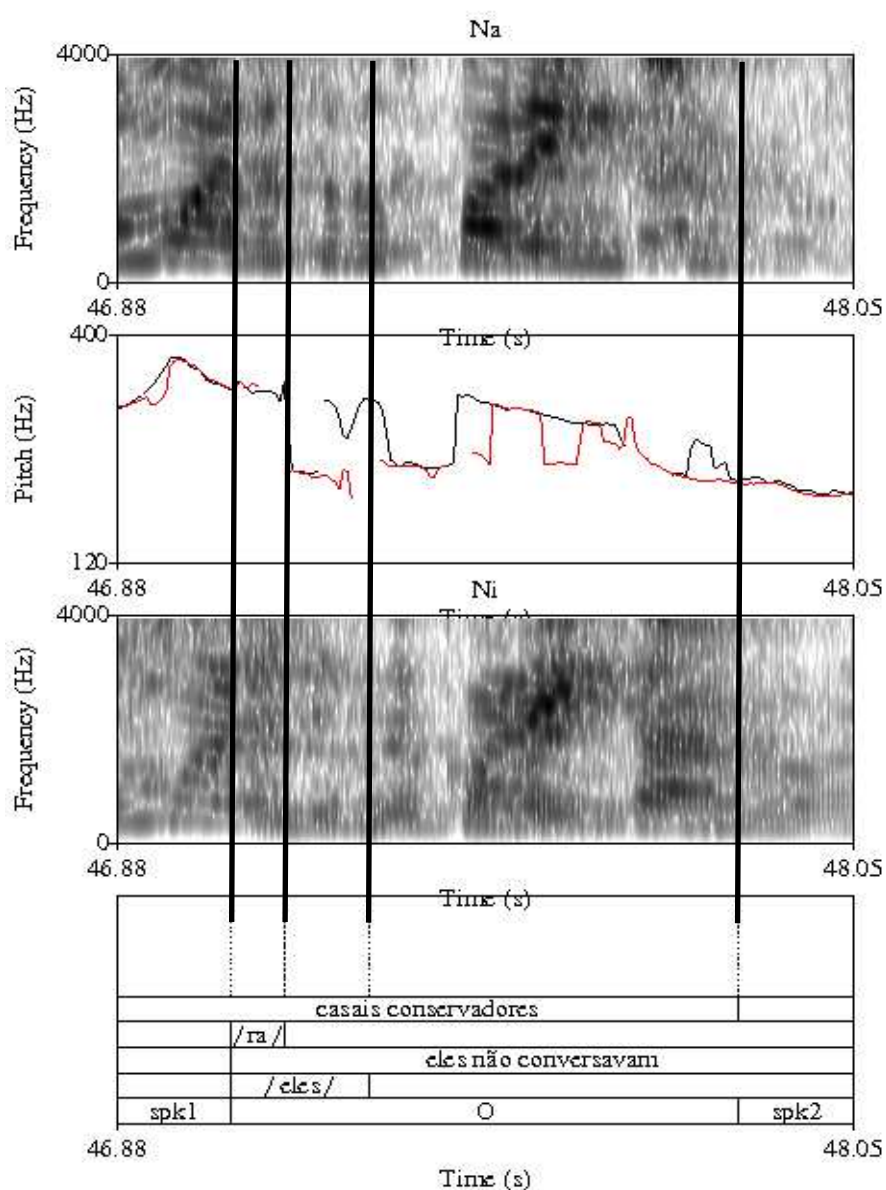


Figura 22. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Esse que deu errado é que o casal não era t[ransparente]

Ni: [eles não conversa]yam

O trecho sobreposto por estar na posição final da fala, e se tratar de uma sobreposição do tipo que a falante corrente Na atingiu seu ponto de adequação semântica, pode ser encaixada na Onset de Progressão.

Exemplo 8: Diálogo entre Na e Ni

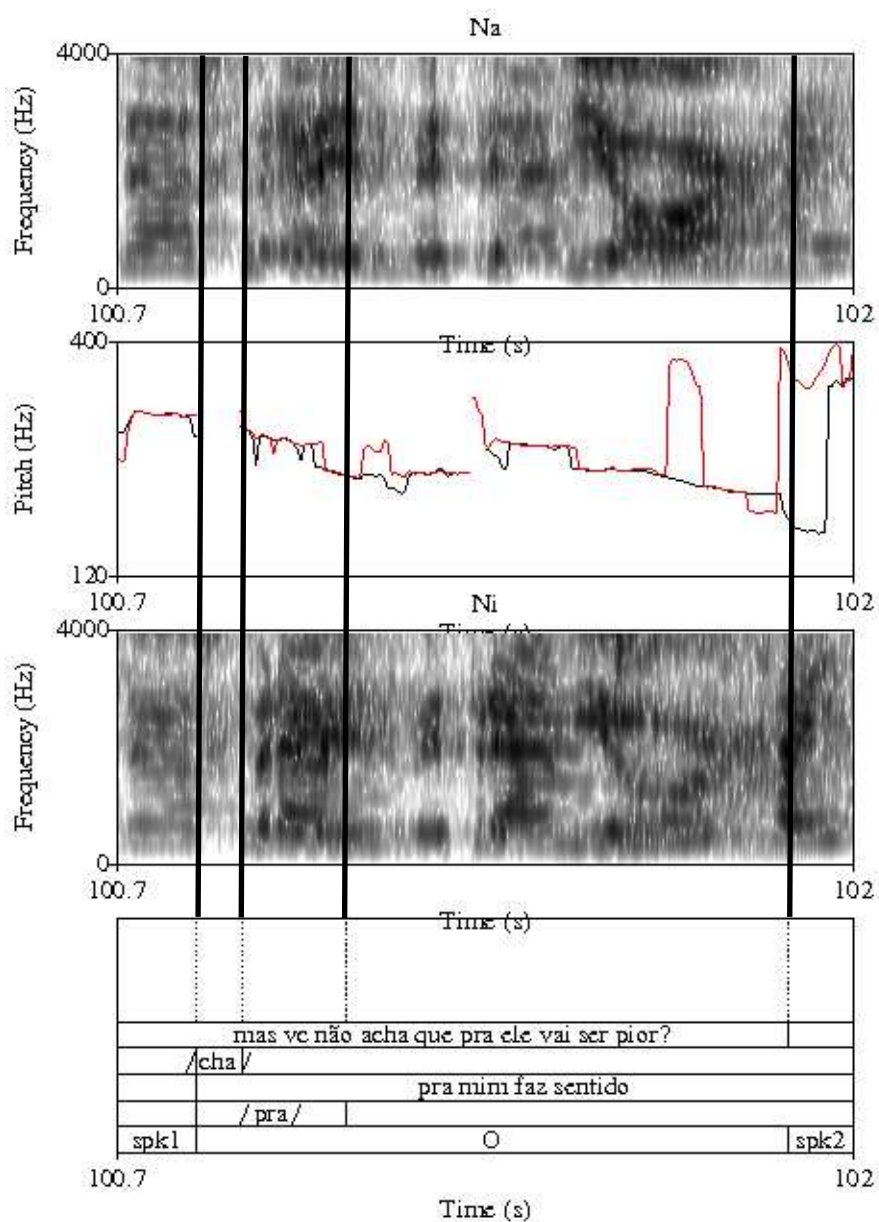


Figura 23. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Mas você não a[cha que para ele vai ser pior?]

Ni: [pra pra' mim faz] sentido

Ni aumenta o volume e o Fo durante a sobreposição demonstrando que não havia acabado o turno, antes da pergunta de Na. Pode-se perceber que apesar destas pistas prosódicas não se tratava de um turno competitivo, pois Ni não toma o turno de Na após a sobreposição. Percebe-se que Na aumenta o valor de Fo, utilizando uma entonação de pergunta, e por Ni já saber o conteúdo informacional da discussão acaba por responder antes da pergunta ser feita, caracterizando um Onset de Progressão.

Exemplo 9: Diálogo entre Ni e Na

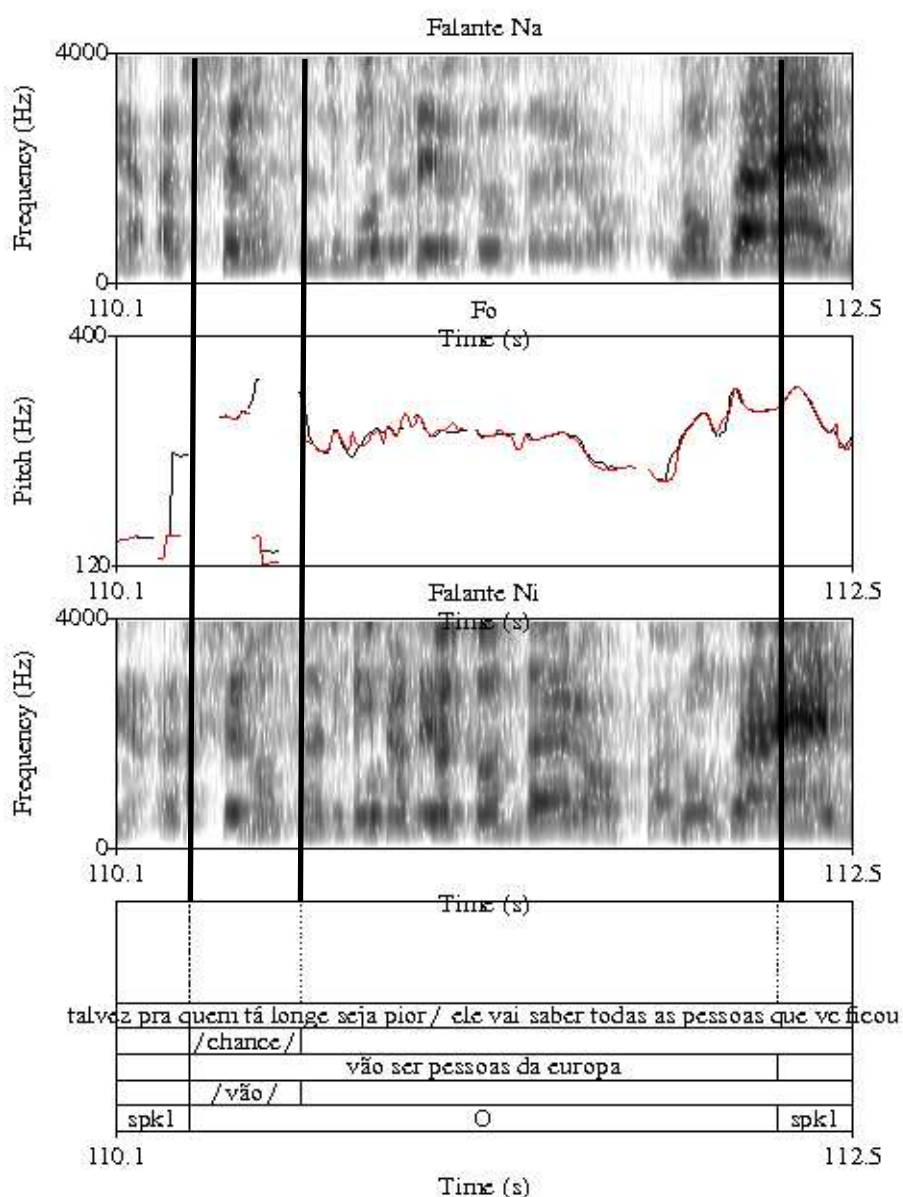


Figura 24. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: essas pessoas vão ser sempre meio fantasmas, a [chance de, vão usa é], você nunca vai saber

Ni: [vão ser sempre as pessoas da europa]

Ao Na atingir seu TRP, Ni apenas adiciona uma informação afirmando que entendeu o que Na dizia. E para fazer isso se utiliza de deixar o Fo na mesma medida de que Na. Não sendo um turno competitivo. Portanto, sendo um Onset de Progressão.

b) Onset de Reconhecimento:

Exemplo 1: Diálogo entre C e H:

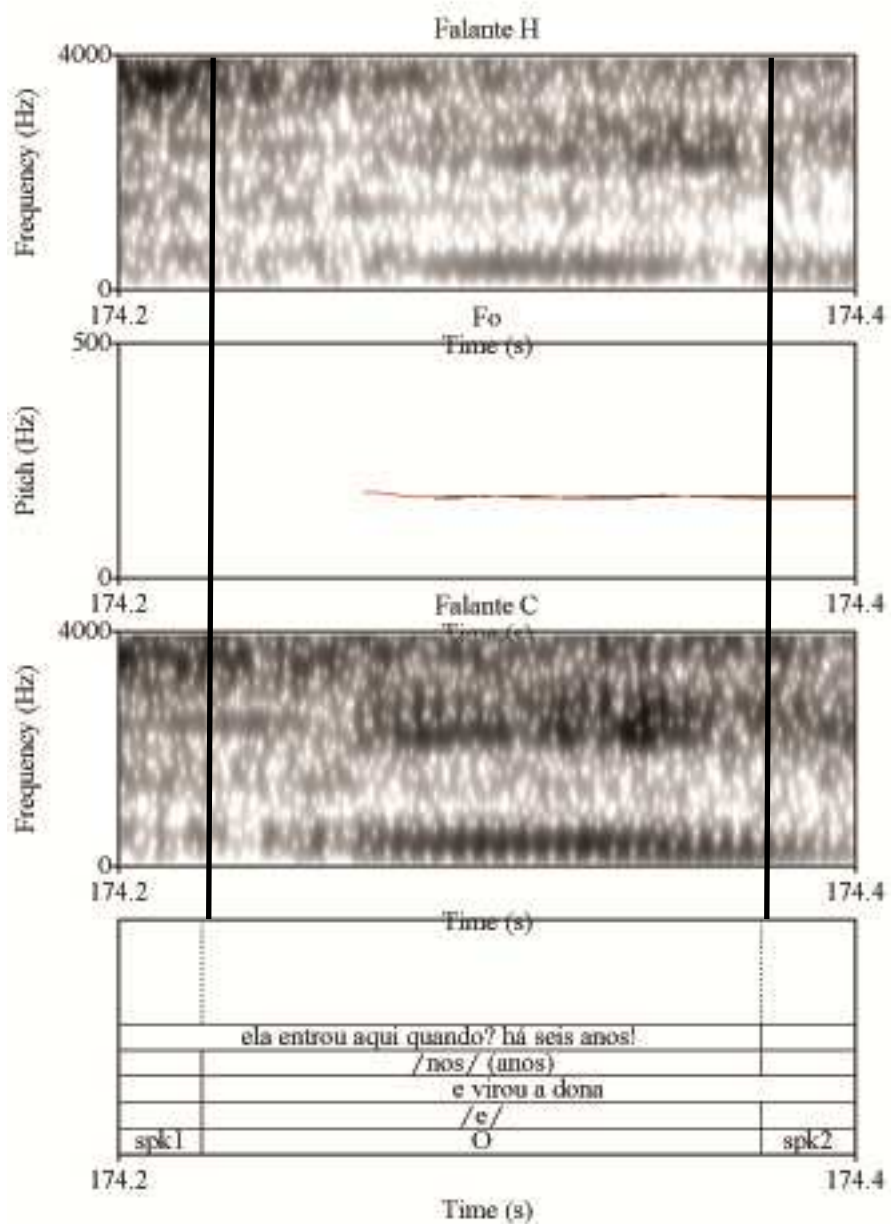


Figura 25. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

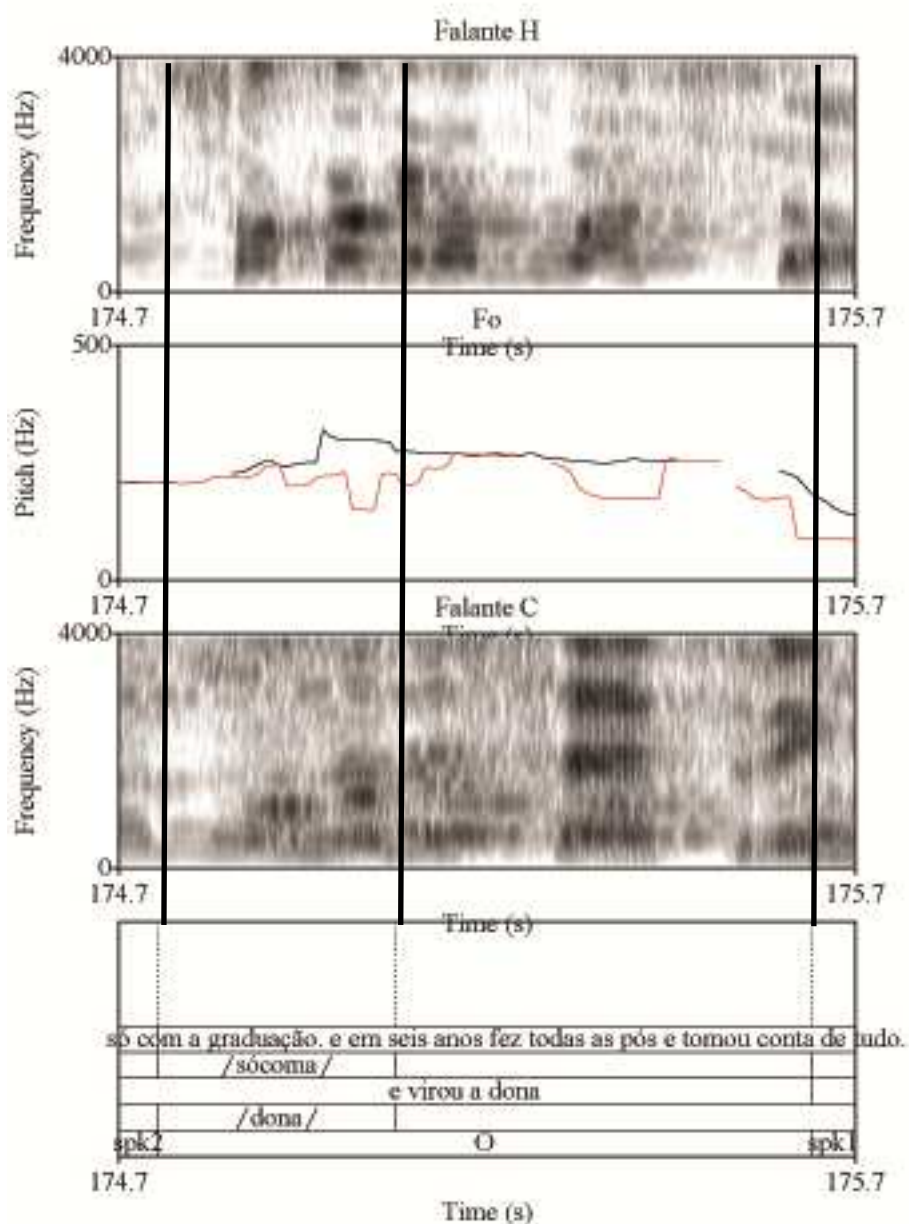


Figura 26. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C

Transcrição

H: eu perguntei pra você quando ela entrou,

H: ela entrou aqui há seis anos (+)

H: Pô, ela entrou aqui HÁ SEIS a[nos] (0.3) [só com a]

C: [e] virou a [dona do Cepre]

H: graduação, e em seis anos ela fez pós, doutorado...

Neste trecho observa-se que o falante H corrente está, obviamente, tratando de um tópico do conhecimento dos dois que já havia sido tratado anteriormente. Durante seu turno ele faz uma ênfase com um aumento no Fo no verbo transitivo haver e no numeral seis para mostrar sua indignação, e a falante C adiciona de forma não-competitiva uma informação ao tópico, pois a partir da adequação semântica e da repetição de H o que talvez tenha dado a impressão de que H chegou ao LTR. O falante H, no entanto até faz uma pausa de 0,3 segundo, mas continua seu turno.

Exemplo 2: Diálogo entre C e H S12P01:

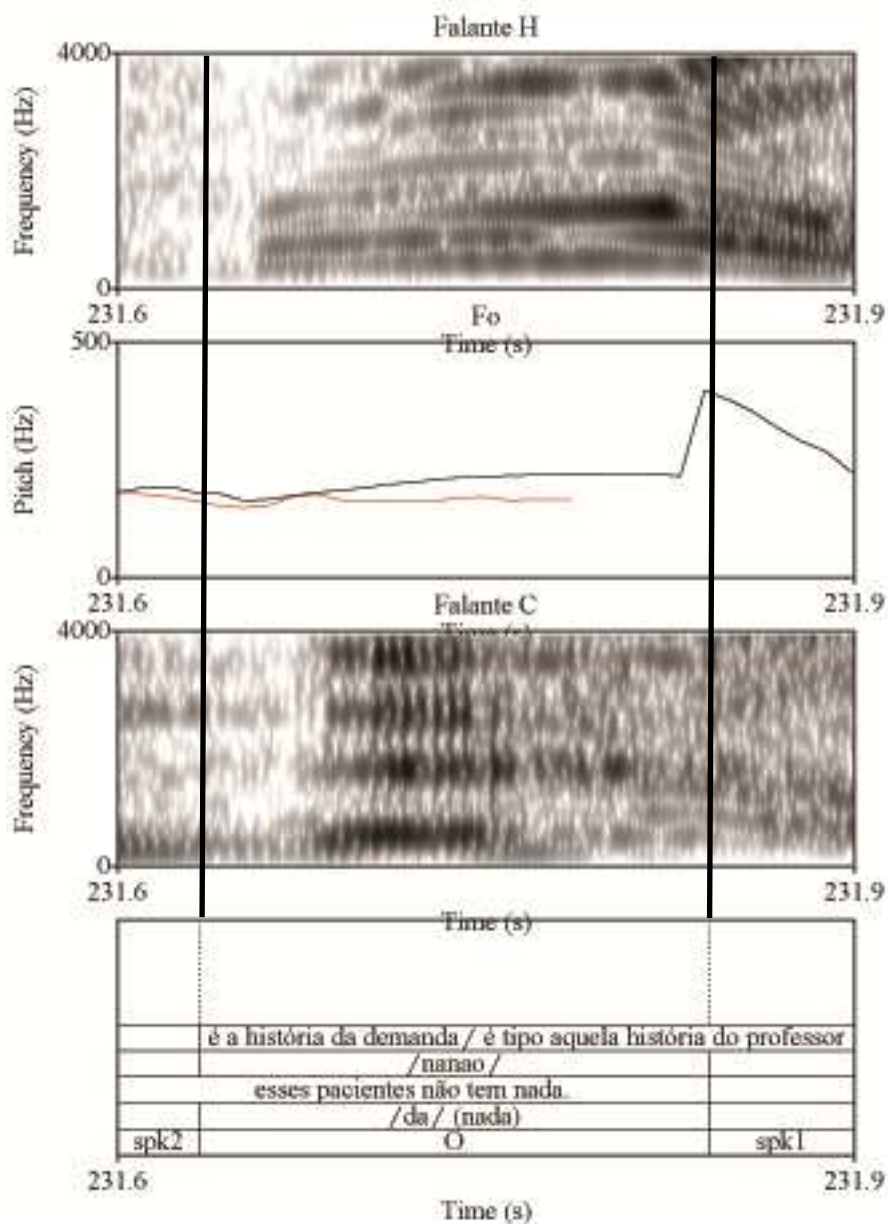


Figura 27. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

C: o paciente não tem na[da, né]

H: [NANÃO] NÃO tem nada, mas sei lá é aquela história de demanda

Este é um caso típico de quando o falante corrente já atingiu o seu LTR e o falante seguinte inicia seu turno, apenas sobrepondo um item da fala anterior. Podendo ser considerado um Onset de Alvo Pontual. Vale ressaltar que o uso do aumento de volume sonoro de H se dá exclusivamente pela ênfase ao que ele quer dizer e não pela tomada de turno, concluindo assim que a tomada de turno não é competitiva.

Exemplo 3: Diálogo entre G e B

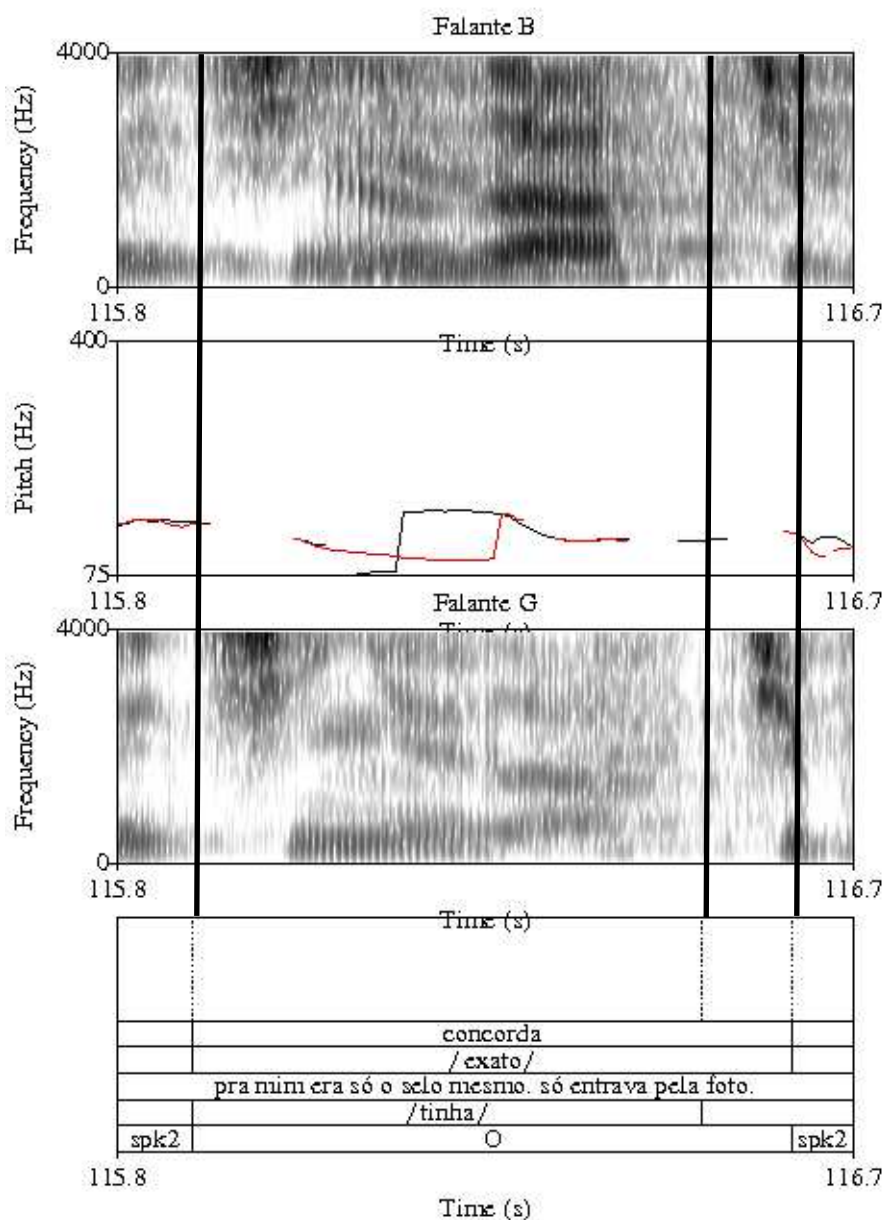


Figura 28. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

G: Eu só entrava em comunidades que eu achava a fotinha boni[tinha]

B: [exato]

Novamente uma sobreposição que se assemelha a um *backchannel*, por mostrar apenas que o falante B entendeu o que o falante G estava dizendo e que ele poderia continuar seu turno. Por se tratar da sobreposição do final da palavra do falante corrente G, pode-se tratar de um Onset de Reconhecimento e subtipo Onset de Alvo Pontual, afinal ocorreu no curso da fala do falante G e apenas uma palavra foi sobreposta.

Exemplo 4: Diálogo entre G e B

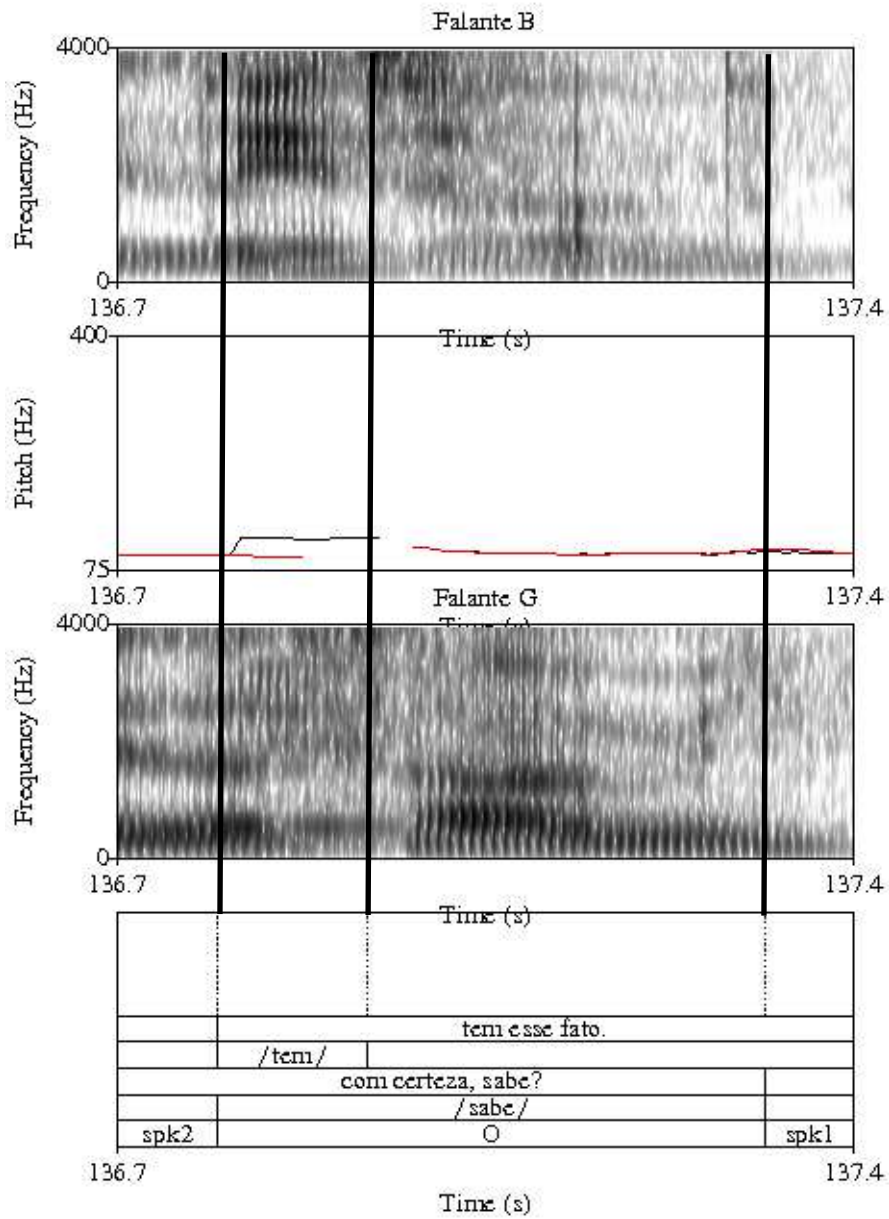


Figura 29. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

B: Tem esse fato também (0,8) [tem]

G: Com certeza, [sabe]?

Este é um exemplo de Onset de Alvo Pontual, pois não há indícios de mudança prosódica, portanto não havia uma motivação do tipo competitiva e há apenas a sobreposição de uma palavra, mantendo a continuação do diálogo sem nenhum problema.

Exemplo 5: Diálogo entre G e B

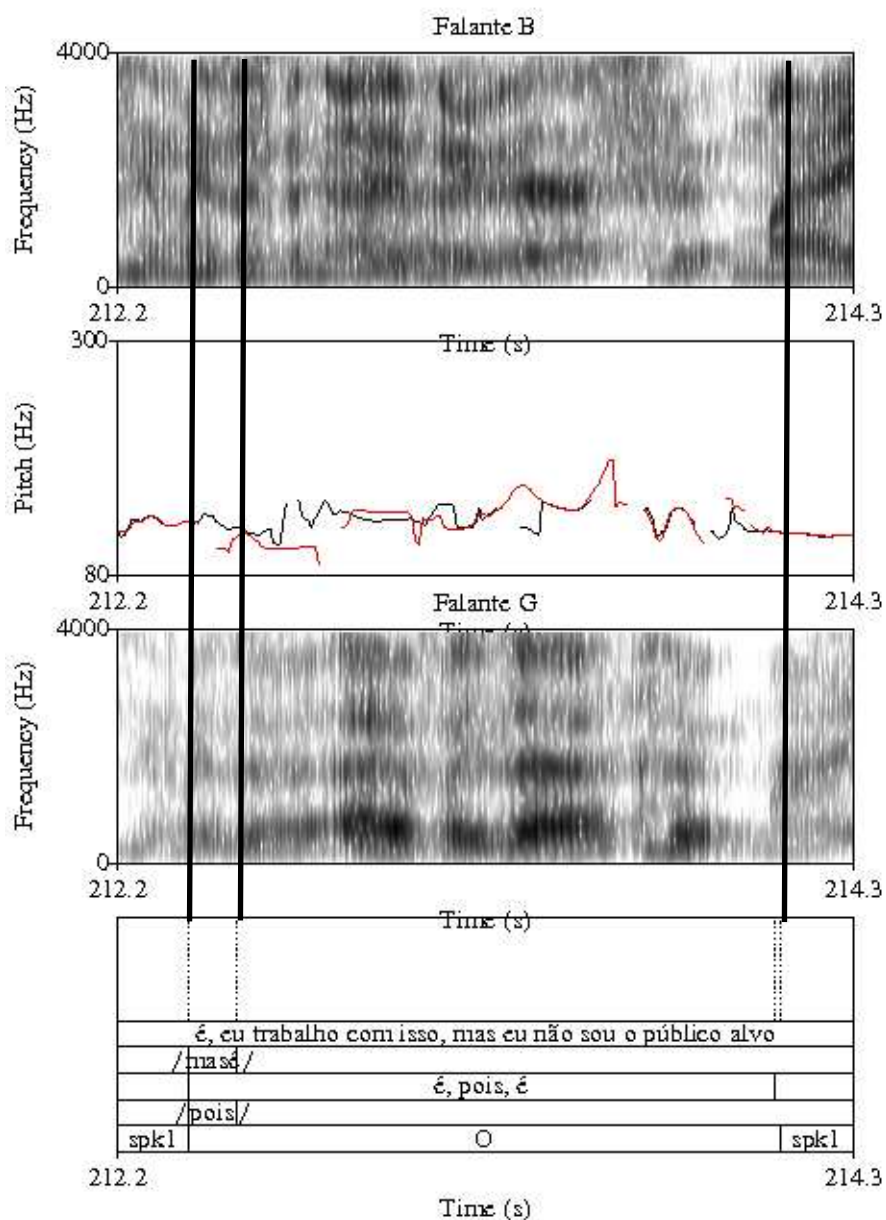


Figura 30. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

B: É, então, eu trabalho com isso, [ma::s é, mas] eu não sou o público alvo

G: [É, pois é”]

Novamente um turno não competitivo, o falante G apenas concorda com a informação de B, que alonga a vogal do conectivo ‘mas’ a fim de não perder o turno corrente e continuar o que estava dizendo. A partir do Fo é interessante notar que quase ao final da sobreposição há uma cópia quase que exata do Fo de B por G.

Exemplo 6: Diálogo entre Na e Ni

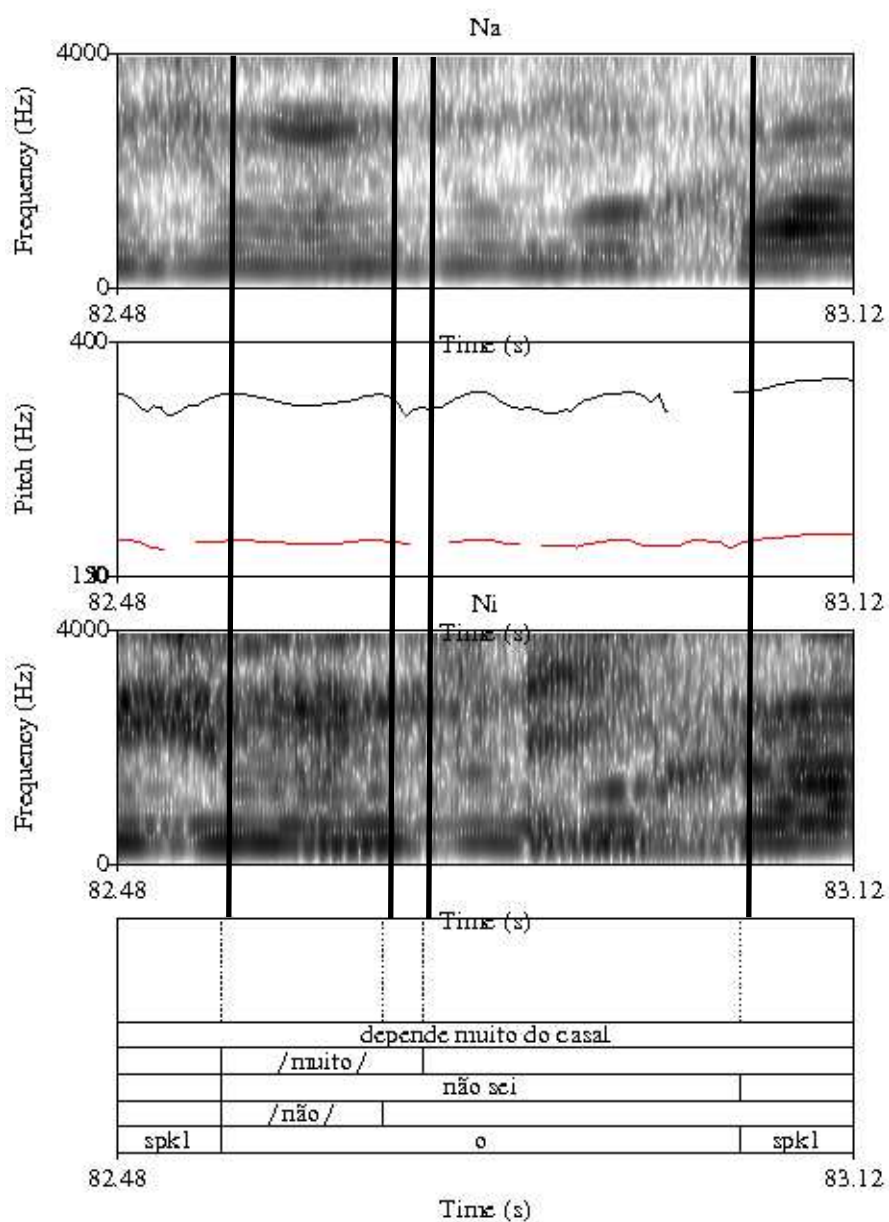


Figura 31. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Eu não sei. Acho que depende [muito do] casal funcionar ou não

Ni: [não sei]

Vê-se a partir do Fo que não se trata de um turno competitivo, pois as duas falantes mantiveram o Fo na mesma altura. E pela fala ser apenas uma informação adicional de confirmação ao turno corrente, pode-se dizer que a falante Ni apenas reconheceu o conteúdo informacional da fala de Na. Sendo caracterizado como um Onset de Reconhecimento em que há apenas uma sobreposição curta na fala corrente.

Exemplo 7: Diálogo entre Na e Ni

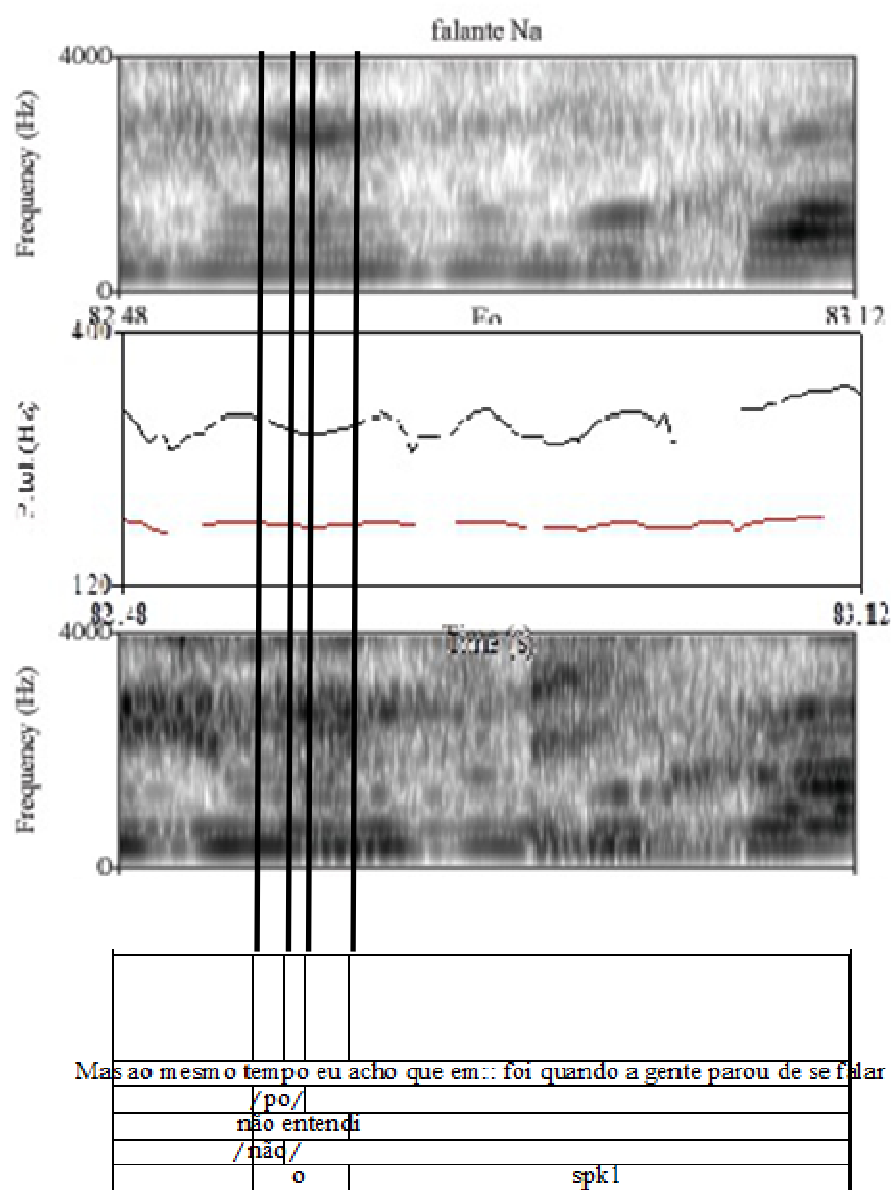


Figura 32. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Mas ao mesmo tem[po e]u acho que em:: foi quando a gente parou de se falar

Ni: [não entendi]

Ao diminuir o tom de voz e causar uma queda brusca de Fo durante a sobreposição, a falante Ni demonstra que o turno não será competitivo. E que o cunho informacional é de apenas demonstrar que não havia entendido o que Na estava a dizer, o que indica que Na não atingiu o TRP. Também sendo reconhecido como uma Onset de Reconhecimento.

Exemplo 8:

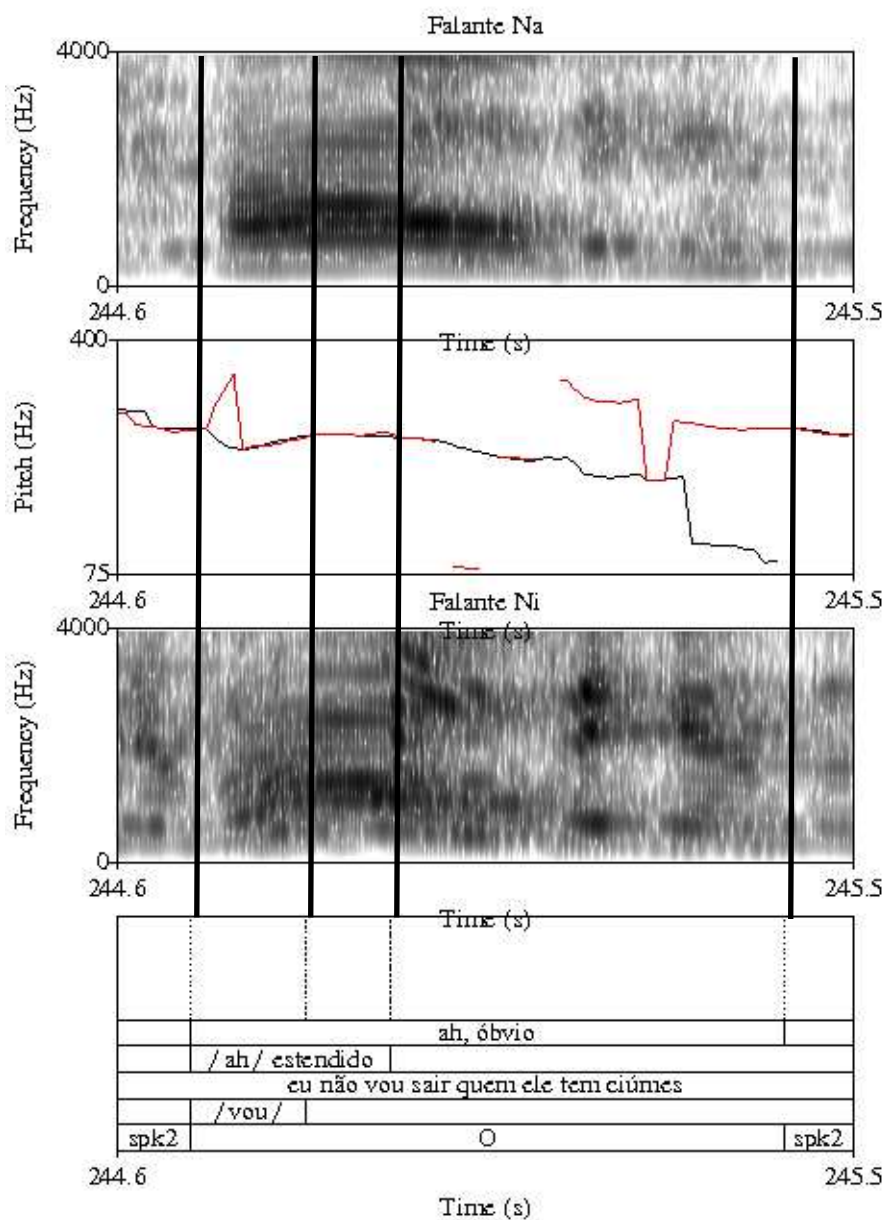


Figura 33. Na marcação de F_0 em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Ni: eu não [vou sair quem] ele tem ciúmes

Na: [ah::: óbvio]

Observamos na figura que Na aumenta o Fo no início da sobreposição e que se utiliza de um alongamento na vogal, no entanto essas pistas não configuram uma competição de turno, a partir da carga semântica percebemos que é apenas uma confirmação. Sendo apenas um Onset de Alvo Pontual.

Exemplo 9: Diálogo ente Na e Ni

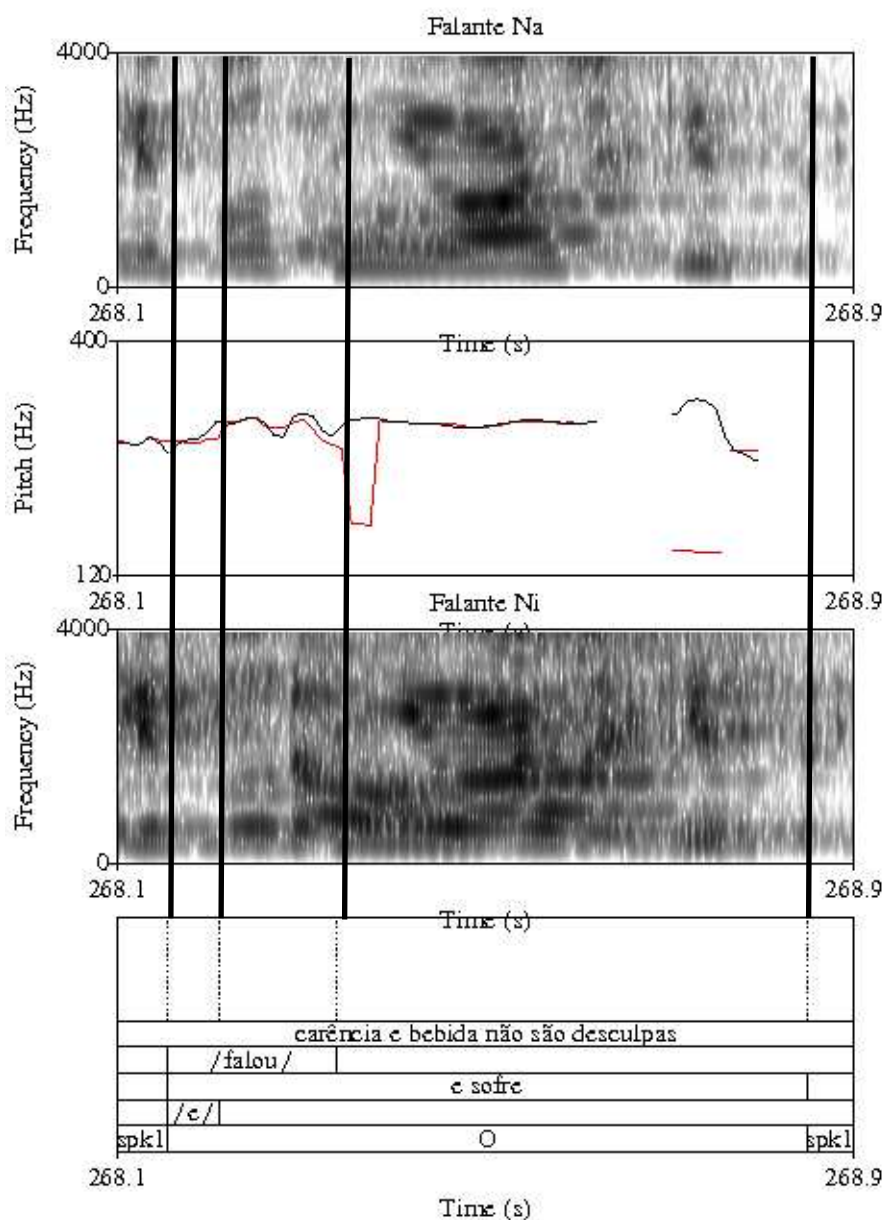


Figura 34. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Ele falou assim, ele [falou assim eu acho que], ele falou assim é a mesma coisa de você por a culpa na bebida

Ni: [e sofre]

Há uma continuidade no Fo de Ni, logo depois uma queda, e novamente uma cópia do Fo de Na. Não há indícios de ser um turno competitivo, há apenas uma adição de informação. Se trata de uma sobreposição do tipo Onset de Alvo Pontual.

c) Onset de Finalização:
 Exemplo 1: Diálogo entre C e H

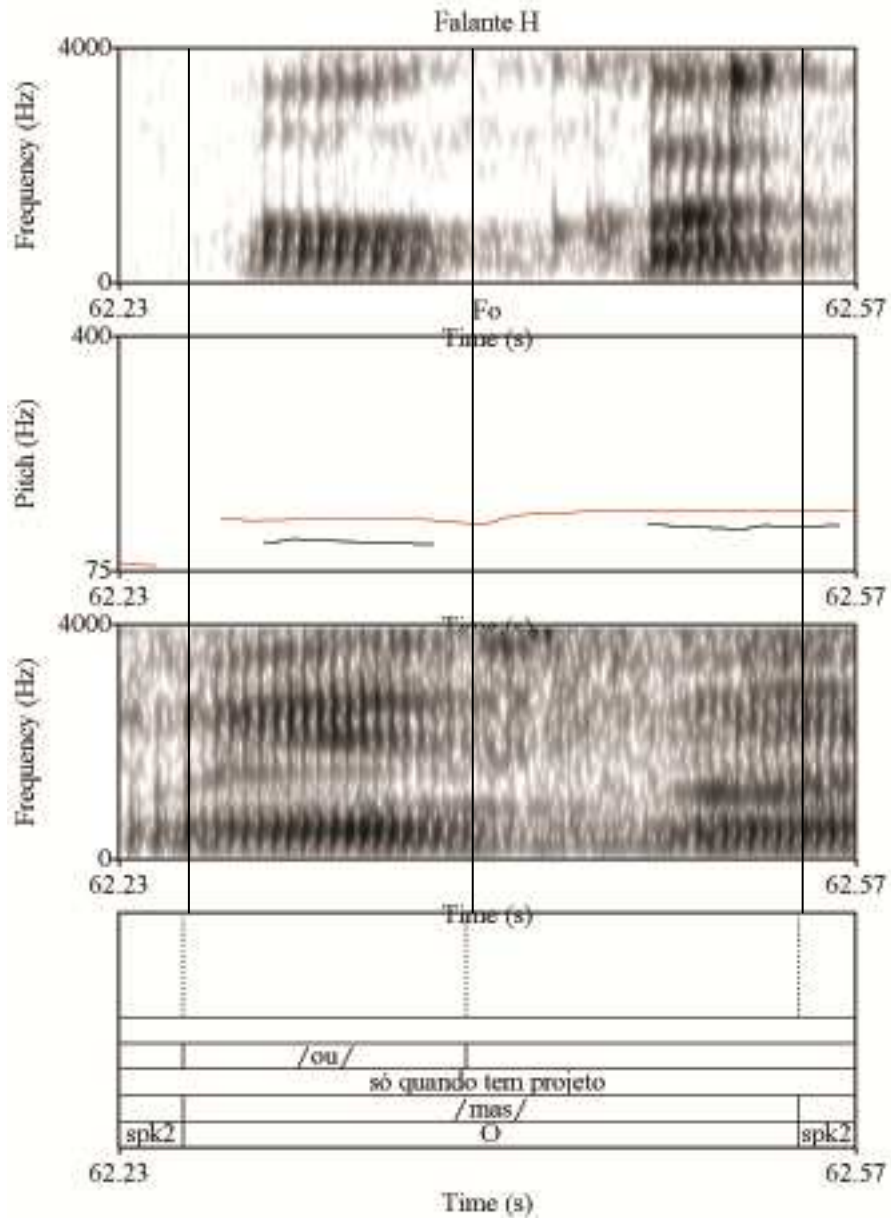


Figura 35. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

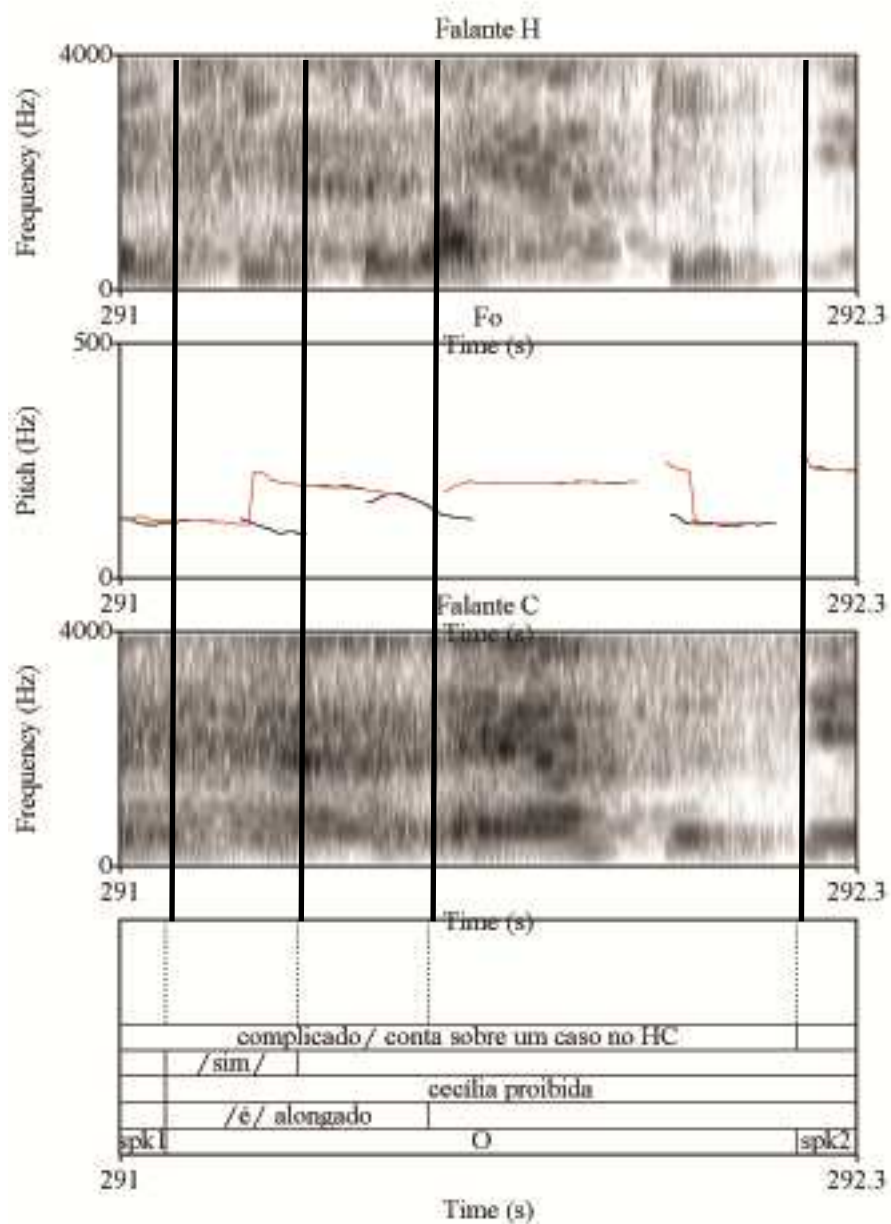
H: mas porque que isso?

C: eles aceitam só quando tem algum proje::to e ta::l, [mas não um::]

H: [ou quan ou tipo::] ou quando
você tem uma experiência para dar aula (0,8)

Neste trecho o falante H faz uma pergunta a C, e durante a resposta de C, por ela alongar a vogal da palavra “projeto” o que pode indicar que H entendeu que C estava próxima ao seu TRP, o falante H começa a tentar sobrepor esta fala a fim de mostrar que já compreendeu e que tem algo a acrescentar. No entanto, a falante C parece que não atingiu o TRP, principalmente por utilizar a conjunção adversativa ‘mas’, que é um marcador discursivo, ao final e por isso o falante H precisa também alongar sua vogal e repetir a entrada para tomar o turno e adicionar seu comentário. Podendo, então, ser caracterizado como um Onset de Finalização por haver uma antecipação do LTR a partir do conteúdo semântico.

Exemplo 2: Diálogo entre C e H



F

Figura 36. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

H: naquela escola lá na frente do HC, num prédio [enfim sei lá]

C: [é:: a C] que foi proibida e não pode ir mais lá

E por fim, neste trecho o falante H mostra que já não tem mais interesse no turno, pois não sabe o que dizer, portanto dando pistas prosódicas, como a diminuição no F_0 e de intensidade, indicando que seu TRP chegou, fazendo com que a falante C tome o turno e continue o tópico para a evolução do diálogo. Sendo considerado um caso de 'Terminal onset', pois o próximo falante inicia seu tópico sobrepondo, mas sem ser de modo competitivo, antecipando o TRP do falante corrente com base tanto na semântica, quanto na prosódia.

Exemplo 3: Diálogo entre G e B

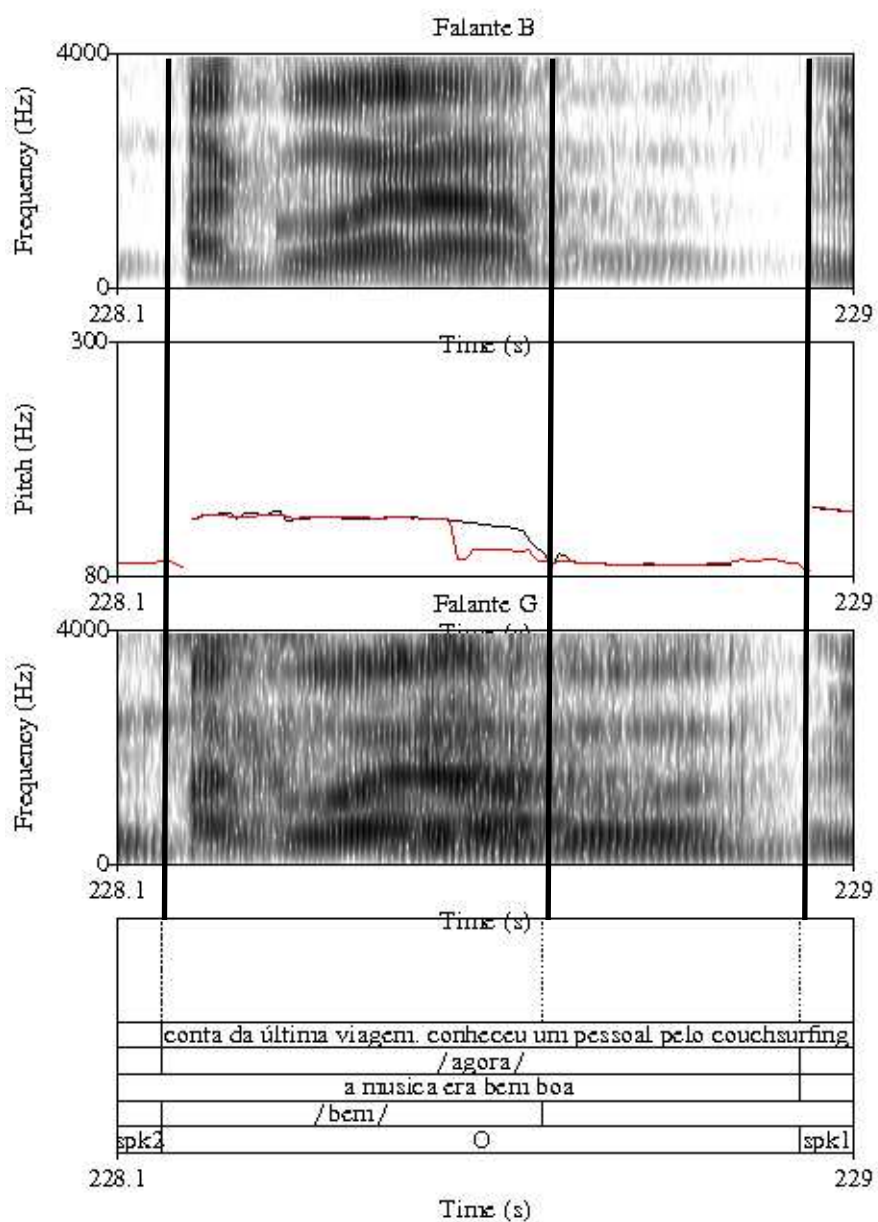


Figura 37. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição

G: Curti também, a musiquinha era boa, [bem boa]

B: [Agora] nessa última viagem que eu fiz

Este é um típico caso de Onset de Finalização em que o próximo falante, neste caso B, sobrepõe-se ao segmento sonoro final do falante corrente G, sendo que não há nenhuma pista acústica prosódica que indique competição, pode-se considerar como sendo uma antecipação ao LTR de G com base na semântica.

d) Onset Ponto Cego

Exemplo 1: Diálogo entre C e H

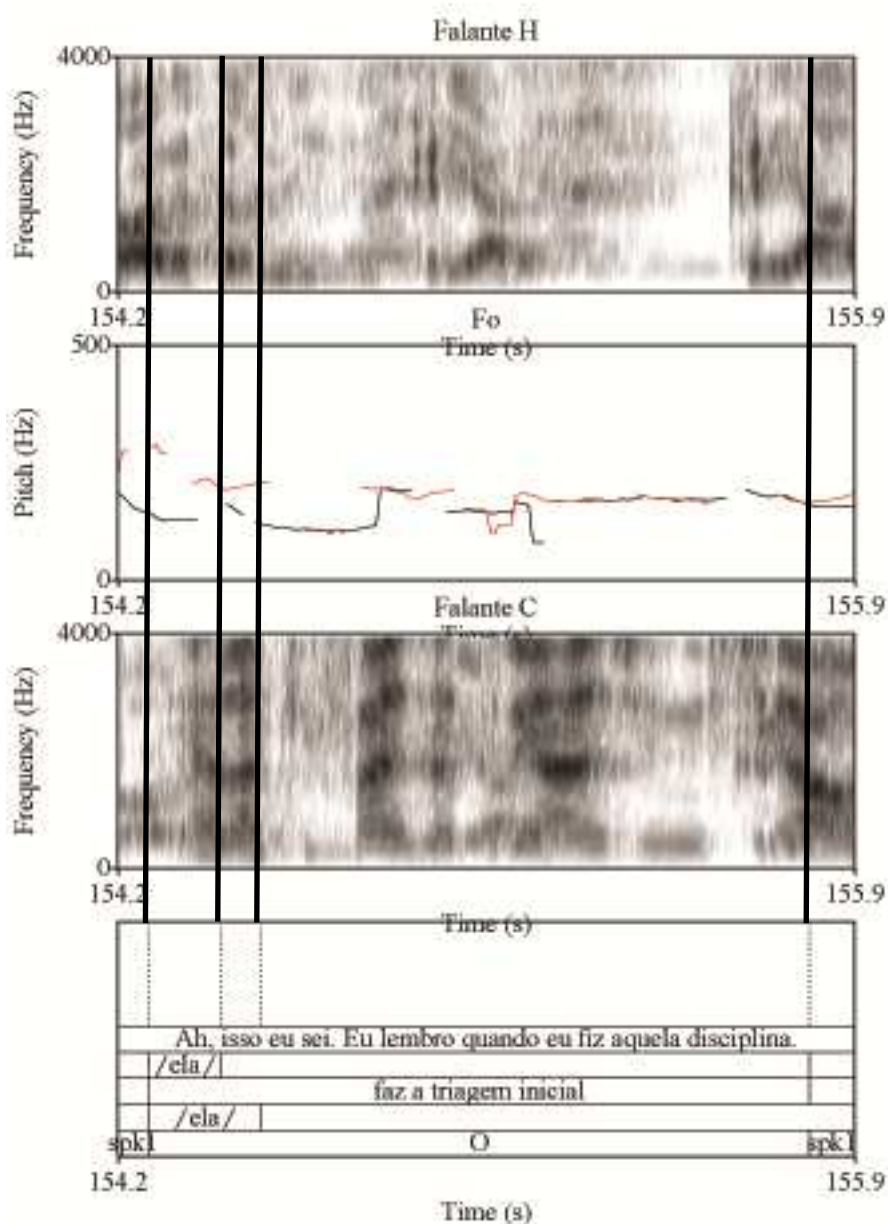


Figura 38. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

H: AH' isso aí eu tô ligado

H: aquela história

H: tipo passa tudo por ela

H: mas aí é aqu[ela história também criaram ::: criaram]

C: [ela que faz a triagem inicial]

H: criaram a cobra, agora aguenta

Neste segmento a falante C inicia um novo tópico a fim de mostrar para o falante H que ele se lembra do que ela já havia dito anteriormente e que procura adicionar um novo comentário, logo após a conjunção adversativa, no entanto a falante C sobrepõe-se à fala de H apenas para pontuar algo sobre o que diziam, não sendo orientada por algum indício prosódico de LTR, fazendo o falante H hesitar e por isso repetir o que diz, mas ele continua sua fala até o fim. Podendo ser caracterizado como um Onset Ponto Cego. Também não é um turno competitivo.

Exemplo 2: Diálogo entre Na e Ni

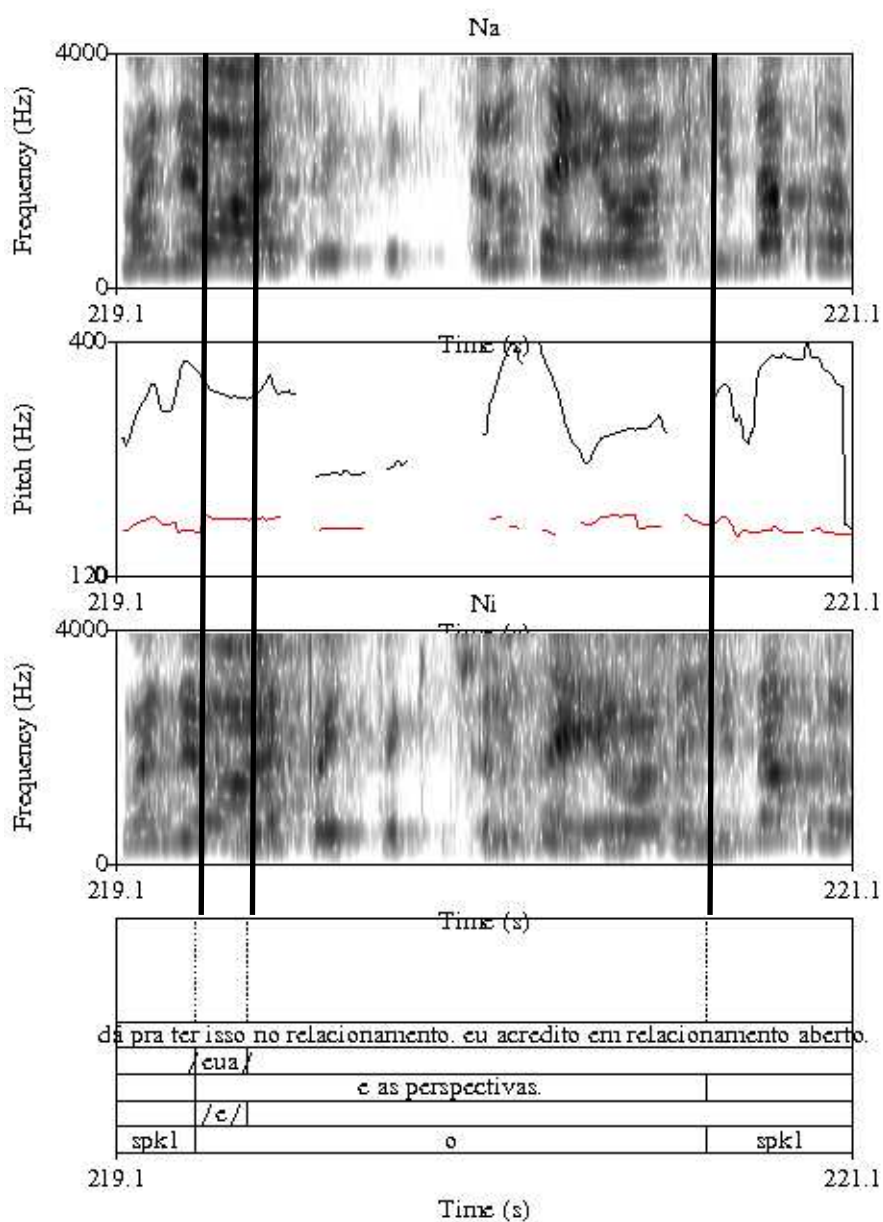


Figura 39. Na marcação de Fo em preto é a curva de Na e em vermelho de Ni.

Transcrição

Na: Mas [eu acho:: Eu não sei, mas eu acho] que dá pra fa: ter isso num relacionamento normal

Ni: [E as perspectivas:: não sei]

A falante Ni produz um Fo bem maior que o da falante Na, criando alguns picos, no entanto vê-se que durante a sobreposição Ni diminui o Fo no início da sobreposição, logo depois aumenta, no entanto sem causar um pico de Fo. É possível perceber que não é um turno competitivo, pois a falante Ni não tenta retomar o turno, apenas adiciona uma informação, podendo ser considerado um Onset de Ponto Cego por se tratar de uma sobreposição de não apenas uma palavra, e por estar depois do começo da fala de Na sem haver sinal de um LTR.

e) Onset Sem Pausa

Exemplo 1: Diálogo entre C e H

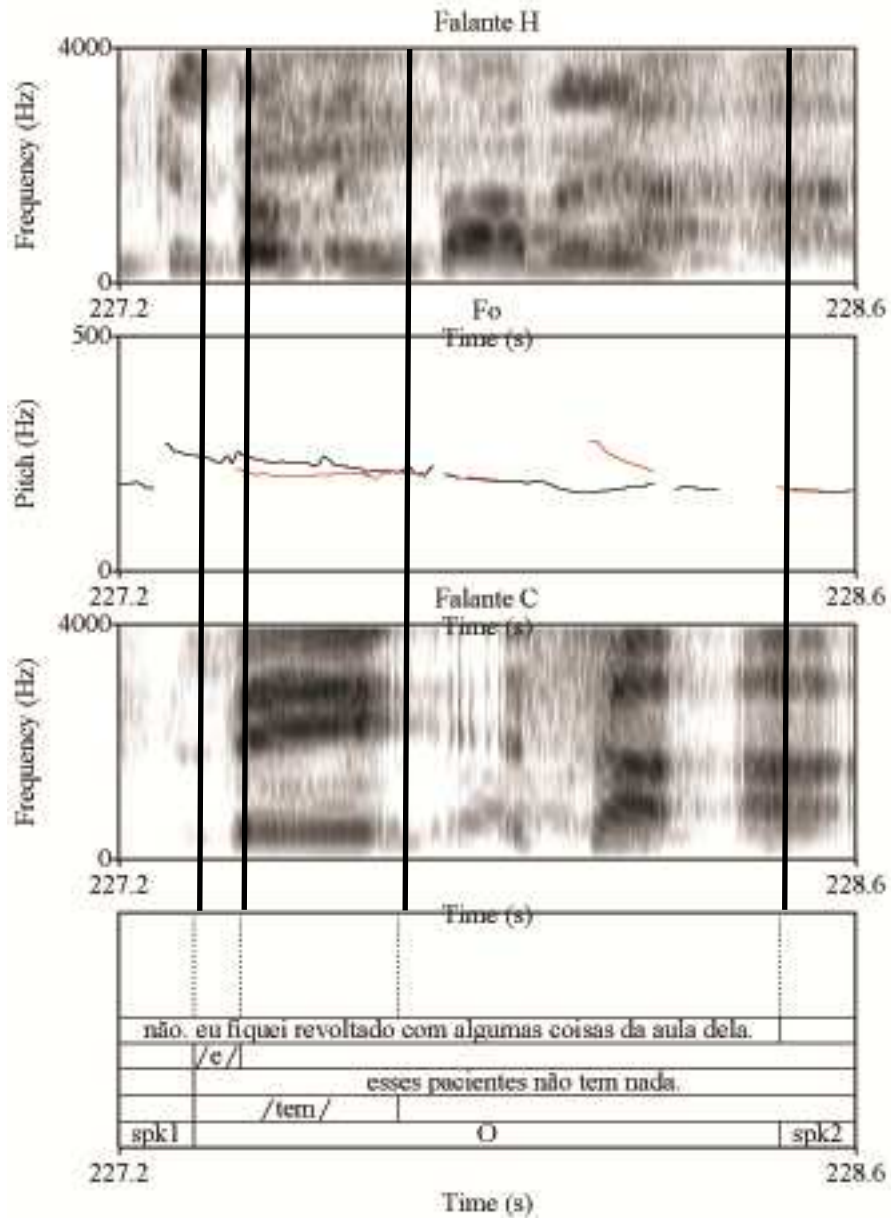


Figura 40. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

H: a minha vontade foi falar nada, tipo os cara não tem NADA, porqu[e que tá sentado aí]

C: [te:::::m êr sabe
a] J ela que sabe, ela que fala que os pacientes não têm nada

Pode-se reparar que o falante H, corrente, aumenta o Fo e o volume para dar ênfase no que diz, e a partir desta pista prosódica a falante C sabe que o TRP está próximo e então ela toma o turno para si, para isso ela alonga bastante a vogal de sua primeira palavra e até usa a expressão 'êr' para fazer com que o falante H pare de falar. É interessante notar que num primeiro momento poderia não ser uma tomada de turno competitiva, mas se torna, pois a falante C precisa se utilizar de artifícios prosódicos, como alongamento da vogal 'e', para iniciar e continuar seu turno. Podendo ser caracterizada como um Onset Sem Pausa ou um subproduto.

Exemplo 2: Diálogo entre C e H

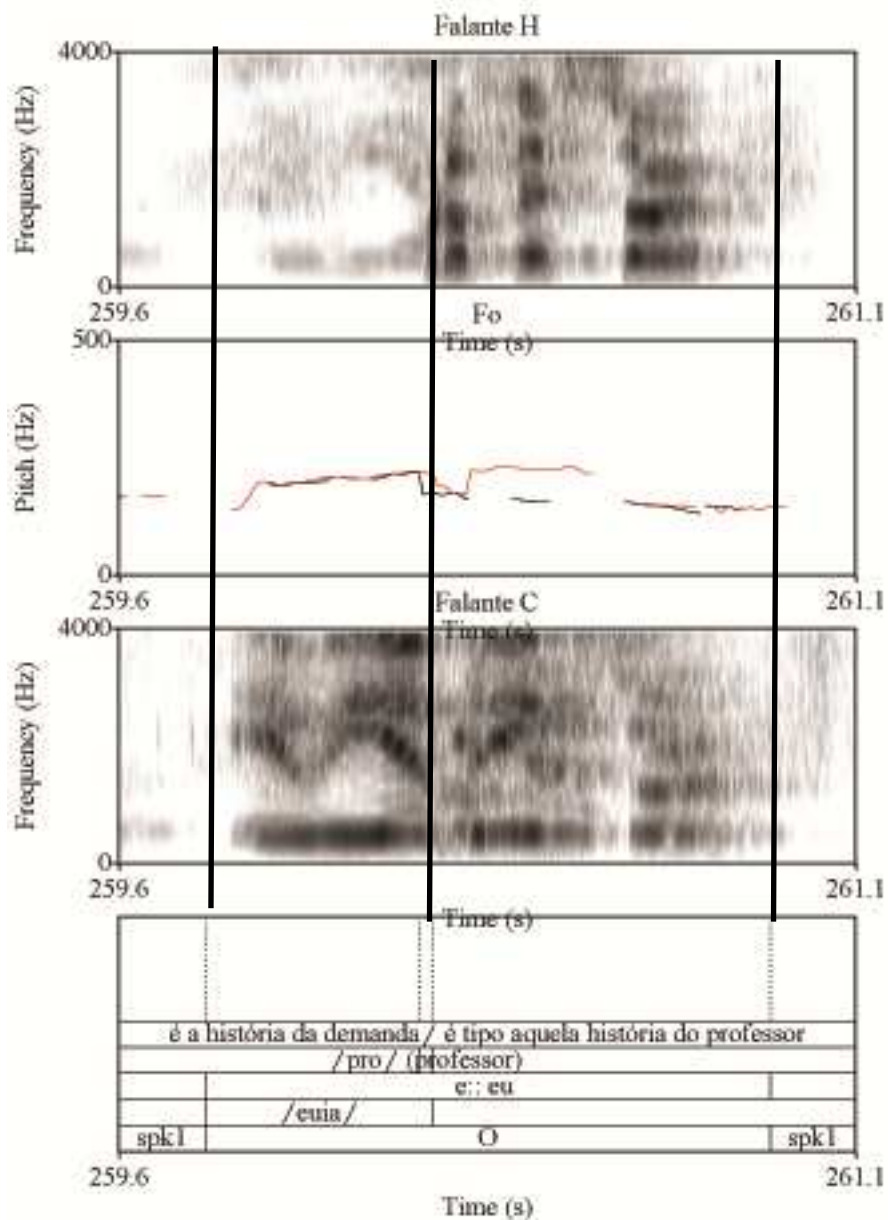


Figura 41. Na marcação de F0 em preto é a curva de H e em vermelho de C.

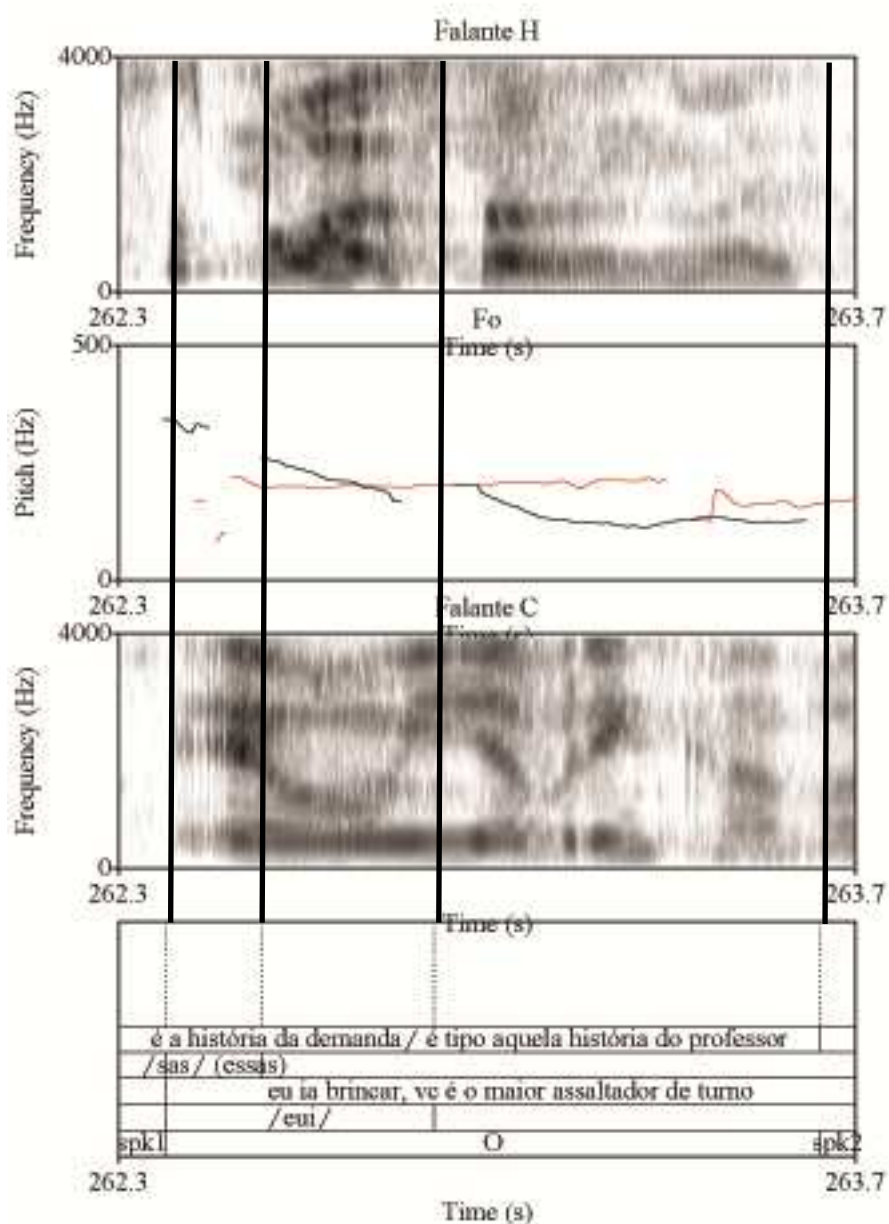


Figura 42. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

H: ah, você é professor, escola não sei o quê, ser professor é um emprego como qualquer outro. Profe::ssor pa::ga a co::nta, [professor] põe gasolina no carro essas [coisas todas]

C: [e:::eu]
 [eu ia brincar] você é o maior assaltador de turno que eu conheço!

Neste excerto o falante H, corrente, está explicando que professor é como qualquer outra pessoa, para isso ele se usa do alongamento das vogais. E então na sobreposição 13, a falante C tenta tomar o turno de H, também se utilizando do alongamento da vogal, desiste até perceber que o TRP está por perto e então toma o turno de H. Interessante notar que H aumenta o Fo e a intensidade ao pronunciar 'professor' no momento da sobreposição de C ao dizer 'e:::eu', competindo assim pelo turno para ele poder terminar por completo seu turno, o que não adianta por completo, pois C novamente se sobrepõe ao turno de H e inicia um novo tópico.

f) Onset de Próxima Posição Não Marcada
 Exemplo 1: Diálogo entre C e H

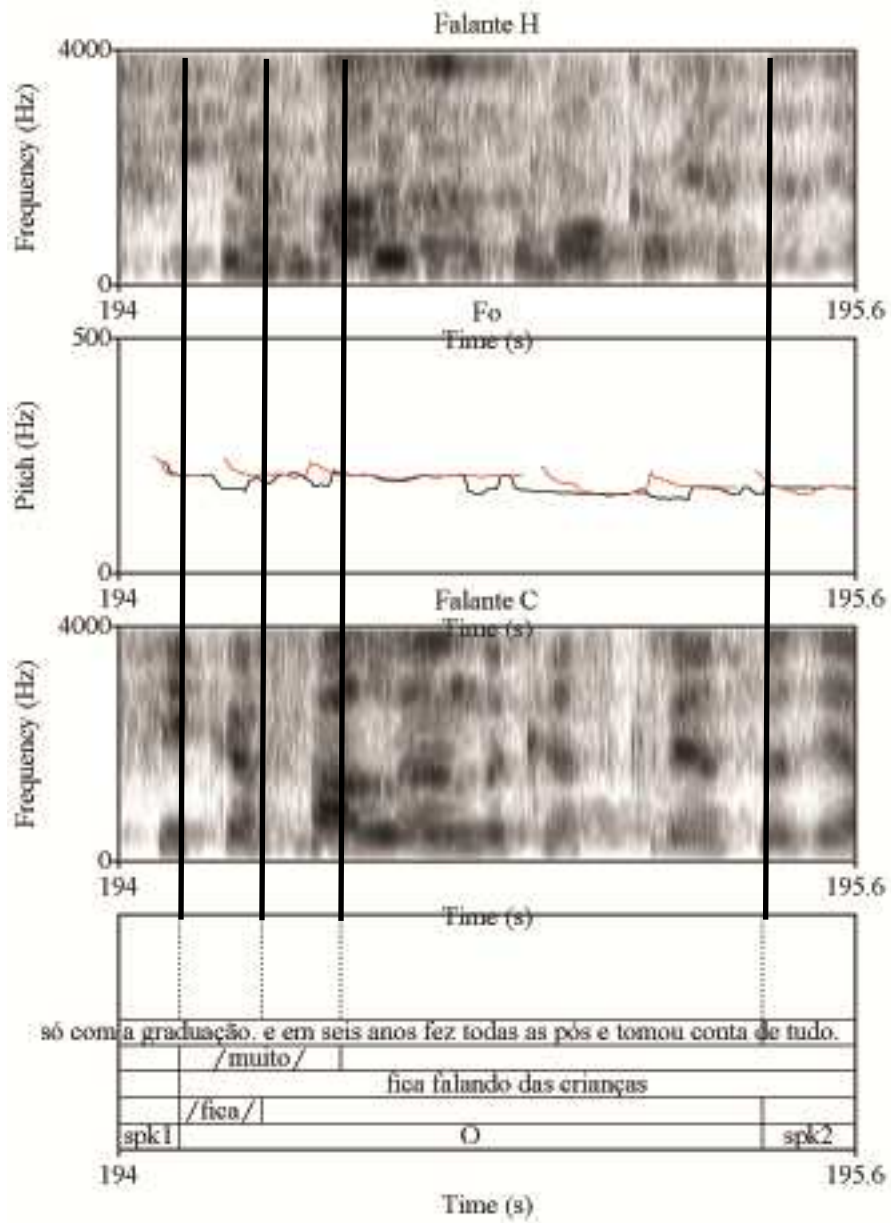


Figura 43. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

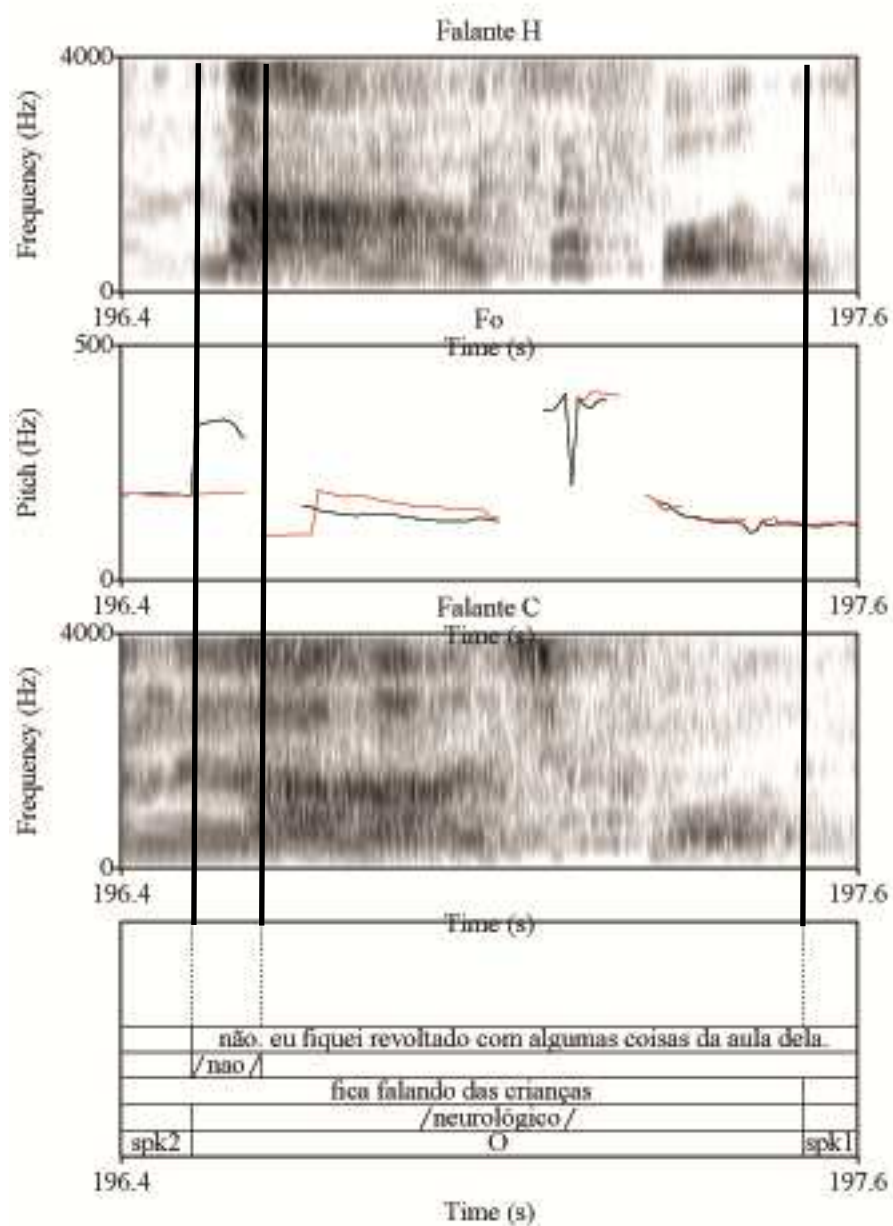


Figura 44. Na marcação de Fo em preto é a curva de H e em vermelho de C.

Transcrição

H: o que a galera tá fazendo véio

olhando [tipo todo mundo senta toma um café] (1,1)

C: [fica falando que as crianças] de abrigo tem problema
[neurológico]

H:

[A::H

MAS isso é ná não isso é]

 você você é aquela coisa dicotômica

 ou você é feliz ou você é lou::co

No trecho em questão, o falante H é interrompido e sobreposto pela falante C durante seu encadeamento de ideias, a falante C aumenta o Fo até o fim de suas duas sobreposições, apesar de não tomar o turno, ela faz com que se mude a direção do discurso de H. Interessante notar que a segunda sobreposição se dá de H sobre C, com H aumentando seu Fo e intensidade, além de se utilizar de um alongamento de vogal como que para manter o turno novamente. Podendo ser caracterizado como um Onset de Posição Não Marcada, no entanto a pausa entre as duas sobreposições é maior do que 0,2 segundos, o que poderia indicar que a quantidade de tempo não indicaria uma diferença entre o tipo de Sobreposição.

Exemplo 2: Diálogo entre G e B

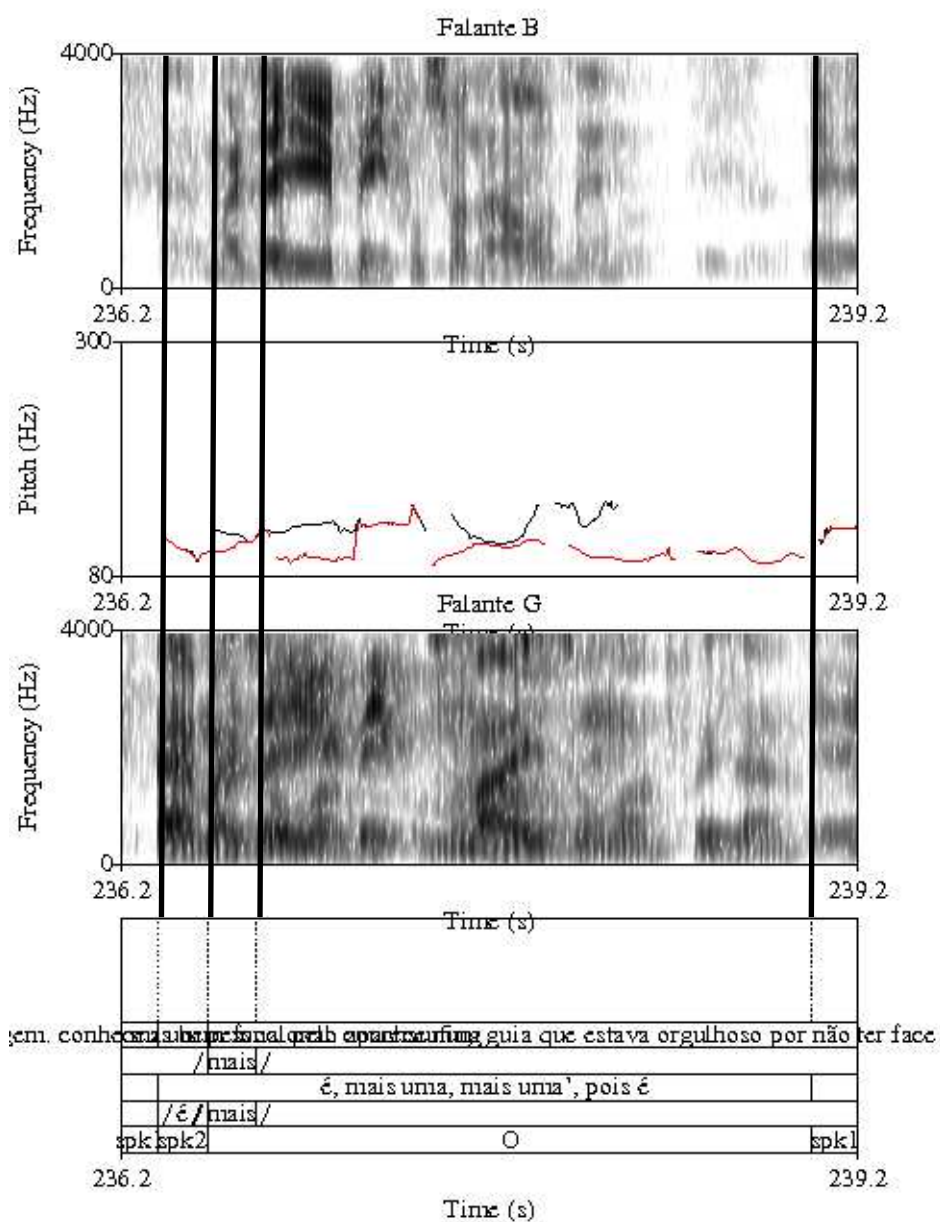


Figura 45. Na marcação de Fo em preto é a curva de B e em vermelho de G.

Transcrição S11P01

B: Eu tava tomando cerveja com um pessoal lá (0,6)
que eu tinha conhecido pelo Couchsurfing
mais uma rede social, né? (0,2)

G: é: [mais uma, mais uma', pois é]

B: [Mas aí bem funcional, né?] E

apareceu um guia local

Neste caso o falante G se aproveita da pausa do falante corrente B para iniciar seu turno, que acaba sendo sobreposto por B que eleva seu Fo a fim de continuar com o turno e o falante G acaba por fazer repetições o que deixa ainda mais fácil para o falante B retomar seu turno. Apesar da marcação de Fo mostrar que ambos aumentam a intensidade deste parâmetro, ao ouvir o diálogo percebemos que não se trata de um turno competitivo, o falante G apenas respondeu a pergunta retórica que o falante B havia feito (“né”). Portanto, este pode ser considerado um Onset de Próxima Posição Não Marcada, apesar da pausa sendo mais longa do que 0,2s.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas conclusões ainda podem ser consideradas provisórias, tanto pelo *corpus* ser relativamente pequeno, quanto por não haver ainda padrões de entoação.

A principal questão abordada durante este trabalho foi tentar identificar os recursos prosódicos utilizados pelos falantes do português brasileiro, que permitiriam uma monitoração do curso do turno em progresso de um diálogo, buscando projetar uma realização de um próximo turno. Compreendendo o papel decisivo dos parâmetros prosódicos, sugere-se que os diferentes tipos de sobreposição ocorrem em conversações naturais e, por isso são distribuídos da maneira como são. Estas sobreposições seriam orientadas de maneiras diferentes pelos participantes de acordo com um esquema prosódico e uma posição precisa de entrada de turno, sendo a posição determinada essencialmente por fatores acentuais.

No entanto, não é isso que estes dados revelam, a maior parte das sobreposições não apresentou algum parâmetro que realmente definisse de acordo com um padrão os tipos de sobreposição de fala, talvez por haver muitos exemplos nas gravações que fossem de alguma maneira muito semelhantes.

Retomando as hipóteses conseguimos identificar:

- (1) Não há como definir a sobreposição de fala como sendo apenas por motivação fonética, mas também a partir da carga informacional da fala e da adequação sintática da língua. Grande parte dos dados revelou que alguns tipos de marcadores de discurso (Mas, então, né) identificam ao interlocutor um momento de LTR juntamente ao aumento da intensidade do parâmetro fonético de Fo e muitas vezes até mesmo do padrão melódico entoado pelo falante;
- (2) No entanto, não há um padrão que defina o aumento de Fo como um aspecto fonético sistemático para a tomada de turno, visto que houve dados em que isto não aconteceu. Portanto, nos levando a concluir que existe sim uma variação de parâmetros prosódicos durante a sobreposição de fala que impede apontar um único recurso para a solução do conflito nos casos em que há tomada de turno;

- (3) Mostramos que o interlocutor pode entender um pico de Fo de seu parceiro na conversa como uma antecipação do final do turno ao começar seu turno logo após o pico;
- (4) Nos dados em questão foi possível verificar que nas sobreposições do tipo Onset de Reconhecimento o interlocutor toma o turno quando sente que entendeu do que se tratava o ponto principal da fala (atingiu o ponto de adequação semântica);
- (5) Quanto a diferenciação entre um turno competitivo e não competitivo, não foi possível chegar a uma conclusão definitiva, visto que a maior parte dos dados apresentou apenas turnos não-competitivos. No entanto, os poucos diálogos que apresentaram algum tipo de competição mostraram que existem algumas diferenças em relação aos resultados de estudos com as duas variedades do inglês. Vimos que em um dos exemplos (vf. Onset de Progressão, página 78) o interlocutor, a fim de tomar o turno, produz vários picos de Fo. Já em outro lugar (vf. Onset de Progressão, página 80), o interlocutor se utilizou inicialmente de uma diminuição na altura da voz do outro, e assim que percebeu a adequação semântica do que o falante corrente dizia, começou a sobrepor a fala e aumentar gradativamente o valor de Fo, ao mesmo tempo em que copiava a curva de Fo de seu parceiro no diálogo. Ressalte-se também que, ao tentar tomar o turno, o falante se utilizou de repetições.

Quanto aos resultados dos dados obtidos pelo script *Conversation Analysis* temos que a duração dos tempos de Tempo de Sobreposição durante o diálogo e Tempo de Silêncio tiveram resultados baixos como havia sido previsto no início do trabalho. No entanto, foi possível observar que (1) quando a proporção de Tempo de Partilha de um falante é maior que a do outro pode indicar que este parâmetro mostra que o falante cometeu o maior número de sobreposições sobre aquele com menor Tempo de Partilha; (2) em todos os diálogos analisados o Tempo de Silêncio foi entre 4 e 0,7%, portanto uma pequena porcentagem do diálogo possui momentos de silêncio entre as falas dos participantes do diálogo, ou seja, os participantes ficam tempos curtos sem falar durante o diálogo a fim de manter a comunicação; (3) por fim percebemos que dentre os três diálogos, o que contava com dois participantes do sexo

masculino obteve a maior porcentagem de Tempo de Sobreposição durante o diálogo (7%).

Por fim, o diálogo é uma experiência compartilhada em que cada falante participa com sua própria fala, e também com sua escolha de permanecer em silêncio apenas ouvindo. Por isso, em qualquer ponto do diálogo cada falante pode estar em apenas dois estados: ativo (falando) e passivo (ouvindo). Com este trabalho esperamos ter contribuído para que houvesse uma melhor caracterização de como se dá a participação dos falantes do Português Brasileiro em diálogos naturais. Esperamos que em trabalhos futuros possamos obter maiores respostas sobre como são utilizados os parâmetros prosódicos, temporais, sintáticos e semânticos durante diálogos espontâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, N., **Approaches to conversational speech rhythm: speech activity in two-person telephone dialogues**, 2007.

CAMPIONE, E.; VERONIS, J. **A large-scale multilingual study of silent pause duration**. ESCA-workshop on speech prosody, p 199-202, 2002.

CASPERS, J. **Testing the perceptual relevance of syntactic completion and melodic configuration for turn-taking in Dutch**. Proc. Eurospeech, p 1395-1398, 2001.

COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. **Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction**. In: E. Couper-Kuhlen & Selting (Orgs), *Prosody in conversation: Interactional Studies* (p. 11-56). Cambridge University Press, 1996.

COUPER-KUHLEN, E. **English speech rhythm: Form and function in everyday verbal interaction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

FORD, C.E.; THOMPSON, S.A. **Interactional units in conversation: syntactic, intonational, and pragmatic resources for the management of turns**. In: *Interaction and Grammar*. Cambridge University Press, 1996.

FRENCH, P.; LOCAL, J. **Turn-competitive incomings**. In: *Journal of Pragmatics*, vol.7, p. 701-715, 1983.

GROSZ, B.J.; SIDNER, C.L. **Attention, intentions, and the structure of discourse**. In: *Journal Computational Linguistics*, vol.12, p 175-204, 1986.

JEFFERSON, G. **Preliminary Notes on a possible metric which provides for a 'standard maximum' silence of approximately one second in conversation**. In: D. Roger & P.Bull (Orgs.), *Conversation, and Interdisciplinary perspective*. Vol.3, p. 166-196. Clevedon Multilingual Matters Ltd. 1989.

JEFFERSON, G. **Two Explorations of the organization of overlapping talk in conversation, 1: Notes on some orderlinesses of a overlap onset**. *Tillburg Papers in Language and Literature*, vol 28. Tillburg University, 1983.

JEFFERSON, G. **Notes on “latency” in overlap onset.** In: G. Button, P. Drew, & J. Heritage (Orgs), *Interaction and language use. Edição Especial de Human Studies*, vol.9, p 153-183, 1987.

KOUSIDIS, S.; DORRAN, D.; MCDONNELL, C.; COYLE, E. **Towards Flexible Representations for Analysis of Accommodation of Temporal Features in Spontaneous Dialogue Speech.** In: *Intespeech*, p. 2163-2166, 2009.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics.** Cambridge University Press, 1983.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática. 1996.

PENTLAND, A. **Signals and Speech.** In: *Proceedings of INTERSPEECH*, p 1-4, 2011.

SACKS, H; SCHEGLOFF, E.E.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation.** *Language*, 50, p. 696-735. 1974.

SCHEGLOFF, E.A. **Discourse as an interactional achievement: Some uses of ‘uh huh’ and other things that come between sentences.** In: Tannen, D. (Org), *Analyzing Discourse: Text and Talk.* Georgetown University Press, p 71-93, 1982.

SCHEGLOFF, E.A. **Reflections on Studying Prosody in Talk-in-interaction.** In: *Language and Speech*, vol.41 (3-4), p.235-263, 1998.

SCHEGLOFF, E.A. **Sequence organization in interaction: a primer in conversation analysis.** Vol. 1. Cambridge University Press, 2007.

SCHEGLOFF, E.A. **Turn Organization: One Intersection of grammar and interaction.** In: *Interaction and Grammar.* Cambridge University Press, 1996.

SCHEGLOFF, E.A.; OCHS, E.; THOMPSON, S.A. **Introduction.** In: *Interaction and Grammar.* Cambridge University Press, 1996.

SELLEN, A.J. **Remote Conversations: the effect of mediating talk with technology.** *Hum. Comput, Interact.* Vol 10, p 401-444, 1995.

ten BOSCH, L.; OOSTDIJK, N; de RUITER, J.P. **Durational Aspects of turn-taking in spontaneous face-to-face and telephone dialogues.** In: *Proceedings of the 7th International Conference on Text Speech Dialogue*, Brno, 2004.

ten BOSCH, L.; OOSTDIJK, N; de RUITER, J.P. **Turn-taking in social talk dialogues: temporal, formal and functional aspects.** In *SPECOM-2004: 9th Conference Speech and Computer*, 454-461. 2004.

WELLS, B.; MACFARLANE, S. **Prosody as an Interactional Resource: Turn-Projection and Overlap**. In: *Language and Speech*, July/December 1998, vol. 41, no. 3-4, p. 265-294.

